

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



José de Alencar
Teatro

O Jesuíta - A Expição



Iba Mendes
www.poeteiro.com

José de Alencar

Teatro

Volume II:
O Jesuíta - A Expição

Publicado originalmente: em 1875 - "O Jesuíta"; em 1867 - "A Expição".

José Martiniano de Alencar
(1829 – 1877)

"Projeto Livro Livre"

Livro 27



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro José de Alencar: *“Teatro (Volume II)”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

José de Alencar (J. Martiniano de A.), advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Messejana, CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877. É o patrono da Cadeira n. 23, por escolha de Machado de Assis.

Era filho do padre, depois senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar, com quem formara uma união socialmente bem aceita, desligando-se bem cedo de qualquer atividade sacerdotal. E neto, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar, matrona pernambucana que se consagraria heroína da revolução de 1817. Ela e o filho José Martiniano, então seminarista no Crato, passaram quatro anos presos na Bahia, pela adesão ao movimento revolucionário irrompido em Pernambuco.

As mais distantes reminiscências da infância do pequeno José mostram-no lendo velhos romances para a mãe e as tias, em contato com as cenas da vida sertaneja e da natureza brasileira e sob a influência do sentimento nativista que lhe passava o pai revolucionário. Entre 1837-38, em companhia dos pais, viajou do Ceará à Bahia, pelo interior, e as impressões dessa viagem refletir-se-iam mais tarde em sua obra de ficção. Transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai desenvolveria carreira política e onde frequentou o Colégio de Instrução Elementar. Em 1844 vai para São Paulo, onde permanece até 1850, terminando os preparatórios e cursando Direito, salvo o ano de 1847, em que faz o 3º ano na Faculdade de Olinda. Formado, começa a advogar no Rio e passa a colaborar no Correio Mercantil, convidado por Francisco Otaviano de Almeida Rosa, seu colega de Faculdade, e a escrever para o Jornal do Commercio os folhetins que, em 1874, reuniu sob o título de Ao correr da pena. Redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro em 1855. Filiado ao Partido Conservador, foi eleito várias vezes deputado geral pelo Ceará; de 1868 a 1870, foi ministro da Justiça. Não conseguiu realizar a ambição de ser senador, devendo contentar-se com o título do Conselho. Desgostoso com a política, passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

A sua notoriedade começou com as Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, publicadas em 1856, com o pseudônimo de Ig, no Diário do Rio de Janeiro, nas quais critica veementemente o poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães, favorito do Imperador e considerado então o chefe da literatura brasileira. Estabeleceu-se, entre ele e os amigos do poeta, apaixonada polêmica de que participou, sob pseudônimo, o próprio Pedro II. A crítica por ele feita ao poema denota o grau de seus estudos de teoria literária e suas concepções do que devia caracterizar a literatura brasileira, para a qual, a seu ver, era

inadequado o gênero épico, incompatível à expressão dos sentimentos e anseios da gente americana e à forma de uma literatura nascente. Optou, ele próprio, pela ficção, por ser um gênero moderno e livre.

Ainda em 1856, publicou o seu primeiro romance conhecido: Cinco minutos. Em 1857, revelou-se um escritor mais maduro com a publicação, em folhetins, de O Guarani, que lhe granjeou grande popularidade. Daí para frente escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios e polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. A parte de ficção histórica, testemunho da sua busca de tema nacional para o romance, concretizou-se em duas direções: os romances de temas propriamente históricos e os de lendas indígenas. Por estes últimos, José de Alencar incorporou-se no movimento do indianismo na literatura brasileira do século XIX, em que a fórmula nacionalista consistia na apropriação da tradição indígena na ficção, a exemplo do que fez Gonçalves Dias na poesia. Em 1866, Machado de Assis, em artigo no Diário do Rio de Janeiro, elogiou calorosamente o romance Iracema, publicado no ano anterior. José de Alencar confessou a alegria que lhe proporcionou essa crítica em Como e porque sou romancista, onde apresentou também a sua doutrina estética e poética, dando um testemunho de quão consciente era a sua atitude em face do fenômeno literário. Machado de Assis sempre teve José de Alencar na mais alta conta e, ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, em 1897, escolheu-o como patrono de sua Cadeira.

Sua obra é da mais alta significação nas letras brasileiras, não só pela seriedade, ciência e consciência técnica e artesanal com que a escreveu, mas também pelas sugestões e soluções que ofereceu, facilitando a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e da consolidação do romance brasileiro, do qual foi o verdadeiro criador. Sendo a primeira figura das nossas letras, foi chamado “o patriarca da literatura brasileira”. Sua imensa obra causa admiração não só pela qualidade, como pelo volume, se considerarmos o pouco tempo que José de Alencar pôde dedicar-lhe numa vida curta. Faleceu no Rio de Janeiro, de tuberculose, aos 48 anos de idade.

Academia Brasileira de Letras

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA	1
O JESUÍTA	3
A EXPIAÇÃO	84
PÓS-ESCRITO	173

ADVERTÊNCIA

Na primeira representação da *Hécira*, o público romano, distraído por um espetáculo de funâmbulos, não concorreu ao teatro.

Pondo novamente em cena a sua comédia, Terêncio referiu a circunstância em um prólogo e com esta severidade:

*Ita populus studio stupidus in funambulo.
Animum occuparat.*

O autor do *Jesuíta* não tomará estas palavras por epígrafe; recorda-as porém como uma lição para aqueles que taxaram de inaudito o seu procedimento.

A esses talvez applicasse Terêncio o epíteto que dirigiu ao povo-rei. O escritor brasileiro não se julga com tal direito.

Da mesma sorte que a comédia do ilustre poeta romano, o Jesuíta, não foi ouvido, nem julgado: *neque spectari, neque conosci*. O público fluminense teve para distraí-lo, não um, porém diversos funâmbulos.

Dando à estampa o drama, julgou o autor indispensável acompanhá-lo dos artigos que suscitou-lhe o eclipse do público. Antes desses artigos porém transcreveu o juízo crítico de um jovem escritor de grande talento, o Sr. Luís Leitão, que desenvolveu cabalmente o pensamento do Jesuíta.

Assim fica o leitor habilitado para sentenciar este pleito dramático; o julgar imparcialmente entre o autor, o público e os críticos.

O desígnio dos artigos escritos pelo autor, foi mostrar o atraso da nossa plateia e o abandono em que as classes mais ilustradas vão deixando o teatro, dominado exclusivamente pela chusma.

Não se propôs o autor a exaltar sua obra e apresentá-la como digna de aplausos e ovações. Quando ele consentiu que o *Jesuíta* fosse levado a cena, bem sabia que o entregava à indiferença pública.

Se o drama já de si era impróprio para nossa plateia habitual, a maneira por que foi representado, a precipitação em exhibi-lo sem aprovação do autor que não viu um só ensaio; a má distribuição dos papéis; tudo isto justificaria um revés; mas não explica a deserção.

Esta só tem uma razão.

É que o público fluminense ainda não sabe ser público, e deixa que um grupo de ardílios usurpe-lhe o nome e os foros.

Se algum dia o historiador de nossa ainda nascente literatura, assinalando a decadência do teatro brasileiro, lembrar-se de atribuí-la aos autores dramáticos, este livro protestará contra a acusação.

A representação do *Jesuíta* é a nossa plena justificação. Ela veio provar que o afastamento dos autores dramáticos, não é um egoísmo, mas um banimento.

O charlatanismo expulsou a arte do templo.

O JESUÍTA

PERSONAGENS

DR. SAMUEL, médico italiano.
CONDE DE BOBADELA, governador do Rio de Janeiro.
ESTÊVÃO DE MENDONÇA, pupilo de Samuel.
FR. PEDRO DA LUZ, feitor dos Jesuítas.
JOSÉ BASÍLIO DA GAMA, noviço da Companhia.
D. JUAN DE ALCALÁ, aventureiro espanhol.
MIGUEL CORREIA, alferes.
GARCIA, índio.
DANIEL, cigano.
D. CONSTANÇA DE CASTRO, filha natural do Conde.
INÊS, caseira de Samuel.

ATO I

CENA PRIMEIRA

CONDE DE BOBADELA e MIGUEL CORREIA

CONDE – Então?

CORREIA – Saiu.

CONDE – Com quem falastes?

CORREIA – Com a sua caseira.

CONDE – Quando volta? Perguntastes?

CORREIA – Não sabe.

CONDE – Impossível...

CORREIA – Insisti, porém nada pude colher.

CONDE – Desconfiou talvez.

CORREIA – Não creio. Disse-lhe, como me ordenou V. Ex., que se tratava de um doente.

CONDE – Não importa: ele há de tornar. É preciso que hoje mesmo o tenha em meu poder.

CORREIA – Como! É intenção de V. Ex. prendê-lo?

CONDE – Não interroga senão quem tem o direito de saber, Miguel Correia. Conhecereis minhas intenções, quando vos der as minhas ordens.

CORREIA – Perdão, Sr. Conde; sei o que devo a meu superior e o que me devo a mim mesmo; não tive propósito de interrogar a V. Ex.; foi simples admiração.

CONDE – E em que vos admira a prisão desse homem? Dizei-o!...

CORREIA – Permite o Sr. Governador que eu seja franco?

CONDE – Ordeno, se é preciso.

CORREIA – Não ignora V. Ex. que o doutor Samuel é estimado de todos; não há miséria ou infortúnio nesta cidade à que ele não leve um alívio ou um consolo. A sua ciência é tão profunda, quanto sua bolsa é rasa; ao passo que uma serve ao rico, a outra pertence aos pobres.

CONDE – E que concluis de tudo isto?

CORREIA – Que a prisão desse homem, com ser uma injustiça, pode tornar-se um perigo. O povo o defenderá; os padres sobretudo o sustentarão.

CONDE – E eu o acusarei contra o povo, contra os jesuítas, contra todos. Não se dirá que um aventureiro zombou do conde de Bobadela e lutou impunemente contra a coroa de Portugal.

CORREIA – Que diz, Sr. Governador?

CONDE – Digo que este velho não é o que pensais; mas um perigoso conspirador. Há muito que o suspeitava; mas só hoje tenho a arma, que o deve ferir. (*Mostra-lhe um pergaminho*) Reconheceis?

CORREIA – O selo do marquês de Pombal?!

CONDE – Sim, daquele que devia ser rei, se não fosse ministro de D. José I (*Estêvão entra*)

CORREIA – Ah!... É o pupilo do doutor Samuel.

CONDE – Não quero que nos veja. Voltemos ao paço; tomai uma guarda de vinte homens e ocultai-vos nas vizinhanças. Ao meio-dia estarei aqui; tenho despachos que escrever para as capitanias do sul.

CENA II

INÊS, JOSÉ BASÍLIO e ESTÊVÃO

INÊS (*ao descer encontra-se com José Basílio*) – Ai!... Não gosto destas graças, Sr. estudante!

JOSÉ BASÍLIO – Não é graça, não, Inês; é. negócio muita sério. Tu me deste um abraço, devo pagá-lo.

INÊS – Fui eu que o dei!... Forte desaforo!

JOSÉ BASÍLIO – Bem sei que as mulheres não costumam confessar estas coisas; por isso podes desculpar-te comigo.

INÊS – Não tem vergonha! Um rapaz que traz este santo hábito!

JOSÉ BASÍLIO – Pois é mesmo por isso. Este santo hábito é uma capa de nossas mazelas. (*Descem à esquerda*)

INÊS – E de todas as travessuras que o senhor faz aí à sorrelfa. Ah! se o Reitor o ouvisse!

JOSÉ BASÍLIO – Que tinha isso?... A nossa regra proíbe com penas muito severas amar uma mulher, uma, entendes, Inês? Isto quer dizer que devemos amar a todas.

INÊS – Que heresia, santo Deus! E é um tonsurado quem diz semelhante coisa!

JOSÉ BASÍLIO – Não sou eu quem o diz, filha; é o mandamento: “Amar ao nosso próximo como a nós mesmos.” Tu és meu próximo, Inês; e eu estou tão próximo de ti que... (*Ameaça beijá-la*)

INÊS – Sr. estudante!... Não se engrace; olhe que eu conto a frei Pedro!

JOSÉ BASÍLIO – Está bem; não vai a zangar, filha. Falemos de cousas urgentes. Onde encontrarei o doutor Samuel?

INÊS – Pergunta a quem não lhe sabe responder. Ainda há pouco procuraram por ele para ver um doente, e não lhe pude valer.

JOSÉ BASÍLIO – Como há de ser? Precisava falar-lhe sem demora.

INÊS – Há alguma coisa lá pelo convento? O que aconteceu?

JOSÉ BASÍLIO – Está tudo em uma balbúrdia, que ninguém se entende. Chegou-nos um capitão espanhol, uma espécie de ferrabrás que pôs toda a casa em alvoroço: e o padre Reitor mandou-me a toda a pressa entregar esta carta ao doutor Samuel.

INÊS – Que será, bom Deus? Talvez alguma das do Sr. Governador contra os santos padres de Jesus.

JOSÉ BASÍLIO – Decididamente não me dizes onde o acharei?

INÊS – Ora!... Aquilo é homem que nunca se sabe onde anda.

JOSÉ BASÍLIO – O verdadeiro é esperar. — Chega-te, filha.

INÊS – Já começa com as suas brincadeiras!

JOSÉ BASÍLIO – Não; agora trata-se de um objeto muito grave.

INÊS – O que é? Vamos a ver.

JOSÉ BASÍLIO – Com o barulho que havia lá pelo convento frei Bandurra, sabes, o nosso despenseiro, esqueceu-se do refeitório.

INÊS – E que tem isso?

JOSÉ BASÍLIO – Tem, que sinto uma fome de sexta-feira; ainda estou com a boca com que dormi.

INÊS – Entendo! Quer que vá aprontar-lhe o almoço?

JOSÉ BASÍLIO – Benta palavra! Vai, filha, vai. Não te esqueça um daqueles franguinhos recheados como sabes preparar.

INÊS – Só pensa em comer e vadiar.

JOSÉ BASÍLIO – Não gastes o tempo com palavras. Se queres, vou ajudar-te.

INÊS – Muito obrigada! Dispensou.

JOSÉ BASÍLIO – Pois então enquanto espero, vou fazer-te um soneto, para pagar o almoço.

INÊS – Como aquela cantiga?

JOSÉ BASÍLIO – Sim, mas avia-te!

INÊS – Arre lá com tanta pressa!

JOSÉ BASÍLIO – Ah! onde anda Estêvão?

INÊS – Há de estar lá no seu canto costumado, às voltas com os livros.

CENA III

JOSÉ BASÍLIO e ESTÊVÃO

JOSÉ BASÍLIO – Em que pensas, Estêvão?

ESTÊVÃO – José Basílio!... Oh! estimei que viesses.

JOSÉ BASÍLIO – Tens alguma coisa que dizer-me?

ESTÊVÃO – Sim, e uma coisa bem importante para nós ambos.

JOSÉ BASÍLIO (*a rir*) – Vamos a isso, apesar de que ainda não almocei, e as emoções em jejum causam certo desarranjo.

ESTÊVÃO – Não gracejes, José Basílio. O momento não é para isto. Quando souberes...

JOSÉ BASÍLIO – Desculpa!... Este meu gênio!... Sou incorrigível! Mas não faças caso; sabes que sob esta aparência frívola, bate o coração de um amigo.

ESTÊVÃO – E de um bom e sincero amigo, a quem posso confiar-me.

JOSÉ BASÍLIO – Fala! O que tens para dizer-me?

ESTÊVÃO – Uma palavra, uma só; mas uma triste palavra. Vou dizer-te adeus!

JOSÉ BASÍLIO – Tu partes?

ESTÊVÃO – Estou decidido.

JOSÉ BASÍLIO – Quando?

ESTÊVÃO – Amanhã.

JOSÉ BASÍLIO – Para onde?

ESTÊVÃO – Não sei.

JOSÉ BASÍLIO – Mas é um projeto louco!

ESTÊVÃO – É uma resolução inabalável.

JOSÉ BASÍLIO – Pensaste bem no passo que vais dar?

ESTÊVÃO – Pensei em tudo; e decidi quebrar de uma vez esta cadeia que me prende. Amanhã deixarei esta terra.

JOSÉ BASÍLIO – E que destino levas?

ESTÊVÃO – Vou para onde me lançar a sorte. O lugar pouco importa, com tanto que seja livre!

JOSÉ BASÍLIO – Mas, Estêvão, reflete no futuro que te espera. Só e sem recursos, sem parentes.

ESTÊVÃO – Deus deitou-me órfão e enjeitado neste mundo.

JOSÉ BASÍLIO – Porém deu-te um protetor e amigo que velou sobre a tua infância. A habitação do doutor Samuel é para ti a casa paterna; tu não podes, não deves fugir dela.

ESTÊVÃO – Fugir!... Estás enganado, José Basílio, se pensas que pretendo partir às ocultas como um criminoso.

JOSÉ BASÍLIO – O doutor Samuel consentirá?

ESTÊVÃO – Sou um homem; tenho o direito de dirigir-me pela minha vontade. Ainda não fiz voto de obediência.

JOSÉ BASÍLIO – Assim, não há razão que te faça mudar de propósito; nem a dor daquele que te serve de pai; nem o pedido de um amigo?

ESTÊVÃO – Devo partir.

JOSÉ BASÍLIO – Neste caso, não me resta senão dizer-te que a todo o tempo acharás sob esta grosseira estamena o mesmo amigo que hoje abandonas.

ESTÊVÃO – José Basílio!... Não me acuses! Não me julgues ingrato!

JOSÉ BASÍLIO – Lamento-te; não tenho o direito de acusar, Estêvão.

ESTÊVÃO – Vou abrir-te minha alma. Ouve e julga-me. Sabes o respeito e a admiração que voto ao homem que me recolheu como um filho, quando meus pais me atiraram à rua como um fardo inútil. Ele tem sido para mim, mais do que um amigo ou protetor, mais do que uma família: Também o que eu sentia não era amor, era um culto. Sua vontade era a minha lei; quando há dois anos comunicou-me seu desejo de que eu entrasse na companhia de Jesus logo que terminassem os meus estudos; recebi essa nova com a mesma satisfação que tinha sempre que podia cumprir uma ordem sua.

JOSÉ BASÍLIO – E eu alegrei-me com a esperança de que a minha cela ia receber a outra metade de minha alma que andava erradia pelo mundo.

ESTÊVÃO – À mim também sorriu esta esperança. Mas então... Perdoa-me, José Basílio! Então o coração não havia despertado; o horizonte da vida não se abria: ignorava ainda que acima da religião, do respeito filial, da amizade, há um outro sentimento mais forte e mais profundo que domina o homem e o possui todo e tanto que a existência se resume nele.

JOSÉ BASÍLIO – O amor?

ESTÊVÃO – Sim, o amor. Como eu o senti não sei dizer-te: Vi uma menina, vi-a um instante, porém esse instante foi uma revolução em minha vida; a alma elevou-se da terra; e eu engrandeci-me com este sentimento novo. Sonhei glórias, poder...

JOSÉ BASÍLIO – Oh! compreendo tudo agora! É este amor que te obriga à uma resolução desesperada.

ESTÊVÃO – É este amor que me faz ambicioso, e que me dá sede de liberdade!... Quero merecê-la! (*D. Juan aparece*)

JOSÉ BASÍLIO – Alguém nos escuta!

ESTÊVÃO – Um soldado!... Por estes lugares!

JOSÉ BASÍLIO – Parece-me que já vi esta figura de mata-mouro.

ESTÊVÃO – Vê se consegues afastá-lo; preciso estar só aqui. Depois falar-te-ei...

JOSÉ BASÍLIO – Onde nos encontraremos?

ESTÊVÃO – Na portaria da Ajuda.

JOSÉ BASÍLIO – Não te demores.

CENA IV

JOSÉ BASÍLIO e D. JUAN

D. JUAN – Bom-dia, senhor roupeta!

JOSÉ BASÍLIO – Deus o salve, senhor gibão rafado!

D. JUAN – Hein!... Que é isso lá?

JOSÉ BASÍLIO – Perdão! Pelo tratamento de v. m. julguei que era uso agora apelidar-se a gente pelo vestuário.

D. JUAN – Pois para que não se adiante, saiba que tem a honra de falar ao insigne capitão D. Juan Fuerte de Alcalá, fidalgo espanhol, atualmente ao serviço d’El-Rei D. José I, nosso senhor, que Deus guarde. (*Tira o chapéu*)

JOSÉ BASÍLIO – Servo de v. m. José Basílio da Gama, noviço estudante na companhia dos Padres de Jesus que tem a sua colegiada no morro do Castelo desta cidade de São Sebastião. (*Tira o chapéu*)

D. JUAN – Conheço. Conheço a tal colegiada! De lá venho agora.

JOSÉ BASÍLIO – Assim me parecia; lembrava-me tê-lo deixado quando saí.

D. JUAN – E se não tomasse a boa resolução de pôr-me ao fresco, ainda lá estaria à esta hora olhando para as paredes à espera que os malditos frades se decidissem a dar uma palavra. Com a breca! É uma casa de mudos!

JOSÉ BASÍLIO – Que lhe sucedeu então?

D. JUAN – Ora !... Chego, pergunto pelo Reitor, levam-me a um velho carola; exponho-lhe o caso em termos claros; o reverendo escreve uma carta, levanta-se e até agora o espero. Dirijo-me a uns barbaças que andavam como baratas de um lado para outro, e por toda a resposta levam o dedo à boca. Pelas chagas de Cristo! Era de mais. Puxo da espada; a fradaria barafusta por um corredor, e eu ganho a ladeira.

JOSÉ BASÍLIO (*rindo*) – Ora, deixe estar, senhor capitão, que para outra vez não lhe há de acontecer o mesmo. Lá estarei, e conversaremos à larga.

D. JUAN – Para outra vez! Pois não! Tinha que ver si eu voltasse à semelhante casa.

JOSÉ BASÍLIO – Mas o negócio de que ia tratar?

D. JUAN – Que se arranjem! Se quiserem, procurem-me; o negócio é deles.

JOSÉ BASÍLIO – Entretanto, segundo ouvi, foi isso que o trouxe ao Rio de Janeiro?

D. JUAN – Histórias! Uma bela manhã passeava pelo cais do Sudré quando deram-me tentações de viajar. Eu cá sou da escola de César; um navio levantava a ancora: decidi, embarquei, e cheguei.

JOSÉ BASÍLIO – Ontem à noite no galeão São Martinho?

D. JUAN – Justamente.

JOSÉ BASÍLIO – Mas para decidir-se assim à uma viagem tão precipitada devia ter uma razão forte.

D. JUAN – Eu lhe digo. Estava em Lisboa muito a meu cômodo; porém a minha bolsa, que entrara na capital da Lusitânia bem recheada, ficara reduzida a cinco patacas em prata. Ora, eu sigo um sistema; quando não tenho dinheiro viajo.

JOSÉ BASÍLIO – É inteiramente o contrário do que os outros costumam.

D. JUAN – Não duvido; dou-me perfeitamente com o meu sistema; tenho percorrido as quatro partes do mundo; na Europa passei por um príncipe viajando incógnito; na Ásia por um pachá de três caudas; na África pelo novo profeta.

JOSÉ BASÍLIO – Na América, passará pelo que é!...

D. JUAN – Aqui pretendo casar-me com uma caboclinha, filha de algum cacique que traga-me em dote uma mina de ouro e um alqueire de diamantes. E quem me há de arranjar isto, é lá o seu Reitor.

JOSÉ BASÍLIO – Ah! Já pretende voltar ao convento?

D. JUAN – Pois não!... Ele virá ter comigo.

JOSÉ BASÍLIO – Esta é mais curiosa!

D. JUAN – Veremos! O que eu lhe disse hoje lhe dará a curiosidade de saber o resto.

JOSÉ BASÍLIO – Pelo que parece, é cousa muito importante!

D. JUAN – Não; são duas palavras, mas aposto que S. Ex. o senhor conde de Bobadela, daria por elas de olhos fechados a soma de mil cruzados.

JOSÉ BASÍLIO – Sim!... E por que não lhos pediu ainda?

D. JUAN – Por quê?... Porque os frades podem dar o dobro; se não quiserem, então vou ao Governador. Quando se arrependerem será tarde. Até à vista.
(*Afasta-se*)

JOSÉ BASÍLIO – Senhor capitão?

D. JUAN – Que temos?

JOSÉ BASÍLIO – Escute por mercê.

D. JUAN – Vá lá, mas depressa; que eu estou demorado por estes sítios.

JOSÉ BASÍLIO – O senhor ignora decerto que vim do convento trazer uma carta.

D. JUAN – A tal carta do Reitor?

JOSÉ BASÍLIO – Essa mesma; ele escreveu ao doutor Samuel.

D. JUAN – Quem é esse doutor Samuel?

JOSÉ BASÍLIO – É um medico italiano, homem de muito saber e virtudes a quem o padre Reitor costuma consultar.

D. JUAN – Ah! E onde se encontra esse homem precioso?

JOSÉ BASÍLIO – Olhe; ali está a casa.

D. JUAN – Bom; vou já falar-lhe.

JOSÉ BASÍLIO – Com licença! Saiu, mas não pode tardar; também estou à sua espera.

D. JUAN – Hein!... Tudo isto me parece uma zombaria... Mas eu acabo a história, indo daqui direito ao Governador. Adeus, senhor roupeta. Diga ao Padre-mestre que breve lhe darei notícias minhas. (*Estêvão entra pela direita e aproxima-se de José Basílio, que não o vê. D. Juan vai sair pela esquerda*)

CENA V

JOSÉ BASÍLIO, D. JUAN e ESTÊVÃO

JOSÉ BASÍLIO – Ouça, capitão, não se vá!

ESTÊVÃO (*a José Basílio*) – Como! Em vez de afastá-lo, queres demorá-lo!

JOSÉ BASÍLIO – É verdade; tinha-me esquecido do que me pediste.

D. JUAN (*a Estêvão*) – Olá, senhor moço!... Nesta terra é uso não saudar os outros?

ESTÊVÃO – Nesta terra cada qual segue o seu caminho sem dizer impertinências a quem não conhece.

D. JUAN – Pelas chagas de Cristo!... Tens a língua muito longa, meu rapaz, mas não tanto quanto a folha desta espada. (*Desembainha*)

JOSÉ BASÍLIO – Que é isto, capitão? Quer brigar a esta hora?

ESTÊVÃO – Guarde a sua espada para melhor ocasião, quando estivermos sós; e então prometo-lhe que não a tirará de balde.

D. JUAN – Quando e onde quiser. Às suas ordens. (*Vai sair*)

JOSÉ BASÍLIO – Escute! Escute! Tenho um negócio a comunicar-lhe! (*D. Juan para*)

ESTÊVÃO (*baixo a José Basílio*) – Não sei que interesse tens em demorar este homem, apesar do que te pedi! Preciso estar só aqui.

JOSÉ BASÍLIO (*a Estêvão*) – Não te amofines; vou arranjar isto. Não sabes em que arriosa estou metido.

ESTÊVÃO – Como assim?

JOSÉ BASÍLIO – Este homem tem um segredo importante para a Ordem.

D. JUAN – Então, senhor noviço; acha que também deve fazer-me esperar?

JOSÉ BASÍLIO – É um instante!

ESTÊVÃO – Deixa-o ir.

JOSÉ BASÍLIO – Não é possível. Vai ao Governador.

ESTÊVÃO – Então, queres retê-lo?

JOSÉ BASÍLIO – Há um meio de conciliar tudo.

D. JUAN (*desce*) – Que negócio é esse que tem a comunicar-me?...

JOSÉ BASÍLIO – Uma coisa importante!... (*a Estêvão*) Lá se vai o almoço!

D. JUAN – Pois desembuche de uma vez!

JOSÉ BASÍLIO (*a Estêvão*) – Não há remédio!

D. JUAN – Então, fala ou não?...

JOSÉ BASÍLIO – Agora... Capitão, sem preâmbulos, convido-o a almoçar comigo.

D. JUAN (*rindo*) – Sério?

JOSÉ BASÍLIO – Infelizmente, é muito sério.

D. JUAN – Toque, e vamos a isso! (*Afasta-se*)

JOSÉ BASÍLIO (*a Estêvão*) – Vês a enormidade do sacrifício que te faço? Na história de Castor e Pollux não há exemplo de outro tão sublime.

ESTÊVÃO (*sorrindo*) – É que tu não imitas; aperfeiçoas os modelos. (*Saem José Basílio e D. Juan*)

CENA VI

ESTÊVÃO e CONSTANÇA

ESTÊVÃO – Enfim, ela não pode tardar!

CONSTANÇA – Ah!... Não sabe quanto custou-me chegar até aqui!... A todo o momento cuidava que me viam, que me seguiam... Foi uma imprudência vir a este sítio!... Ainda estou toda trêmula... Não vê?...

ESTÊVÃO – Este sítio é deserto a esta hora, e além disto, não está quase em sua casa, Constança?

CONSTANÇA – Por isso mesmo; era melhor que o esperasse.

ESTÊVÃO – Não; precisava falar-lhe sem testemunhas; tenho tanto que dizer-lhe, e vou passar tanto tempo sem vê-la!

CONSTANÇA – Sem ver-me!... E por quê?... Já não lhe causam prazer nossos alegres serões, a conversar com minha boa mãe, que todas as noites nos abençoa?

ESTÊVÃO – Não me lembre essas doces reminiscências, Constança, que me tira a coragem de confessar-lhe tudo! É para vivermos juntos, sempre; para nunca mais nos separarmos, que vou deixá-la.

CONSTANÇA – Meu Deus. Quer deixar-me, Estêvão? Oh! compreendo!... Já não me ama, e como sabe que para mim perdê-lo seria morrer, consola-me com essa tênue esperança de um futuro que não se deve realizar!

ESTÊVÃO – Ofende-me cruelmente com essa suspeita injusta!... Se fosse possível que um dia deixasse de amá-la, tenho bastante lealdade para confessá-lo e pedir meu perdão. Mas creio que isto não é possível, e que mil vidas que tivesse não saciariam esse prazer de adorá-la, de rever a minha alma, em seus olhos...

CONSTANÇA – E vai deixar-me!... E vai partir!...

ESTÊVÃO – Sim! Porque a amo, porque sua inocência é para mim tão sagrada, tão pura, que eu temo ofendê-la com uma afeição criminosa.

CONSTANÇA – Não sei o que quer dizer, Estêvão! Para mim a felicidade é vê-lo e amá-lo; a seu lado nada receio, e sinto-me tão tranquila como aos pés do altar.

ESTÊVÃO – E tem razão! Meu amor a respeita, mas ele me domina, e Deus sabe as lutas silenciosas de meu coração, a força de vontade que é preciso para resistir aos impulsos deste sentimento poderoso!

CONSTANÇA – Por que não me ama como eu lhe amo, sem temor e inquietação?

ESTÊVÃO – Sua candidez não compreende isto. Porque é minha noiva à face de Deus, Constança; mas não é ainda minha esposa para o mundo.

CONSTANÇA – Não lhe dei eu a minha alma?

ESTÊVÃO – Deu-me sua alma, Constança, e é por isso que eu respeito em sua virtude a minha felicidade futura. Parto; voltarei para pedir-lhe um bem que me pertence.

CONSTANÇA – E há necessidade de partir, quando a ventura está tão perto de nós? Hoje é o amigo de meu coração; não pode amanhã ser meu...

ESTÊVÃO – Diga, diga esse nome! Quero ouvi-lo de sua boca!... Diga... seu...

CONSTANÇA – Meu marido!

ESTÊVÃO – Seu marido! Ah! se os seus lábios, pronunciando esta palavra a santificassem como a voz do ministro do Senhor!... Mas bem sabe, Constança, que não é possível!

CONSTANÇA – Por que diz isto?

ESTÊVÃO – Sua vontade não é livre como seu coração. Esse protetor desconhecido e poderoso que a vê às ocultas consentirá que seja minha esposa?!

CONSTANÇA – Ele é bom! Faz todas as minhas vontades.

ESTÊVÃO – É uma esperança que a ilude. Interessa-se por seu futuro; é talvez seu parente e a destina a algum fidalgo.

CONSTANÇA – Não! Eu lhe confessarei que o amo; que esse amor é a minha felicidade!

ESTÊVÃO – Lembre-se, Constança, que sou enjeitado; não recebi de meus pais nem a herança que o mendigo deixa a seu filho, um nome.

CONSTANÇA – E que me importa isto?... No mundo não existe outro homem para mim; não conheço a ninguém mais. Nobreza, cabedais, não valem para mim o seu coração.

ESTÊVÃO – Obrigado, Constança, obrigado! Eu a encontro como a sonhei! Mas é preciso que me eleve à altura de seu amor, e o conseguirei. A sociedade deserdou-me; minha família renegou-me; mas Deus me deu coragem para lutar com o meu destino e vencê-lo. Tranquelize-se, não me esperará muito tempo.

CONSTANÇA – Como! Ainda está resolvido a partir?

ESTÊVÃO – É forçoso!

CONSTANÇA – Oh!... eu lho peço!... Vai matar-me!

ESTÊVÃO – Então não me estima!

CONSTANÇA – Não diga isto, Estêvão.

ESTÊVÃO – Se me estima, deve ter a coragem do sacrifício. Cuida que também a mim não custa esta separação?

CONSTANÇA – Sim, sim!... Eu terei coragem, já que é preciso.

ESTÊVÃO – Agora, antes de nos separarmos, uma última graça.

CONSTANÇA – O que, meu amigo?

ESTÊVÃO (*ajoelhando-se*) – Abençoe-me; Deus falará por seus lábios; e sua palavra cairá sobre mim como a unção divina.

CONSTANÇA (*beijando-o na fronte*– Adeus! (*Samuel aparece no fundo*))

ESTÊVÃO (*erguendo-se*) – Ah! Tu me santificaste, Constança. Sou outro homem; sinto-me com forças de fazer impossíveis. Levo tua alma neste beijo; eu a restituirei depondo a teus pés minha vida inteira. (*Abraça-a*)

CENA VII

CONSTANÇA, ESTÊVÃO e SAMUEL

SAMUEL – Tua vida, meu filho, já não te pertence.

CONSTANÇA – Ah!...

ESTÊVÃO – Senhor!...

SAMUEL – Por que vos assustais, Constança? Minha presença não deve inquietar-vos. Um pai é sempre bem-vindo quando se trata da felicidade de seu filho. A afeição que tenho a Estêvão envolve todos que lhe são caros, como vós, Constança.

CONSTANÇA – Ah! se fosse verdade o que dizeis!... Mas vossas palavras há pouco eram tão severas! Pareceram-me uma repreensão!

SAMUEL – Eram apenas um conselho de amigo. Minha voz lembrava a Estêvão que ele não pode dar-vos, e que vós não podeis aceitar, a sua vida.

CONSTANÇA – Por que, meu Deus? Não mereço eu o seu amor?

ESTÊVÃO – Calai-vos, senhor!... Ides despedaçar-lhe a alma. Puni-me, porém respeitai-a.

SAMUEL – Se uma mulher neste mundo pudesse ligar sua vida à existência de Estêvão, essa devíeis ser vós, Constança; vós que sois bela como sua alma, pura como o seu coração. Mas isto é impossível! Ele já quebrou os laços que o

prendiam à sociedade; um abismo vos separa; um abismo profundo, que nenhum poder da terra pode suprimir.

ESTÊVÃO – Que quereis dizer, senhor? Explicai-vos!

CONSTANÇA – Sim!... Falai!... Por piedade! Meu espírito se perde!... Quero compreender... não posso! Quero duvidar...

SAMUEL – Não duvideis! Enquanto é tempo salvai-vos; salvai a ele que se perde, salvai-me a mim, que vivo dele e por ele.

CONSTANÇA – Salvar-me. Salvar-vos, e de quê?

SAMUEL – A vós, de um sacrilégio; a ele, de um perjúrio; e a mim de uma perda irreparável.

ESTÊVÃO – Senhor!... Senhor!... Vós me enlouqueceis!

CONSTANÇA – E me torturais nesta incerteza horrível! Não sabeis como eu o amo!

SAMUEL – Amastes a Estêvão, minha filha; mas não podeis amar um frade.

CONSTANÇA – Ah!...

ESTÊVÃO – Mentis, senhor!

SAMUEL – Meu filho!

ESTÊVÃO – Perdão, perdão!... Foi um desvario, uma alucinação! Vossos lábios são o altar da verdade e da ciência! Mas a razão me abandona! Eu frade!... Quando, meu Deus?... quando professei?... Fiz votos algum dia?... E dizeis que eu sou... Não!... não!... Vosso espírito se ilude... ou perdi a memória do passado... a recordação do que fui e do que sou.

SAMUEL – Ergue-te, Estêvão, e abraça-me. Sou eu que preciso do teu perdão; és tu que me deves absolver da grande falta que cometi; talvez de um crime!

ESTÊVÃO – De um crime!

SAMUEL – Ignoras que muitas vezes os homens chamam crime as grandes abnegações que eles não compreendem!

ESTÊVÃO – Vejo em tudo isto um mistério que me confunde.

SAMUEL – E que vou revelar-te. Mas esta menina não deve ouvir-nos; basta o fel que já lhe verti no coração. (*Aproximando-se de Constança*) Sofreis muito, minha filha?

CONSTANÇA – Oh! horrivelmente!

SAMUEL – Há um consolo supremo para as grandes dores.

CONSTANÇA – As lágrimas.

SAMUEL – O céu!

CONSTANÇA – O céu! É verdade!... Chegar-me para Deus é ainda aproximar-me dele.

SAMUEL – Senti-vos com força de ir até vossa casa?

CONSTANÇA – A igreja está aberta. Far-me-á bem rezar agora.

SAMUEL – Ide, minha filha, e perdoai o mal que vos acabo de fazer.

CONSTANÇA – Antes de partir... É a ultima vez... Ele ainda é meu irmão.

SAMUEL – Entendo. Desejais dizer-lhe adeus? Tendes razão.

CONSTANÇA – Consentis?

SAMUEL – Por que o negaria?... (*remonta*)

CENA VIII

ESTÊVÃO e CONSTANÇA.

CONSTANÇA – Não me quer dizer, adeus; Estêvão?

ESTÊVÃO – Constança!... Depois, do que se acaba de passar?... Não me despreza então?... Não me olha como um ente vil e infame?

CONSTANÇA – Somos irmãos pela desgraça e pelo coração.

ESTÊVÃO – Que bem me fazem suas palavras! Sinto que não estou louco, porque ainda a amo! Sinto que vivo porque sua voz ainda faz estremecer as fibras do meu corpo. Adeus, adeus, Constança.

CONSTANÇA – Para sempre?

ESTÊVÃO – Não!... Qualquer que seja esse cruel destino que pesa sobre mim, qualquer que seja o mistério que me envolve; só tenho consciência de uma coisa: sou livre, dei-lhe minha existência: feliz ou desgraçada, ela pertence-lhe. Espere-me, pois, espere-me sempre!... Se eu não puder viver em seus braços, juro que virei morrer a seus pés!

CONSTANÇA – Morreremos juntos!... A morte é o único bem que não se pode roubar ao desgraçado!

ESTÊVÃO – Adeus!... Ame-me!

CONSTANÇA – Vou esperá-lo, Estêvão!

CENA IX

SAMUEL e ESTÊVÃO.

SAMUEL (*só*) – Meu Deus. Se o que eu acabo de fazer, é uma desgraça, perdoai-me! Se é um crime, puni-me!

ESTÊVÃO – Estamos sós. Não me oculteis nada, senhor; tenho coragem para encarar com a minha sorte, qualquer que ela seja!

SAMUEL – Chegou o momento de revelar-te um fato que decidi de tua vida, meu filho; ele era necessário; tenho consciência de que praticando-o cumpri o dever que a Providência me impôs quando te confiou à minha afeição. Procedi como pai e como amigo; tu me julgarás.

ESTÊVÃO – Eu vos escuto.

SAMUEL – Lembras-te do dia em que me prometeste abraçar a vida religiosa e entrar no convento dos jesuítas?

ESTÊVÃO – É verdade que vos fiz então essa promessa; porém não previ que me seria impossível cumpri-la. Amo, senhor! Este sentimento espontâneo, irresistível, que Deus criou em minha alma, essa lei fatal da natureza que faz pulsar o coração do homem, tem mais força do que uma simples promessa.

SAMUEL – Mas essa promessa, feita nas minhas mãos, é um juramento; é mais do que um juramento: é um voto!... Naquele momento tu professaste, Estêvão!

ESTÊVÃO – Eu!...

SAMUEL – É esta a falta de que me acuso e que me deves perdoar. Era preciso que vivesses exclusivamente para a religião, e eu sacrifiquei à ela tua vida. Nas palavras que pronunciei então, e que não compreendeste, aceitei os teus votos, e te sagrei em nome do Senhor. Tu és jesuíta!...

ESTÊVÃO – Jesuíta!... Escarneceis de Deus, senhor! Quem sois vós? E que poder tendes para assim decidir com uma simples palavra, do destino dos homens?

SAMUEL – Quem sou eu?... Não sei, Estêvão; talvez um fanático, um insensato, que corre atrás de uma sombra; talvez o autor de uma grande revolução e o arquiteto obscuro de uma obra gloriosa. O futuro responderá. Cristo, o enviado de Deus, foi crucificado; Galileu, o mártir da ciência, queimado por herege; Colombo, o inventor do novo mundo, escarnecido por charlatão. Como eles a posteridade dirá o que sou: se um apóstolo, se um louco.

ESTÊVÃO – Enfim, senhor, já ouvi o que desejava saber. Dispusestes da minha vida; era o vosso direito, porque até hoje me alimentastes com o vosso pão.

SAMUEL – Estêvão!... Não sabes quanto é duro o que me acabas de dizer!

ESTÊVÃO – Confesso a verdade; era o vosso direito. Chegou o tempo, porém, de reassumir a minha liberdade. Renego os votos que fiz sem consciência; hoje mesmo deixarei para sempre vossa casa.

SAMUEL – Não! É impossível! Tu és meu filho!... Sim! Que importa que a tua carne não seja a minha carne? Que o meu sangue não gire em tuas veias? Que eu não tenha criado o teu corpo? Tu és o filho do meu espírito!... A tua razão, fui eu que a bafejei, que a embalei no berço da ciência, que a iluminei com os raios de minha inteligência. Durante vinte anos verti no teu seio, parcela por parcela, centelha por centelha, toda a minha alma. E agora, que nada me resta, queres abandonar-me?

ESTÊVÃO – Sei que tenho para convosco uma dívida sagrada! Mas não me dissestes um dia que todo o homem pertence ao seu futuro? Meu futuro é o amor; ele nos separa.

SAMUEL – Não, Estêvão, Deus nos uniu; nem o mundo, nem as suas paixões, podem separar-nos. Meu filho, escuta-me. Quando uma noite, há vinte anos, a mão desconhecida de um mercenário te depôs na minha porta, e à luz da alâmpada que tinha alumiado a minha vigília vi-te estendendo-me os braços a sorrir, senti-me renascer! Recebi-te como um anjo do Senhor, que vinha proferir a palavra do profeta e bradar-me: — Avante!... Sim, nessa noite, pela primeira vez, a dúvida entrara em meu espírito e entorpecera-me a coragem. Obreiro

infatigável de um monumento gigantesco que demanda séculos para a sua realização, eu tinha feito o que era possível ao homem. Mas que momento não é a vida da criatura na rotação do mundo? Que valem anos para as grandes revoluções que marcam uma época? Sentia-me velho, via o túmulo abrir-se diante de mim. Não temia a morte! Daria com prazer à terra um despojo inútil. Mas a alma?... A ideia?... A só lembrança de que ela ia de novo voltar ao nada, donde eu a havia arrancado, era uma tortura imensa, horrível! Foi nesse momento que te recebi em meus braços. Reanimei-me... Pareceu-me que Deus dava-me o teu corpo infantil para que eu inoculasse nele a minha alma, quando o meu de velho e cansado já não pudesse carregá-la. Cumpri a vontade de Deus. Não te eduquei, não; revivi, ressuscitei-me em ti. Eu sou o passado, tu és o futuro; mas ambos formamos uma só vida, um só pensamento.

ESTÊVÃO – Mas não o meu coração!... Oh!... por que mo não arrancastes?... Então este amor não se apoderaria dele, e não usurparia os vossos direitos de pai: eu poderia ser a imagem do que fostes, a sombra da vossa grande inteligência!... Agora!... É tarde!... Exigi de mim todos os sacrifícios... Meu amor, não; esse não posso dar-vos... É dela!...

SAMUEL (*pausa*) – Pois bem! Já que assim é preciso... (*Com esforço*) faça-se a tua vontade, meu filho: ama essa mulher!

ESTÊVÃO (*pasmo*) – Como!... Vós mesmo... Quereis!...

SAMUEL – Quero tudo, contanto que não me abandones nunca.

ESTÊVÃO – Oh! reunir em uma só adoração as duas grandes afeições de minha vida, é a ventura suprema!... Parece-me um sonho!

SAMUEL – E o que é a existência?

ESTÊVÃO – Mas... Essa promessa feita em vossas mãos?

SAMUEL – Tranquiliza-te. O poder que cria não seria poder se não destruísse.

ESTÊVÃO – Assim?

SAMUEL – És livre!

ESTÊVÃO – Ah! Permis que dê esta boa notícia a Constança?

SAMUEL – Podes ir vê-la. Não me oponho.

ESTÊVÃO – Obrigado!

SAMUEL – Depois vem ter comigo; quero hoje mesmo confiar-te o segredo de minha vida.

ESTÊVÃO – Sim, meu pai!

CENA X

SAMUEL (*só*) – Rude combate!... Senti que minha coragem vacilava! Não; ainda que devesse profanar a pureza dessa menina!... Ainda que fosse necessário sacrificar a sua vida. Sim a sua vida! O que é a criatura neste mundo senão o instrumento de uma ideia?... Ele amará!... Mas compreenderá, enfim qual amor é digno do filho desta terra virgem! (*Absorto*) Brasil!... Minha pátria!... Quantos anos ainda serão precisos para inscrever teu nome, hoje obscuro, no quadro das grandes nações?... Quanto tempo ainda serás uma colônia entregue à cobiça de aventureiros, e destinada a alimentar com as tuas riquezas o fausto e o luxo de tronos vacilantes? (*Pausa; arrebatado pela inspiração*) Antigas e decrépitas monarquias da velha Europa!... Um dia compreenderéis que Deus quando semeou com profusão nas entranhas desta terra o ouro e o diamante, foi porque reservou este solo para ser calcado por um povo livre e inteligente!...

ATO II

Sala em casa do Dr. Samuel; paredes brancas a cal com florões de pintura a fresco; no fundo alpendre sobre o qual abrem duas janelas e uma porta; à direita e à esquerda portas. Móvel de jacarandá torneado: cadeiras, papeteiras e dois bufetes no proscênio.

CENA PRIMEIRA

INÊS, DANIEL e MENDIGOS.

(*A cena está cheia de mendigos. Inês com uma vassoura querendo varrer a casa*)

INÊS – Ora já viram uma cousa assim?... Mete-se esta súcia de esfarrapados em casa, que não há meio de livrar-se a gente de uma semelhante praga!... Vamos lá, desentulhem o beco, senão... A vassoura fez-se mesmo para varrer o cisco. (*Empurra-os de balde*)

UM MENDIGO – O doutor?

TODOS OS MENDIGOS – O doutor?

INÊS (*arremedando-os*) – Doutor! doutor!... Ele mesmo é que tem a culpa de aturá-los. (*A Daniel que entra*) Não me livrarás desta corja de malandros, tu que és outro que tal?

DANIEL – Vai lá dentro, que voltando não os acharás.

INÊS – Ora que partes. (*Sai*)

DANIEL (*aos mendigos*) – Irmãos, cheguem-se todos e ouçam, que estes segredos não se dizem em voz alta. O governador trama contra o doutor Samuel; esta manhã seu ajudante aqui veio talvez para prendê-lo: a escolta ficou oculta na cerca do convento. Trouxe cada um seu punhal?

MENDIGOS (*à uma*) – Ei-lo!

DANIEL – Enquanto a mão puder brandir este punhal, o inimigo não se aproximará do doutor Samuel.

MENDIGOS – Não!

DANIEL – Nosso corpo será a muralha de sua casa.

MENDIGOS – Sim!

DANIEL – Vão; deitem-se pelo terreiro. Foi para isto que os chamei aqui. (*Saem os mendigos*)

CENA II

DANIEL e INÊS.

(*Daniel encosta-se à porta da varanda. Inês entra com a vassoura*)

INÊS – Já sumiram-se? Ora graças!

DANIEL – Onde está o doutor?

INÊS – No gabinete. (*Cantando e varrendo*)

Varre, varre, rapariga,

Que o dia já vem raiando;

Olha que teu amo briga,

Se te pilha vadiando.

Tem andado esta casa hoje numa desordem!... Ainda não tive tempo para nada, e é já meio sol... Ai! Ai!...

Traz a casa asseadinha,

Tudo limpo em seu lugar;

Fogo aceso na cozinha

Mesa posta p'ra almoçar.

Aquele rapaz José Basílio tem ideias! Havia de inventar esta cantiga. Mas é que o Sr. Estêvão diz que ele dá para a trova... Há de ser galante, um padre trovista!

Varre, varre, rapariga,

Que o dia já vem raiando...

DANIEL – O doutor ainda estará no gabinete?

INÊS – Se ele fechou-se com o capitão espanhol! Mas que tens tu? Estás com cara de judeu!

DANIEL – Ninguém sabe o que nos trará o dia de hoje, Inês.

INÊS – Arreda com os maus agouros! (*Vendo Garcia no alpendre*) Quem será?

CENA III

INÊS, DANIEL e GARCIA.

GARCIA (*para fora*) – Olá amigo! Dê água ao tordilho, e ponha-o à soga!... Onde o vê está com dez léguas no costado. Caramba!

INÊS – Jesus!... Que figura!

GARCIA – O Senhor esteja nesta casa. Adeus muchacha! Deus o salve, amigo!

INÊS – Sua serva. (*À Daniel*) Que quererá ele?

DANIEL – Pergunta-lhe.

GARCIA – É aqui a pousada do doutor Samuel?

INÊS – Pousada! É aqui que ele mora, mas agora não está em casa.

GARCIA (*deitando os arreios a um canto*) – Esperarei por ele!

INÊS – Não volta tão cedo.

GARCIA – Não faz mal.

INÊS (*à Daniel*) – É caboclo e basta. Birrento como esta casta de gente. (*À Garcia*) Mas o amo não vem hoje.

GARCIA – Virá amanhã.

INÊS – Nem amanhã, nem depois, nem toda esta semana!

GARCIA – É o mesmo; esperarei até que venha.

INÊS – E se não vier nunca?

GARCIA – Caramba! Espero sempre!

INÊS – Pois espere! (*Garcia tira a faca para preparar a palha de um cigarro*) Ai! Virgem Santíssima!

GARCIA – Que dengues são esses, muchacha?

INÊS (*com medo*) – Meu Deus!... Que vai ele fazer?

GARCIA – Nunca viu um homem preparar o cigarro? (*Passa a palha à boca, tira o fumo do bolso e o desfaz na palma da mão*)

INÊS – Ah!... Já sei!... É essa erva fedorenta que se fuma!

GARCIA – Erva fedorenta!... O tabaco?... Não sabe o que diz, muchacha. Uma fumaça de cigarro, uma cuia de mate, um beijo de moça, e o meu tordilho por junto, é tudo que há de melhor neste mundo.

INÊS (*a Daniel*) – Que gentio asselvajado, senhor Deus!... Tu sabes donde vem, Daniel?

DANIEL – Deixa-me!

INÊS – Iche! Que cousa aborrecida!

GARCIA – Bom; o tordilho tem pasto para muitos dias. Tratemos cá do patrício. (*Arranja no fundo à direita uma cama com a xerga e o cochonilho*) Não vai a matar.

INÊS – Que faz aí?

GARCIA – O que vê; estou me preparando para esperar o homem. Caramba! Uma semana não se passa como um dia.

INÊS – Viu-se já coisa semelhante?... Parece que está nas suas quintas... Mas olhe... o amo não tarda a chegar.

GARCIA – Melhor!...

INÊS – Portanto não precisa espalhar pela casa toda essa trapalhada!

GARCIA (*deitando-se*) – Preciso descansar, muchacha; há três noites que durmo a cavalo. (*Fazendo um gesto*) Até logo.

INÊS – Está direito!... Dá-se uma sem cerimônia como esta? O amo que se entenda com este herege. (*Batem na grade*) Há de ser o padre Reitor.

CENA IV

INÊS, DANIEL, GARCIA, FREI PEDRO e JOSÉ BASÍLIO.

(*Quando Inês abre a porta entram Fr. Pedro, e José Basílio com uma pequena bolsa de dinheiro*)

FR. PEDRO (*descendo*) – Chegaremos, a tempo?

JOSÉ BASÍLIO (*idem*) – Ainda não é meio-dia.

FR. PEDRO – Estais bem certo que o doutor Samuel fixou esta hora?

JOSÉ BASÍLIO – Repetiu duas vezes.

FR. PEDRO – Deitai esta bolsa sobre aquele bufete; e avisai-o de minha chegada.

INÊS (*beijando a manga do hábito*) – Com licença de vossa reverendíssima. O Sr. doutor me recomendou que quando chegasse o reverendo padre Reitor, lhe pedisse para ter a bondade de esperar.

FR. PEDRO – Bem, filha: (*Passeia no alpendre*)

JOSÉ BASÍLIO (*baixo a Inês*) – Donde saiu aquele bugre?

INÊS (*idem*) – Sei lá! Apareceu aqui de repente, e foi logo tomando conta da casa.

JOSÉ BASÍLIO (*idem*) – E o doutor já o viu?

INÊS (*idem*) – Não. (*Sai*)

CENA V

FR. PEDRO, JOSÉ BASÍLIO, GARCIA, DANIEL e ESTÊVÃO.

JOSÉ BASÍLIO – Ainda estás decidido a partir?

ESTÊVÃO – Não, é impossível agora.

JOSÉ BASÍLIO – Por quê?

ESTÊVÃO – Depois que te deixei houve uma revolução na minha vida.

JOSÉ BASÍLIO – O que se passou então?

ESTÊVÃO – É um segredo que não me pertence, José Basílio.

JOSÉ BASÍLIO – Então, guarda-o meu amigo.

FR. PEDRO (*no alpendre*) – José Basílio!

JOSÉ BASÍLIO – Padre Reitor.

FR. PEDRO – Tornai ao convento, e preveni que não se inquietem com a minha ausência.

JOSÉ BASÍLIO (*a Estêvão*) – Está dito! Hoje não faço outra coisa senão ir e vir. Ah! Quando Deus me dará uma vida tranquila e a liberdade para escrever o que tenho aqui!... (*levando a mão à fronte*)

ESTÊVÃO – Tu também sonhas com a liberdade?

JOSÉ BASÍLIO – E quem pode viver sem ela? Adeus.

CENA VI

SAMUEL, FR. PEDRO, DANIEL e GARCIA dormindo.

SAMUEL – Já viste Constança, meu filho?

ESTÊVÃO – Agora mesmo a deixei; ela vos ama como eu.

SAMUEL – Bem!

ESTÊVÃO – Não dissestes que desejavaeis falar-me?

SAMUEL – Sim; quero confiar-te a missão que Deus te destinou; porém antes, deixa-me ouvir estes homens que me esperam. Sabes o que eles representam, Estêvão?

ESTÊVÃO – Como posso eu sabê-lo, senhor?

SAMUEL – É verdade, ainda ignoras! Estes homens são os três instrumentos poderosos que Deus colocou em minha mão para a realização de um grande pensamento. Ei-los... Um velho frade, um pobre cigano, um índio adormecido. Quem diria, vendo estas três criaturas aqui, reunidas neste momento pelo acaso, que elas são as pedras angulares de um majestoso edifício, novo capitólio do alto do qual uma nação poderosa dará leis ao mundo!... Ei-los!... A religião, a miséria, a raça!... E tu, Estêvão, tu serás a inteligência que há de dirigi-las, o espírito que as deve animar, a vontade que as governará até que chegue o momento!...

ESTÊVÃO – Entendo as vossas palavras, senhor; mas o seu alcance escapa à minha inteligência.

SAMUEL – Aquele hábito, meu filho, quer dizer vinte mil jesuítas espalhados pela terra e dominando a consciência do universo; aquele cigano significa um povo numeroso, proscrito, sem pátria, disposto a morrer por aquele que lhe prometer um abrigo neste mundo onde é estrangeiro; aquele índio simboliza a raça indômita e selvagem da América, pronta a reconquistar a liberdade perdida. Compreendes agora?

ESTÊVÃO – Oh!... Compreendo! Mas como esse poder imenso acha-se em vossas mãos, senhor?

SAMUEL – Volta em meia hora; eu to direi.

CENA VII

SAMUEL, FR. PEDRO, DANIEL, GARCIA e INÊS.

(Inês entra, acorda Garcia, e fecha as janelas, Daniel chega-se apressadamente a Samuel)

DANIEL – Vossa vida corre perigo neste momento!

SAMUEL – Por quê?

DANIEL – Vi soldados escondidos na cerca do convento da Ajuda.

SAMUEL – Que tem isso?

DANIEL – O governador esta manhã rondou as vizinhanças de vossa casa.

SAMUEL – Ah! Já tardava!... Espreita o que se passa fora, e previne-me a tempo.

DANIEL – Podeis ficar tranquilo. Alguns de meus irmãos velam em torno, disfarçados em mendigos; e enquanto o último de nós conservar um pulso para brandir o punhal, ninguém se aproximará de vossa pessoa.

SAMUEL – Bem; confio em tua dedicação. *(Dirigindo-se à varanda)* Vinde padre Reitor. *(A Garcia)* E vós amigo, ide continuar o sono interrompido.

GARCIA *(à puridade)* – Venho das Missões.

SAMUEL *(idem)* – Sei. Há quanto tempo deixastes o Paraguai?

GARCIA – Há um mês; andei dia e noite.

SAMUEL – Ide; careceis de repouso; depois falaremos. *(Fecha a porta)*

CENA VIII

SAMUEL e FR. PEDRO.

SAMUEL – Recebi vossa carta, padre Reitor, e agradeço-vos a prova de confiança que me dais consultando-me em objeto tão grave.

FR. PEDRO – Não tendes que agradecer-me, doutor Samuel. Nisto cumpro uma ordem do Geral da companhia de Jesus ao Reitor da casa do Rio de Janeiro que manda-me ouvir-vos nas coisas importantes da comunidade.

SAMUEL – Já me falastes desta ordem; mas, em todo o caso, é sempre uma deferência de vossa parte.

FR. PEDRO – Não; é um dever; e cumpro-o com satisfação pela amizade que vos consagro.

SAMUEL – Tratemos do que importa. Esse aventureiro tem realmente um segredo, mas faz dele uma mercancia. Pareceu-me conveniente comprá-lo; e por isso vos mandei aviso.

FR. PEDRO – E virá ele?... Disse-me José Basílio que esta manhã, antes de chegardes, ameaçou de ir ao Governador.

SAMUEL – Soube disto; mas não era preciso. O homem que traz um segredo de importância, é uma carta que deve ser entregue em mão própria; e que, depois de lida, inutiliza-se, quando convém. *(Levanta-se)* O aventureiro está neste gabinete à vossa disposição; podeis interrogá-lo quando quiserdes.

FR. PEDRO – Conseguistes retê-lo aqui tranquilo durante todo este tempo?... Exerceis uma influência irresistível sobre quantos vos cercam, doutor Samuel!

SAMUEL – Não há homem que não tenha o seu calcanhar de Aquiles. O espanhol gosta do vinho; e sabeis, frei Pedro, quanto é fácil que esse companheiro de prazer nos faça seu escravo.

FR. PEDRO – Ah! usastes deste meio?

SAMUEL – É tão vulgar!... *(na porta)* Capitão!...

CENA IX

SAMUEL, FR. PEDRO e D. JUAN.

D. JUAN – Ora, finalmente!... Vamos acabar com isto?

SAMUEL – Frei Pedro da Luz, reitor do colégio da Companhia, está pronto a ouvir-vos.

D. JUAN – Maldito vinho!... Ainda sinto a cabeça andar-me às voltas! *(Samuel senta-se à mesa)*

FR. PEDRO – Sr. Capitão, impusestes como condição da revelação do segredo de que sois sabedor, a soma de mil cruzados; aqui estão sobre esta mesa, eles vos

pertencem, se, como dizeis, o que tendes a comunicar-me for em verdade importante.

D. JUAN – Julgareis por vós mesmo. Vou contar-vos o que se passou até o momento em que vi aquilo que eu tenho por um segredo de grande alcance para vossa Ordem. Se entenderdes que vale a pena, muito bem, digo-vos a última palavra, já se sabe, com a mão sobre a bolsa; se não, meia volta à direita: cada um seu rumo.

FR. PEDRO – Aceito; podeis começar. (*Sentam-se. Samuel finge escrever*)

D. JUAN – Sabeis que o galeão em que vim saiu de Lisboa repentinamente e com um prego do próprio punho do ministro?

FR. PEDRO – Não; ignorava esta circunstância. (*Samuel escreve*)

D. JUAN – Pois ela deu-se. Ao mesmo tempo saíram dois outros navios que nos deixaram no terceiro dia. Foi então que soubemos que o nosso destino era o Rio de Janeiro. A bordo do São Martinho só havia dois passageiros; este seu criado, que embarcou sem saber onde o levavam; e um rapazito, oficial mecânico na aparência.

SAMUEL – Por que dizeis na aparência?

D. JUAN – Porque realmente era um noviço da companhia de Jesus disfarçado em aprendiz.

FR. PEDRO (*vivamente*) – E o descobriram?

D. JUAN (*sorrindo*) – No fim da viagem apenas. O Sargento-mor teve denúncia de um marujo que o viu às ocultas agarrado com a sagrada escritura.

SAMUEL (*à meia voz*) – Imprudente! (*D. Juan volta-se*)

FR. PEDRO – Como! Só por isso?

D. JUAN – Achais que é pouco?... Um aprendiz de vinte anos letrado?...

FR. PEDRO – E o que sucedeu depois daquela denúncia? Deveis sabê-lo.

D. JUAN – Sucedeu que o Sargento-mor em pessoa saiu às onze horas da noite de sua câmara e veio bater à porta do beliche do rapaz, que era vizinho ao meu. Curioso de saber o que ia passar, abri com o punhal uma fresta no tabique, e olhei.

FR. PEDRO – Então?

D. JUAN – O rapaz mal ouviu a voz do Sargento-mor, que batia à porta, ergueu-se de um salto! Tirou do seio um relicário, rasgou-o com os dentes, e sacou uma tira de pergaminho, que aproximou da candeia. À luz que o reduzia a cinzas, vi escrito em letras de fogo...

FR. PEDRO – Acabai!

D. JUAN – Vi... vi... Nada; com jesuíta não há que fiar.

FR. PEDRO – O que vistes? Dizei!

D. JUAN – Cuidei que o padre Reitor tinha entendido. Chegamos ao ponto capital. O que eu vi naquele momento é o segredo. Quereis ou não dar o preço convencionado?

FR. PEDRO – Tomai!... tomai!... E conclui de uma vez!

D. JUAN – Isto agora é outro cantar. Atendei. Vi no pergaminho, como vos estou vendo, o seguinte: na primeira linha três letras iniciais um —M—, um — T —, um — P —. Depois esta data: — Quatorze de novembro — e assinado: — G. M.

SAMUEL – Gabriel Malagrida!

D. JUAN – Justo!

FR. PEDRO – Quatorze de novembro!... Que pode ser isto?... E não vistes nada mais?

D. JUAN – Nada... Ah!...Vi ainda o Sargento-mor deitar a porta dentro e apoderar-se do rapaz.

FR. PEDRO – Que é feito dele? Está aqui no Rio de Janeiro?

D. JUAN – Não sei. O mar e a noite guardam um segredo que não me pertence.

FR. PEDRO – É incompreensível!

D. JUAN – A falar a verdade não está muito claro, mas que o negócio é importante não resta dúvida! Basta ver que traças não empregaram os padres em Lisboa para arranjam a ordem de passagem do noviço, rubricada pelo próprio ministro. Ou me engano, ou é alguma notícia de empenho que eles vos mandavam.

FR. PEDRO – De que serve essa notícia, se não posso entendê-la? se não sei o que ela significa?

D. JUAN – Isso lá não me pertence. Disse o que vi, adivinhei o resto.

FR. PEDRO – Como, meu Deus, como decifrar semelhante enigma? Mas. Quem sabe?... Talvez esquecêsseis alguma coisa!... Talvez houvesse no papel alguma palavra!...

D. JUAN – Não tenho a honra de pertencer à companhia de Jesus, porém, possuo excelente vista e não sou dos mais pecos. (*Tirando a espada com a bainha*) Quanto vi aqui está na bainha da minha espada, onde o risquei com a ponta do punhal naquele mesmo instante. (*Samuel ergue-se e olha por cima do ombro do espanhol, enquanto Fr. Pedro examina a bainha da espada*)

FR. PEDRO – Não há dúvida: M. T. P.

D. JUAN – Tive o cuidado... Podia esquecer-me; e eu adivinhei logo que isto bem apurado, deixaria alguma coisa. (*Batendo na cinta*) Cá está, e por sinal que ainda não as contei. (*Tira a bolsa e conta as moedas*)

FR. PEDRO – Podeis verificar; achareis a soma convencionada.

D. JUAN – Está exato. E agora creio que já não sou preciso aqui?

FR. PEDRO – Quereis retirar-vos?

D. JUAN – Se me dais licença.

FR. PEDRO – Onde poderei mandar pelo senhor capitão?

D. JUAN – Em toda a parte; o que quer dizer que em parte alguma.

FR. PEDRO – Se carecer falar-vos?

D. JUAN – Com a mesma condição? (*Batendo na bolsa*)

FR. PEDRO – Certamente.

D. JUAN – Ah! neste caso me encontrareis sempre às vossas ordens no jogo da bola de Bento Esteves, à rua do Alecrim. É lá que me aboletei.

FR. PEDRO – Bem.

D. JUAN (*cortejando*) – Seu venerador, padre mestre! Senhor doutor... (*Dirige-se à porta que depois de sua saída é fechada por Fr. Pedro*)

SAMUEL (*refletindo*) – Sim!... Gabriel Malagrida depositou naquele pergaminho o seu pensamento. Ah! se eu tivesse diante de meus olhos, em vez deste papel, as letras misteriosas que ele traçou, talvez uma centelha de seu espírito me iluminasse!

CENA X

SAMUEL e FR. PEDRO.

FR. PEDRO – Ouvistes? (*Samuel faz um sinal afirmativo*) Compreendeis o que significa isto?

SAMUEL – Não!... Interrogo este papel, e nada me responde. Será possível, meu Deus?!... Será possível que a vontade do homem, a quem deste a força de governar o mundo, não possa arrancar destes caracteres mudos a verdade que eles ocultam? Será possível que o pensamento, esse raio de tua luz divina, que esclarece o universo, não possa descobrir a ideia envolta nestas três letras? (*Reflete*)

FR. PEDRO – Oh!... é escusado! Isto excede os limites da sabedoria humana.

SAMUEL – Não, frei Pedro! Deus fez a inteligência onipotente como ele, porque a inteligência não é senão o reflexo da sua razão suprema!... E este reflexo eu o sinto aqui! Oh! eu o quero... Eu o saberei!

FR. PEDRO – Não vos fatigueis, meu amigo; depois, quando estivermos mais calmos, refletiremos.

SAMUEL – Acaso me enganaria? A luz que me abria os vastos horizontes do pensamento extinguiu-se de repente, deixando meu espírito em trevas!... Perdestes as asas com que devassavas o mundo, minha inteligência?... (*Com desânimo*) Deus puniu-te em teu orgulho!

FR. PEDRO – Repito-vos, Samuel, é inútil.

SAMUEL – Mas... o meu cérebro ainda trabalha!... Sim... Eu ainda penso!... O caos fermenta... lembro-me... (*com os olhos no papel*) Uma ideia... a Bíblia... Daniel... Babilônia!... (*Levanta-se com expressão de júbilo*) Ah!

FR. PEDRO – O que tendes?... O que é?...

SAMUEL – Quatorze de novembro! Eu leio agora neste papel como se a mão do anjo do Senhor gravasse aí em letras de fogo a palavra do profeta; como se a

voz possante do Apocalipse me bradasse ao ouvido a sentença do juízo final!...
Quatorze de novembro! Compreendeis, frei Pedro?

FR. PEDRO – Não! Não posso compreender-vos, meu amigo!

SAMUEL – Pois não vedes ali o dia da ruína, o dies iræ da destruição, o dia da proscricção dos jesuítas no reino do Brasil? Nestas três letras, não ledes o Mané, Tecel, Pharés, que a mão de Deus gravou sobre os muros de Babilônia, e que a vingança de um homem vai escrever nas paredes de vosso convento?

FR. PEDRO – Que dizeis, Samuel!... Os jesuítas expulsos do Brasil?... Não o creio! É um delírio da vossa imaginação.

SAMUEL – É a verdade! Oh! um momento o meu espírito debateu-se nas trevas; duvidei de mim! Mas Deus iluminou-me, rompeu-se o véu, e tudo me aparece agora claro. Fecho os olhos e vejo... (*como enxergando uma visão*) Ei-lo! O busto severo do ministro onipotente que medita a sua obra de destruição. Uma auréola de triunfo resplandece em sua larga fronte. Ele sorri e estende a mão! A mão poderosa que ergueu a nova Lisboa das ruínas do terremoto, que lutou contra a Inglaterra e curvou Portugal a seus pés!... Traça algumas linhas: é a sentença da proscricção; é a condenação dos jesuítas. O rei assinou, só falta executá-la!...

FR. PEDRO – Meu Deus!

SAMUEL – Cuidais que o marquês de Pombal vai entregar essa missão a agentes subalternos, como se fosse uma lei vulgar? Não! No orgulho de seu poder esse homem tem a pretensão de imprimir a seus atos a força irresistível, rápida e fatal que Deus deu aos elementos: quer ferir como o raio, como a peste; quer que no mesmo instante, a mil léguas de distância, a sua vontade se realize como um decreto da Providência.

FR. PEDRO (*abatido*) – Julgais então que no mesmo dia...

SAMUEL – No mesmo dia e à mesma hora! A quatorze de novembro os jesuítas serão presos em todo o Brasil.

FR. PEDRO – Mas, doutor Samuel, explicai-me como tivestes semelhante ideia?

SAMUEL – Não posso agora descrever a elaboração do meu espírito para chegar à certeza moral. Não se descreve o caos, não se descrevem as lutas da natureza em convulsões: assim também não se descreve a gestação do pensamento quando suscita do nada o átomo que depois se torna uma ideia. Porém, se quereis saber o que leio nestas palavras truncadas, vou explicar-vos.

FR. PEDRO – Sim, esclarecei-me, por que o meu espírito se perde.

SAMUEL – Gabriel Malagrida soube o segredo da extinção dos jesuítas, e quis prevenir-vos para que salvásseis da confiscação o vosso tesouro.

FR. PEDRO – Que tesouro?

SAMUEL – O que possui a Ordem na sua casa do Castelo.

FR. PEDRO – Mas eu ignoro onde se acha.

SAMUEL – É um segredo que alguém deve saber. Não conheceis o governo do Instituto?

FR. PEDRO – É verdade.

SAMUEL – Antes de promulgar a lei, o ministro manda ao Brasil ordem para que a execução tenha lugar no mesmo dia. Então Gabriel obtém uma passagem e faz partir o noviço que trazia um relicário com as letras que só vós podíeis compreender. Para esclarecer o vosso espírito, mostrou a esse menino o versete de Daniel que ele devia indicar-vos quando chegasse. Finalmente, por excesso de prudência, recomendou-lhe que, no caso de perigo, rompesse o relicário, decorasse as palavras do pergaminho, e destruísse as provas materiais que o podiam comprometer. Eis a razão por que esse menino lia a Bíblia; eis a razão por que ele desapareceu; eis a razão por que partem de Lisboa ao mesmo tempo três navios cujos destinos se ignora. Duvidais ainda?

FR. PEDRO – Não! Não duvido! Admiro-vos, doutor Samuel! Porém, que devo fazer? Aconselhai-nos; mais do que nunca precisamos de vossa experiência.

SAMUEL – Tranquilizai-vos; estamos a 29 de Outubro, temos ainda quinze dias. Daqui até lá muitos acontecimentos podem sobrevir, que mudem a face das coisas. Voltai ao convento. Sobretudo, nem uma palavra, nem um gesto que revele o segredo.

FR. PEDRO – Não era preciso recomendar-me. Entrego em vossas mãos nossa causa; só vós nos podeis salvar. Quando nos veremos?

SAMUEL – Breve. (*Sai frei Pedro*)

CENA XI

SAMUEL e DANIEL.

SAMUEL (*só*) – Tu ousaste, Sebastião de Carvalho?... E tiveste razão! Trocadas as posições, eu ministro de Portugal, faria o mesmo, e abateria de um golpe o poder colossal que te ameaçava! Mas ainda não venceste, não! Podes rasgar o hábito e matar o frade, mas o homem do futuro viverá! Oh! ainda não venceste, não! (*Daniel aparece no fundo*) Que há?

DANIEL – Por ora, nada; mas é bom acautelar-vos.

SAMUEL – Não te inquietes. Que tens feito? Como vai o teu plano?

DANIEL – Bem; neste momento existem no país, pelo menos, vinte mil dos nossos irmãos; outros tantos já deixaram a Boêmia e se encaminham à Espanha, donde contam passar ao Brasil.

SAMUEL – E nesta cidade, quantos?

DANIEL – Cinco mil espalhados pelos arredores, mas prontos ao menor sinal.

SAMUEL – Assim, se eu quisesse...

DANIEL – Podíeis contar com vinte mil homens dispostos a conquistar uma pátria. Basta um ano para reuni-los no lugar que determinardes. Dizei uma palavra!

SAMUEL – Não; ainda não é tempo; ainda não chegou o momento em que esta terra deve abrir o seio de mãe, onde vossos irmãos vagabundos descansarão da longa peregrinação que têm feito pelo mundo. Eu vos prometi uma pátria. Juro que a tereis, uma bela e nobre pátria. Filhos da Ásia, achareis nela o sol do Oriente com todo o seu esplendor, a natureza em sua pompa, a vida cheia de força, de poesia e de liberdade! Mas esperai!

DANIEL – Esperaremos. Quem tem esperado séculos, não conta alguns anos que faltam ainda...

SAMUEL – Sois atualmente vinte mil. É pouco para este imenso território em que a Providência vos concede um asilo; continuai a imigração, reuni aqui todas as tribos que vivem esparsas pela Europa, chamai todos os vossos irmãos; e quando fordes cem mil, duzentos mil, então...

DANIEL – Não tardará muito esse dia. Em menos de cinco anos não haverá em toda a Europa um só filho da Boêmia. Nossa raça proscrita, dispersa, se refugiará neste canto do mundo, que será para ela a terra da redenção. Só pedimos um solo onde plantar nossa tenda. (*Entra apressadamente um mendigo que fala ao ouvido de Daniel*)

SAMUEL – Contai comigo.

DANIEL – O governador dirige-se para aqui. Este irmão o viu.

SAMUEL – Deixai-o vir. Ainda não chegou o momento de nos encontrarmos face à face; ele, o poder da velha Europa; eu, a alma da jovem América. (*saem*)

CENA XII

INÊS e CONSTANÇA.

INÊS (*para fora*) – Entrai, entrai; não há ninguém.

CONSTANÇA – Faço mal! O doutor pode ver-me!

INÊS – Ele está recolhido; não sai agora.

CONSTANÇA – Quem é este homem que me viu entrar?

INÊS – É um pobre cigano, Daniel. Não vos conhece.

CONSTANÇA – E aqueles soldados que passavam não me terão visto?

INÊS – Ainda estavam tão longe!

CENA XIII

ESTÊVÃO e CONSTANÇA.

ESTÊVÃO – Constança, aqui?

CONSTANÇA – Sim, meu amigo; corri sem saber o que fazia!... Queria dar-lhe uma alegre nova e saí na esperança de vê-lo; Inês obrigou-me a entrar. Fiz mal?

ESTÊVÃO – Não; aqui junto de mim pode estar tranquila; será respeitada. Que nova é essa que vinha anunciar-me? (*Inês sai*)

CONSTANÇA – Não vê como sou feliz?!

ESTÊVÃO – Por quê? A não ser a felicidade de poder amá-la, e que para mim é imensa, qual outra nos pode vir?

CONSTANÇA – A de não nos separarmos mais nunca, Estêvão! Ele consente.

ESTÊVÃO (*surpreso*) – Ele quem? Seu protetor!

CONSTANÇA – Sim! Eu bem lhe disse que ele era bom, que me queria. Depois que me deixou, Estêvão, fiquei tão contente por saber que fora apenas um mau sonho quanto se tinha passado!... Fiquei tão contente que chegando ele, cobrei ânimo e contei-lhe tudo...

ESTÊVÃO – Tudo? Disse-lhe que nos amávamos? Fez mal, Constança.

(*Daniel entra precipitado, para no meio da cena e passa à direita sem que o percebam*)

CONSTANÇA (*com arrufo*) – Fiz muito bem!... (*Sorrindo*) Ele me escutou; depois sorriu. — “Tu o amas muito?”, perguntou-me. — “Como ao senhor”, respondi-lhe. Então sentou-me em seus joelhos e disse-me: — “Estou certo que o teu coração não escolheria um homem que o não merecesse. Se esse homem for digno de ti, como suponho, confiarei dele a tua ventura.”

ESTÊVÃO – Ah!... E chama a isso felicidade, minha Constança. Como seu amor se ilude! Julga-me digno de si, mas seu protetor, que vê com os olhos da razão, lhe falará outra linguagem, quando souber quem sou. (*Daniel volta e sai*)

CONSTANÇA – Por que não me deixa acabar? Disse-lhe que Estêvão é pobre; e sabe o que ele respondeu-me?

ESTÊVÃO – Adivinho.

CONSTANÇA – Não é o que pensa, não! Respondeu que a riqueza não vale uma alma nobre; que esta só Deus a dá e pode tirar; enquanto que a outra o homem a adquire com o seu trabalho e pode perdê-la a todo instante.

ESTÊVÃO – Respondeu-lhe isto, Constança?

CONSTANÇA – Respondeu-me, sim. Ele quer vê-lo e conhecê-lo.

ESTÊVÃO – A mim? Para quê?...

CONSTANÇA – Oh! não recuse!... Eu lho peço. Ele prometeu-me que o protegeria, e lhe faria seguir uma bela carreira.

(*O Conde de Bobadela aparece no fundo*)

ESTÊVÃO – Qual é essa carreira? Não o disse?

CONSTANÇA – Espere! Não me interrompa. Prometeu-me também... são suas palavras: “Quando esse mancebo for um cavalheiro brioso e valente, eu mesmo lhe darei tua mão”... Olhe que não sou eu quem fala. “Lhe darei tua mão como primeira recompensa de seu valor.”

ESTÊVÃO – Constança!... Não faça-me crer na ventura, para sofrer depois um cruel desengano. Sua memória a ilude!

(O alpendre enche-se de soldados com Miguel Correia, que entra à direita sem fazer rumor)

CONSTANÇA – Ainda ouço suas palavras, ainda escuto a sua voz grave e doce.

(O Conde de Bobadela adianta-se)

ESTÊVÃO – Quem sabe?... É talvez uma promessa vaga, feita unicamente para não contrariá-la.

CENA XIV

CONDE DE BOBADELA, ESTÊVÃO e CONSTANÇA.

CONDE – A promessa que fiz a esta menina, eu a renovo e confirmo.

CONSTANÇA – Ouve?! É ele, Estêvão.

ESTÊVÃO – Ele!... O Sr. governador!...

CONDE – Acaso este título me roubará o de vosso amigo, que desejo?

ESTÊVÃO – Perdão, senhor; mas... a admiração... o respeito...

CONDE – Interesse-me por seu futuro, Estêvão. A razão já deve saber. *(Aponta para Constança)* Os olhos que falam à sua alma têm grande poder sobre o meu coração. Ama esta menina?

ESTÊVÃO – Como amaria minha mãe se a conhecesse. Mas receio não ser digno dela!

CONSTANÇA *(baixo ao Conde)* – Não lho disse? Ele é nobre e modesto.

CONDE *(a Estêvão)* – Este sentimento o honra, mas não deve desanimar; é preciso que mereça aquela que ama.

ESTÊVÃO – É o meu mais ardente desejo, senhor!

CONDE – É moço; leio em sua fisionomia inteligência e coragem. Se lhe falta um passado, tem diante de si um longo futuro. Faça-o tão belo que ele possa reparar os erros de seus pais e encher de orgulho a mulher que Deus lhe der por companheira.

ESTÊVÃO – O que é preciso fazer para isto? Estou pronto! Apontai-me o caminho!

CONDE – O caminho!... Não o vê diante de seus olhos? Nos sonhos da sua imaginação juvenil não brilha uma estrela que o atrai e o fascina?

ESTÊVÃO (*eletrizado*) – Sim!... sim!... A glória!...

CONSTANÇA (*a meia voz*) – Eu pensava que era o amor!

(*O Conde que tem remontado para observar o interior, volta*)

CONDE (*a Estêvão*) – É mais que a glória, Estêvão; é o dever. O homem pertence à sua pátria e ao rei: uma é sua mãe o outro seu senhor na terra. Quem tem estes dois bens supremos não deve lamentar uma vil e mesquinha abastança. Siga os exemplos que lhe dão tantos cavalheiros portugueses. Conquiste por seu valor e heroísmo aquilo que a fortuna lhe negou. Crie um passado nobre e ilustre; encha sua existência de feitos brilhantes. Falta-lhe um nome!... Pois bem; já que seus pais se esqueceram de escrevê-lo sobre um assento de batismo grave-o com a ponta de sua espada nos muros duma praça tomada de assalto, ou num campo de batalha.

ESTÊVÃO – Oh!... Juro que o farei, senhor! Mas a espada!... (*Com desânimo*) Não a tenho?

CONDE – Tome esta; é uma espada leal, que nunca saiu da bainha senão para a defesa duma causa justa. Quero depositá-la em suas mãos; restituir-me-á quando seu valor conquistar uma mais ilustre.

ESTÊVÃO (*com efusão*) – Ah! (*Beija a espada*) Não sei o que se passa em mim!... Tocando a guarda desta valente espada o meu braço se anima com um vigor invencível.

CONSTANÇA (*docemente e à puridade*) – Não vá agora amá-la mais do que a mim, à sua espada!

ESTÊVÃO – Não tenha ciúmes, Constança! Eu não a quero senão para um dia oferecer-lha como o tributo do meu amor.

CONDE – Muito bem, mancebo. Procure-me amanhã em palácio; dir-lhe-ei então para que o destino.

ESTÊVÃO – E eu desde já afianço que saberei corresponder à confiança de V. Ex. suas palavras fizeram de mim um homem; seu exemplo fará o resto.

(O governador remonta)

CONSTANÇA – Veja que eu tinha mais confiança em nosso amor?

ESTÊVÃO – Porque é um anjo, minha Constança; um anjo a quem Deus deu o poder de inspirar nobres pensamentos.

(Entra Miguel Correia)

CONDE – Então?

CORREIA – Nada, Sr. General.

CONDE – Procurastes tudo?

CORREIA – Corri toda a casa e só encontrei a caseira, um índio que evadiu-se, e estes mendigos.

CONDE – Interrogai-os; eles devem saber.

(A cena enche-se de soldados)

CONSTANÇA *(voltando-se assustada)* – O que se passa aqui?... Que querem estes homens?

ESTÊVÃO *(surpreso)* – É verdade! Cometeu-se porventura algum crime aqui?

CONDE – Não, Estêvão, mas a causa de nosso rei exige um grande serviço neste momento; é chegada a ocasião de estrear a carreira que lhe destino.

ESTÊVÃO – Falai, senhor!

CONDE – Sabeis onde está o doutor Samuel?

ESTÊVÃO – É a ele que procuram?

CONDE – Responda-me, Estêvão; responda-me a verdade.

ESTÊVÃO – Nunca menti, senhor.

CONDE – Faço-lhe esta justiça; mas a necessidade, a afeição...

ESTÊVÃO – Não há razão que me obrigue a cometer semelhante vileza.

CONDE – Sabe onde se acha neste momento o doutor Samuel?

ESTÊVÃO – Sim, senhor Conde!

CONDE – Com toda a certeza?

ESTÊVÃO – Creio que sim.

CONDE – Bem! Diga-me o lugar! Guie-me. Esse homem é o maior inimigo da vossa pátria e do vosso rei!

ESTÊVÃO – Senhor, Conde! deste-me uma espada para que eu defendesse uma causa justa e não para que a trouxesse como o preço de uma infâmia. Esse homem é meu pai; Deus mo deu em troca do outro que a natureza negou-me; eu o amo, respeito e admiro. Bem vedes que é impossível o que exigis.

CONDE (*irado*) – Rebelde!

CONSTANÇA (*ao Conde*) – Não se zangue com ele, eu lho suplico!

CONDE (*a Constança*) – Tranquiliza-te! (*a Estêvão*) A sua ação imprudente é de um mancebo de brio; e eu não posso condená-la. Somente advirto-o que a companhia desse homem torna-se perigosa neste momento.

ESTÊVÃO – É justamente por isso que devo acompanhá-lo e partilhar a sua sorte, qualquer que ela seja. Não me aprova, Constança?

CONSTANÇA – Eu?... Eu quero a sua felicidade.

CONDE (*a Correia*) – É uma natureza altiva e um nobre coração! Farei deste menino alguma coisa! (*a Estêvão*) Vamos, senhor, acompanhe sua noiva.

ESTÊVÃO – Ah! será possível?... Julgava ter perdido a estima de V. Ex.

CONDE – Ao contrário; ganhou a minha amizade.

CONSTANÇA – Vem, Estêvão! (*Saem Estêvão e Constança*)

CENA XV

CONDE, CORREIA e SOLDADOS.

CONDE – Tenho, enfim, o meio de apoderar-me dele!

CORREIA – Como! Este mancebo?...

CONDE – Sim! É o único de quem ele confia o segredo de sua vida criminosa!
(*entram os soldados*)

OFICIAL – Procuramos tudo e debalde!

CORREIA – Teve aviso, naturalmente.

CONDE – Oh!... ainda me escapará desta vez! Há dois anos que procuro este homem, e quando julgo tê-lo em minha mão, se desvanece como uma sombra!
(*Pausa*)

CORREIA – Que ordenais, senhor General?... Quereis que se arrase esta casa?

CONDE – Não; sei o que me resta fazer! Vinde! (*Saem todos*)

CENA XVI

SAMUEL, DANIEL e CIGANOS.

(*A cena fica um momento deserta; depois abre-se uma porta falsa e aparece Samuel: entram Daniel e ciganos*)

DANIEL – Estais salvo!

SAMUEL – Sim; o corpo salvou-se; mas levaram-me a alma! Sem ele, sem essa ressurreição de minha vida, o que sou eu? Uma sombra!... Meu Deus! Por que dando ao homem a inteligência e formando-o à tua imagem, lhe deixaste um coração?...

ATO III

Consistório do colégio dos jesuítas. — No fundo porta larga; à direita uma porta com grade de ferro; à esquerda portas de comunicação. — Vai escurecendo gradualmente.

CENA I

JOSÉ BASÍLIO e ESTÊVÃO.

JOSÉ BASÍLIO (*escrevendo*) – É escusado; nunca serei poeta! (*amarrota o papel*)

ESTÊVÃO (*entrando.*) – José Basílio!

JOSÉ BASÍLIO – Ah! pensei que já me tinhas esquecido. Quinze dias!... Que fizeste todo este tempo?

ESTÊVÃO – Não vês em mim alguma mudança?

JOSÉ BASÍLIO – É verdade! Trazes farda e espada! Estás militar?

ESTÊVÃO – Desde ontem.

JOSÉ BASÍLIO – Assim, os teus sonhos de glória realizaram-se!

ESTÊVÃO – Os meus sonhos de glória e também os meus sonhos de amor.

JOSÉ BASÍLIO – Como foi isto? Conta-me; sabes que eu tenho direito, como teu amigo, à metade dessa ventura.

ESTÊVÃO – Lembras-te do dia em que tentaram prender o doutor Samuel? Pouco depois que me deixaste, Constança veio dar-me uma alegre esperança, e eu, ainda incrédulo, recusava abandonar-me à ela, quando de repente ouço a voz do conde de Bobadela, que vinha confirmar a minha felicidade.

JOSÉ BASÍLIO – Mas que tinha o Conde com o teu amor?

ESTÊVÃO – Não sabes? Constança é órfã e protegida pelo governador; ele consentiu que eu a amasse e deu-me esta espada para que enobrecesse o nome, que há de pertencer à minha esposa!

JOSÉ BASÍLIO – Como deves ser feliz!

ESTÊVÃO – Feliz! Não o sou completamente, José Basílio.

JOSÉ BASÍLIO – Por que razão?

ESTÊVÃO – Cuidas que posso ser indiferente à perseguição que se faz ao homem à quem devo tudo neste mundo? No meio de minha felicidade sinto um

remorso por tê-lo abandonado, a ele, que me quer como um pai! Oh! só o amor e a glória podiam disputar-me à tão santa amizade.

JOSÉ BASÍLIO – Mas tu não o abandonaste, Estêvão. Algum dia tinhas de seguir uma carreira; aquela para que ele te destinou não te agradava; escolheste outra tão nobre e mais bela talvez!

ESTÊVÃO – Não avalias a dívida de afeição que contraí com esse homem, José Basílio; senão havias de compreender o que sinto. Ele não me alimentou o corpo unicamente; deu-me alguma coisa do seu espírito; e agora que talvez precisa dessa alma por ele criada para acompanhá-lo na desgraça, é quando ela foge-lhe e o deixa só! Não devo ter remorsos?

JOSÉ BASÍLIO – Por que não lhe falas?... Obterás dele o consentimento?

ESTÊVÃO – A isto vim hoje aqui; esperava encontrá-lo. Quero pedir-lhe perdão, e levar a sua bênção para santificar as minhas esperanças. Não o tens visto?

JOSÉ BASÍLIO – Apenas uma vez depois daquele dia.

ESTÊVÃO – Não sabes se ele costuma vir ao Colégio.

JOSÉ BASÍLIO – Todas as noites, se não me engano; mas é um segredo que surpreendi.

ESTÊVÃO – A que horas?

JOSÉ BASÍLIO – Logo que escurece. Acho bom que te dirijas ao Reitor.

ESTÊVÃO – Sim; Frei Pedro conhece-me; sabe como amo o doutor Samuel, e não me há de recusar! Ainda é cedo; tenho tempo de ir à Ajuda; hoje não vi Constança. Mas fala-me de ti, nada me disseste!

JOSÉ BASÍLIO – Que te hei de eu dizer?... Que sou feliz da tua felicidade!

ESTÊVÃO – E não tens também alguma esperança que se possa realizar?

JOSÉ BASÍLIO – Contento-me com a minha sorte, Estêvão, e deixo correr o mundo como Deus quer.

ESTÊVÃO – Que excelente gênio, o teu! Estás sempre alegre! Nada desejas, nada ambicionas.

JOSÉ BASÍLIO – Que queres, meu amigo? Quando perdi minha pobre mãe aos oito anos, fiquei ao desamparo; e estaria hoje feito tropeiro, ou tocador de

porcos em Minas, se os padres de Mariana não me recolhessem. Vim depois para esta casa onde ensinaram-me o pouco que sei; aqui alimentam-me, agasalham-me e destinam-me para alguma cousa, segundo eles dizem! Que posso desejar mais?

ESTÊVÃO – Porém dize-me: às vezes não te sentes oprimido entre estas paredes nuas; não tens necessidade de respirar o ar livre, e gozar do mundo que vês de longe através das grades de tua cela?

JOSÉ BASÍLIO – Oh! sim! Há momentos em que este hábito queima-me o corpo; em que eu daria tudo que sei pela ignorância e liberdade do menino que brinca nas chácaras da Ajuda, embaixo do morro.

ESTÊVÃO – E que fazes então que não abandonas esta casa e não segues a tua aspiração?...

JOSÉ BASÍLIO – Que faço?... Nesses momentos peço a Deus que me dê a força de suportar este duro cativo, e para esquecer o que sofro, tomo uma pena e escrevo.

ESTÊVÃO – Fazes versos?

JOSÉ BASÍLIO – Aprendo a fazê-los. Não sei o que me diz... Mas... Olha, Estêvão; creio que algum dia escreverei alguma cousa.

ESTÊVÃO (*sorrindo*) – Um poema?

JOSÉ BASÍLIO – Não sei.

(*Entra Garcia furtivamente*)

ESTÊVÃO – É quase noite; até logo.

JOSÉ BASÍLIO – Já vais?

ESTÊVÃO – Pouco me demoro; é só vê-la!

CENA II

GARCIA e DANIEL.

(*Escurece. Garcia, apenas sai José Basílio, vai fechar as portas*)

DANIEL (*com uma lanterna*) – Já está escuro.

GARCIA – Oh! Donde saiu esta figura?

DANIEL – Que faz nesta sala?

GARCIA – Caramba! Sou eu que lhe pergunto o que vem fazer.

DANIEL – Não é da sua conta.

GARCIA – Pois vá saindo por onde entrou; não gosto de companhia.

DANIEL – Menos eu! Dou-lhe cinco minutos para esvaziar o beco.

GARCIA – Cinco minutos! Passo aqui a noite!

DANIEL – Também eu! Durmo nesta sala.

GARCIA – Sabe que mais, homem?... Estou quase atirando-o pela janela.

DANIEL – E eu tenho minhas tentações de coser-lhe a pele com esta agulha.

GARCIA – Pois caia, amigo.

DANIEL – Nada; fará barulho, e virá gente.

GARCIA – Homem!

DANIEL (*ao mesmo tempo*) – Escute.

GARCIA – Que temos?

DANIEL – Pode falar.

GARCIA – Nada; comece.

DANIEL – Queria propor-lhe um negócio.

GARCIA – Vamos a isso. (*D. Juan aparece*)

DANIEL – Ambos nós temos necessidade de estar só neste lugar; se ficarmos, é claro que seremos dois!...

GARCIA – Sem dúvida!

DANIEL – É preciso pois que um saia!

GARCIA – Não serei eu!

DANIEL – Menos eu! Não há remédio senão recorrermos à sorte.

GARCIA – Como?

DANIEL – Tire a sua faca; eu tenho a minha; o que ferir primeiro fica, o outro sai.

GARCIA – Está dito.

CENA III

DANIEL, GARCIA e D. JUAN.

D. JUAN – Com licença; há um terceiro.

GARCIA – O que quer?

DANIEL – Onde vem?

D. JUAN – Venho de alguma parte, e quero o que os senhores querem.

DANIEL – Ficar só nesta sala?

D. JUAN – Justamente; tenho cá as minhas razões, (*tirando a espada*) e melhor direito.

GARCIA – Não admito; foi o último que chegou.

DANIEL – Nós cá estávamos primeiro.

D. JUAN – Pois bem; recorro à sorte.

GARCIA (*a Daniel*) – Deixe este por minha conta, que eu o arranjo; depois decidiremos nós.

D. JUAN – Em guarda! (*Vão atacar-se, quando aparece Samuel*)

CENA IV

DANIEL, GARCIA, D. JUAN e SAMUEL.

SAMUEL – Loucos!

GARCIA – O doutor Samuel!

SAMUEL – Abaixai essas armas, que não deviam estar em vossas mãos; pois somente servem para cometerdes um roubo barateando a vida que não vos pertence!

D. JUAN – Que não nos pertence?...

SAMUEL – A desses dois homens, eles a deram à uma causa justa e nobre; a vossa, comprei-a eu.

DANIEL – Perdoai-nos; cada um de nós ignorava que os outros tivessem ordem de esperar-vos, e não queria comprometer o vosso segredo.

SAMUEL – Quem recebe uma ordem obedece sem indagar o motivo dela, nem perscrutar as intenções de quem as deu; mandei-vos esperar aqui; cumpria-vos esperar, e nada mais.

D. JUAN – Não esqueçais que preciso falar-vos sem demora.

SAMUEL (*a Garcia e Daniel*) – Afastai-vos um momento; deixai-me ouvir este homem.

D. JUAN – O Sr. doutor recomendou-me há oito dias que solicitasse do governador, ser admitido como soldado à sua guarda.

SAMUEL – E consegui, já sei.

D. JUAN – E que apenas a guarda se preparasse para alguma expedição, o avisasse.

SAMUEL – Então?

D. JUAN – Há ordem de marcha para esta noite.

SAMUEL – Com que fim?

D. JUAN – Ignora-se.

SAMUEL – Muito bem!

D. JUAN – Não precisais de mim?

SAMUEL – Não; na sala próxima encontrareis frei Pedro; ele vos pagará este serviço.

CENA V

SAMUEL, DANIEL e GARCIA.

DANIEL (*chegando-se*) – Cumpri vossa ordem. A moça bebeu em um copo d'água as gotas do frasco, e logo adormeceu; tomei-a nos braços e trouxe-a agora mesmo ao convento. Aqui tendes a chave da cela.

SAMUEL – Ninguém percebeu?

DANIEL – Creio que não, porque a envolvi na minha capa; além disto já estava escuro, e só encontrei vosso filho.

SAMUEL – Estêvão?...

DANIEL – Descia a ladeira; pareceu-me que ia à sua casa.

SAMUEL – Ele esteve aqui?

GARCIA – Pouco antes de chegardes.

SAMUEL – Há de voltar. Podes ir, Daniel. (*Sai Daniel*)

CENA VI

SAMUEL e GARCIA.

SAMUEL – Garcia, tendes confiança em mim?

GARCIA – Experimentai.

SAMUEL – Se eu precisasse do vosso braço e da vossa coragem; se eu vos dissesse: — “É necessária a morte de uma pessoa” — Hesitaríeis?

GARCIA – Há muitos dias que desejava pedir-vos uma coisa. Sei que andais perseguido, que sois obrigado a esconder-vos. Mostrai-me o vosso inimigo, e amanhã ele não existirá.

SAMUEL – Há inimigos a quem é difícil chegar, porque estão mui altos.

GARCIA – Dizei-me o seu nome, e vereis. Qualquer que ele seja.

SAMUEL – Ainda que fosse o governador?

GARCIA – Ainda que fosse o rei.

SAMUEL – Não!... Seria um crime inútil. De que serviria ferir a mão desde que não esmagasse a cabeça?... Ele está muito longe; onde não chega o vosso braço.

GARCIA – Aonde?

SAMUEL – Em Portugal.

GARCIA – Ordenai, e parto.

SAMUEL – Careço da vossa coragem aqui neste momento. Não é nem contra o ministro poderoso, nem contra o governador, que deveis erguer o punhal; é contra uma menina fraca e tímida.

GARCIA – Ah! Uma mulher!

SAMUEL – Recusais?

GARCIA – Repugna-me matar quem não se pode defender.

SAMUEL – E se eu vos afirmar que a vida dessa menina responde pela minha e pela salvação de nossa causa?... que só o vosso braço pronto a feri-la pode suspender a sentença que me condena, ou vingar a minha morte?

GARCIA – Mostrai-me essa mulher.

SAMUEL – Estais decidido?

GARCIA – Podeis contar.

SAMUEL – A um aceno meu.

GARCIA – Fecharei os olhos e rezarei por sua alma.

SAMUEL (*abrindo a grade*) – Entrai.

CENA VII

SAMUEL e CONSTANÇA.

(Quando Garcia vai entrar, Constança sai, pálida, alucinada, com os cabelos desganhados: Garcia para um momento, depois entra)

CONSTANÇA – Onde estou eu?

SAMUEL – Tranquilizai-vos, minha filha; estais na casa de Deus.

CONSTANÇA *(com desespero)* – Ah! Fostes vós que me arrancastes dos braços de minha mãe?...

SAMUEL – E não fostes vós que me roubastes meu filho?

CONSTANÇA – Estêvão?

SAMUEL – Por vossa causa não me abandonou ele no momento em que a desgraça pesava sobre mim, deixando-me só no mundo como uma velha ruína do passado?

CONSTANÇA – Bem sabeis que não posso viver sem ele!... que o amo?

SAMUEL – E eu não o amo também? Eu, para quem ele é mais que a existência, porque deve ser a minha segunda vida, uma nova encarnação de minha alma! O que é o vosso amor comparado ao meu? Um prazer efêmero, que não se compara com esse gozo supremo do espírito, que triunfa da morte e da destruição pelo poder da inteligência. Um sorriso basta para satisfazer o vosso amor; ao meu é preciso o futuro, e a imortalidade!

CONSTANÇA – Conheço que sou uma pobre mulher; não tenho a vossa inteligência; sei apenas amar com o coração...

SAMUEL – E que direito tendes de amá-lo?

CONSTANÇA – É preciso um direito para amar?

SAMUEL – Não sabeis ainda quem é Estêvão. É um filho que Deus me enviou para consumir a obra que comecei. A maior glória a que um homem pode aspirar neste mundo, a glória de ter criado um povo e elevado um império, será a sua recompensa. Ele deve ser mais do que um rei; deve ser o libertador de sua pátria. E agora interrogai o vosso coração e respondei: uma mulher, ainda a mais bela e a mais virtuosa, tem o direito de roubar essa existência consagrada à tão nobre missão?

CONSTANÇA – Roubar! Não!... Partilhar!

SAMUEL – Roubar, sim; porque um olhar vosso lhe fará esquecer a glória, e rojará a vossos pés como um escravo o homem que deve dominar pelo pensamento; porque ele gastará a seiva de sua vida e o melhor de sua alma em um sentimento comum que pode experimentar o ente mais miserável da sociedade; porque vossas preces não de curvar aquela razão forte e superior que eu consumi tantos anos a formar!

CONSTANÇA – Oh! não compreendeis o coração de uma mulher, senhor! Não sabeis como ela vive da vida do homem a quem ama!

SAMUEL – Vós é que não compreendeis o culto de uma ideia! A religião da inteligência é como a religião de Cristo: só tem um Deus! Para os homens que se dedicam a um pensamento há uma única esperança, uma única ambição: a glória. De que lhes serve pois, o amor, consolação mesquinha daqueles cuja alma não passa do coração?

CONSTANÇA – Porém ele ama-me!

SAMUEL – Enganai-vos; Estêvão não vos ama!

CONSTANÇA – É impossível!

SAMUEL – O que Estêvão sente por vós é o mesmo que sentiria por qualquer outra mulher que tivesse visto no momento em que sua mocidade começou a expandir-se; é o mesmo que sente o homem devorado de sede pela água que refresca-lhe o sangue, ou o animal pelo alimento que pode matar-lhe a fome.

CONSTANÇA – Oh! calai-vos, senhor!

SAMUEL – Quando os seus lábios tocarem os vossos, e o primeiro beijo o arremessar como o arcanjo da luz, do céu da imaginação à triste realidade, vereis o que restará disso que chamais amor. Um desgosto, o tédio, talvez o remorso!

CONSTANÇA – Vossas palavras enchem-me de horror!... Não blasfemeis! O amor não pode ser essa paixão egoísta!... Não! Eu o sinto aqui! Eu o sinto em minha alma! Ele vem de Deus, que o inspira e anima! Ele é nobre e santo como a religião que o consagra! Se não dá ao homem a glória que tanto ambicionais, dá a felicidade!

SAMUEL – Pois bem! Correi atrás dessa felicidade; deixai-vos amar por Estêvão; e um dia ele acordará nos vossos braços desse sono estéril, para esquecer-vos como um pesadelo! Que fareis quando a sua razão pedir-vos conta do tempo perdido, quando a vossa consciência perguntar-vos o que fizestes do apóstolo

de uma causa santa? Correi atrás da felicidade, e achareis no fim do caminho o desprezo do vosso esposo e a maldição do Senhor.

CONSTANÇA (*com desespero*) – Ah!

SAMUEL – Então reconheceréis que não blasfemo. (*Pausa*)

CONSTANÇA – Que posso eu fazer? Inspirai-me, aconselhai-me! Eu vos obedecerei cegamente; mas não exigi de mim que deixe de amá-lo, porque é inútil! Mil juramentos que eu desse, uma só palavra dele os quebraria todos! Aceito qualquer sacrifício, menos o de esquecê-lo.

SAMUEL – E tereis força de repelir o homem a quem amais?

CONSTANÇA – Para que mentir-vos!... Ainda que o quisesse, não o poderia!

SAMUEL – Mas assim é preciso! Pela minha voz, Deus vo-lo ordena! Salvai Estêvão!

CONSTANÇA – Para salvá-lo só há um meio!

SAMUEL – Qual?

CONSTANÇA – Matai-me; ele ficará livre, e eu morrerei amando-o.

SAMUEL – A vossa vida é necessária neste momento!

CONSTANÇA – Que valor tem a vida de uma pobre mulher?

SAMUEL – Que valor tem a centelha que produz o incêndio? Os grandes efeitos nascem de pequenas causas; sobre vossa cabeça repousam neste instante os destinos de uma revolução. Deveis viver pelo menos algumas horas; e cumpre que esta noite Estêvão recupere a sua liberdade.

CONSTANÇA – Fazei que ele deixe de amar-me, que me repila.

SAMUEL (*com brandura*) – Não; haveis de ser feliz!

CONSTANÇA – Oh!... Não me deis uma esperança para roubar-ma depois!

SAMUEL – A glória, o poder, a grandeza do homem amado não será a felicidade suprema da mulher que ama?

CONSTANÇA – Sim!

SAMUEL – Pois essa felicidade vós a tereis, Constança!

CONSTANÇA – Como? Falai!

SAMUEL – A Providência, minha filha, envia à terra de espaço a espaço alguns entes privilegiados, a quem ela comunica um raio de sua luz criadora; esses homens passam pelo mundo como meteoros; não tem família, nem amigos, nem afeições; devem caminhar só, envoltos em seu mistério, protegidos pelo seu destino. Deus só lhes deu de humano o corpo, que em luta com a razão, às vezes se revolta. O mundo julga que essas rebeliões da matéria contra a vontade que as domina são paixões! Não passam de desejos que consomem a carne, sem tocar o espírito! Sabeis o que deve fazer a mulher que teve a desgraça de amar um desses entes privilegiados?

CONSTANÇA – Não!... Se eu o soubesse!...

SAMUEL – Sacrifica-lhe todos os prejuízos da sociedade, entrega-se, e não pede em troca nem amor, nem gratidão.

CONSTANÇA – O que peço eu? Não sou sua esposa?!...

SAMUEL – Não podeis ser.

CONSTANÇA – Por que senhor?

SAMUEL – O gênio, já vos disse, não tem família, não tem esposa; ele colhe a beleza com vós colheis a flor; aspira o perfume e deixa-a murchar! Se a mulher que ama tem bastante coragem para amá-lo assim.

CONSTANÇA – Mas é a desonra que me propondes, senhor!

SAMUEL – Chamais a isso desonra? E que o seja! Resta-vos o orgulho e a felicidade de ter concorrido para uma grande concepção. O mundo repete o nome daquelas que se associaram às inspirações do gênio; a história, as artes, os monumentos recordam a sua memória, e nenhuma delas trocaria decerto a celebridade de sua vida e o reconhecimento da humanidade pela honra de uma esposa obscura.

CONSTANÇA – Essa ao menos não é obrigada a corar diante dos homens!

SAMUEL – Porque não tem a coragem necessária para o sacrifício! Mas vós a tereis, Constança.

CONSTANÇA – Nunca!

SAMUEL – É assim que amais Estêvão?

CONSTANÇA – Ele não pode querer a minha vergonha!

SAMUEL – Não é ele quem o quer; é a ordem providencial da natureza; é a sabedoria suprema, que não pode sujeitar a liberdade de um povo aos escrúpulos de uma mulher. Refleti bem; lembrai-vos que estais em meu poder; e que a inocência se empana com um sopro. Em uma hora a menina casta e pura estará perdida!... Então que fareis de vosso amor?

CONSTANÇA – Meu Deus, tende piedade de mim! É horrível!

SAMUEL – Escolhei!... Ofereço-vos a felicidade.

CONSTANÇA – Não tendes alma, senhor! Essa felicidade que me ofereceis é um suplício de humilhação.

SAMUEL – É uma abnegação sublime.

CONSTANÇA – Meu Deus!

SAMUEL – Escolhei! A glória de Estêvão, e a sua felicidade; ou o desespero que o matará odiando-vos, porque ele não pode ser vosso esposo, e não o será jamais! Que lhe respondereis quando em uma derradeira maldição, pedir-vos conta de seu futuro, de suas esperanças aniquiladas, de sua vida arrancada por esse amor fatal?...

CONSTANÇA – Estêvão odiar-me!... A mim que só vivo para amá-lo?... Ele morto? E por mim... e amaldiçoando-me no seu último suspiro?... Oh! não! Tomai a minha vida, a minha felicidade, tudo; e salvai-o. Eu morrerei à seus pés... mas a vergonha...

SAMUEL (*brandamente*) – Fortalecei-vos na fé e tirai forças da religião, minha filha, para consumir o vosso grande e nobre sacrifício. Não temei o motejo dos homens e o desprezo do mundo. Mártir do amor como os outros mártires do cristianismo, sofrereis com a fronte calma o escárnio da multidão. Mas Deus verterá em vossa alma o bálsamo das grandes dores; fazendo a felicidade do homem a quem amastes, vos associareis à sua glória, à glória majestosa do fundador da pátria.

CONSTANÇA – Não me iludis, senhor?... É Deus quem exige de mim esse tremendo sacrifício? Deus, em cujo santo nome ensinaram-me a virtude!

SAMUEL (*persuasivo*) – Quem foi, minha filha, que inspirou a Ester, à formosa filha dos judeus, a força de ganhar o amor de Assuerus, inimigo de sua religião e de seu povo, para aliviar o exílio e a perseguição que sofriam seus irmãos? Quem levou Judite à presença de Holofernes para oferecer-lhe a sua beleza e

livrar sua pátria da vingança do rei de Babilônia? Falta-vos a coragem que elas tiveram?

CONSTANÇA (*exaltada*) – Não; cumpra-se o meu destino. Venha o martírio.

SAMUEL – Jurai-o! (*apresenta-lhe o crucifixo*)

CONSTANÇA – Juro!... (*aproxima-se do altar e ajoelha-se*)

CENA VIII

SAMUEL, CONSTANÇA e ESTÊVÃO.

SAMUEL – Estêvão! (*Abre-lhe os braços*)

ESTÊVÃO – Que fizestes de Constança, senhor?

SAMUEL – Chamei-a para junto de mim; porque reconheci que era o meio de trazer o filho esquecido aos braços do pai que ele abandonou.

ESTÊVÃO – Tendes razão! Eu sou um ingrato! Mas... ela!... Onde está?...

SAMUEL – Olhai!

ESTÊVÃO – Constança! (*Corre a ela*)

CONSTANÇA (*com espanto*) – Meu Deus!

ESTÊVÃO – Que é isto? A minha presença te causa espanto!

CONSTANÇA – Não!... Porém...

ESTÊVÃO – O que tens?

CONSTANÇA – Deixe-me!... Por compaixão! Não me olhe! fuja de mim. (*Afasta-se*)

SAMUEL (*à Constança, baixo*) – Lembrai-vos do juramento!

ESTÊVÃO – Tu me repeles, Constança? Já não me amas? (*Samuel passeia no fundo*)

CONSTANÇA – Oh! se o amo!

ESTÊVÃO – E não me queres perto de ti?

CONSTANÇA – Pudesse eu passar toda a minha vida ao seu lado, como agora.

ESTÊVÃO – Pois vem comigo; estamos em uma igreja; ajoelhemo-nos aos pés do altar; um padre abençoará a nossa união; e...

CONSTANÇA – É impossível!

ESTÊVÃO – Recusas?

CONSTANÇA – Não me interrogue.

ESTÊVÃO – Então não queres ser minha esposa?

CONSTANÇA – Serei sua esposa no céu, meu amigo! Mas neste mundo...Não!... Deus não consente!

ESTÊVÃO – Confesse antes que esse amor com que me iludiu era uma mentira... Que escarneceu de mim!

CONSTANÇA – Estêvão!

ESTÊVÃO – E eu que lhe sacrificava tudo; que fizera dela a minha vida, a minha glória, a minha religião!

CONSTANÇA – Oh! não fale assim! Que maior prova pode dar uma mulher de seu amor e de sua dedicação por um homem?

ESTÊVÃO – É partilhar a sua existência.

CONSTANÇA – Há outra mais forte! Outra para a qual é preciso tanto heroísmo e tanta abnegação que eu tenho medo me falte a coragem.

ESTÊVÃO – Que prova é essa, Constança?... Responde!...

CONSTANÇA – Não sei!

ESTÊVÃO – Compreendo! Procura um pretexto, e não o consegues, Constança, porque ainda não sabes mentir. Adeus.

CONSTANÇA – Quer deixar-me?

ESTÊVÃO – Que faço eu aqui?

CONSTANÇA – Ouça-me, Estêvão!

ESTÊVÃO – É inútil.

CONSTANÇA – Eu lho suplico!... Escute-me! Uma palavra! E repila-me depois!

ESTÊVÃO – Que quer de mim ainda?

CONSTANÇA (*alucinada*) – Não sabe por que eu não posso ser sua esposa? Tem um futuro brilhante, Estêvão, tem um grande destino a cumprir! Aquela que o ama não deve roubar-lhe essa glória! Ela tem orgulho em ser sua escrava.

ESTÊVÃO – És tu mesma que me falas, Constança! São teus lábios puros que proferiram semelhantes palavras! Não! Não creio! Dize-me! Dize-me que tudo isto é uma alucinação do teu espírito! Que deliras!... Escondes o rosto!... Ah!

CONSTANÇA (*arrastando-se a seus pés*) – Oh! não me despreze!

ESTÊVÃO – Erguei-vos, senhora; eu amava uma menina pura, e contava fazê-la a companheira de minha vida; não conheço a mulher que me oferece um amor indigno. (*Sai*)

CONSTANÇA – Ah!

SAMUEL – Estêvão!

CONSTANÇA – Eu bem vos disse que ele me desprezaria!

SAMUEL – Voltará!... Vinde!

CENA IX

SAMUEL e FR. PEDRO.

FR. PEDRO – Samuel, o convento está cercado.

SAMUEL – Em que vos admira isto? Não é hoje treze de novembro, véspera do dia fatal?

FR. PEDRO – Que devo eu fazer?

SAMUEL – Nada. Eu incumbo-me de salvar-vos. Tranquilizai-vos!

FR. PEDRO – O perigo não me assusta, Samuel; porém ainda duvido que as vossas previsões se realizem. O marquês de Pombal, com toda a sua audácia, não se animava a ofender o poder de Roma.

SAMUEL – Não o ofendeu, frei Pedro, comprou-o. Roma já foi a rainha do universo; hoje é apenas uma messalina que se vende ao ouro do estrangeiro.

FR. PEDRO – Contudo! O Instituto não podia ser indiferente.

SAMUEL – O tempo em que o Instituto lutava com o Papa e os soberanos passou; os gerais Santo Inácio de Loyola, Francisco de Bórgia e Cláudio Acquaviva não tiveram sucessor. *(Ouve-se bater fora)*

FR. PEDRO *(assustado)* – Batem à porta do convento!

SAMUEL – Mandai abrir, e reuni a comunidade para receber dignamente o conde de Bobadela, que vem intimar-vos a sentença de proscricção.

FR. PEDRO – Não vos ocultais? Quereis que o governador vos surpreenda?

SAMUEL – Ficai descansado a meu respeito; não o temo.

FR. PEDRO – Se cairdes em seu poder, estais perdido!

SAMUEL – Tenho um escudo no qual se embotará a sua espada! *(Entra à direita e fecha a grade)*

CENA X

FR. PEDRO, CONDE DE BOBADELA, MIGUEL CORREIA, JOSÉ BASÍLIO, FRADES e SOLDADOS.

(Apenas Samuel desaparece, vai se reunindo a comunidade. Os frades acendem as velas dos lampadários que estão sobre os bufetes. O sino dobra lentamente)

FR. PEDRO – Quem vos deu o direito, senhor governador, de penetrar com força armada na casa de Deus?

CONDE – O meu direito é o meu dever; cumpro uma ordem d’El-Rei!

FR. PEDRO – Sua Majestade D. José I, não podia esquecer o exemplo de seus avós; para quem o templo do Senhor foi sempre um asilo sagrado.

CONDE – Quando a hipocrisia e a falsidade se cobrem com o hábito da religião e se abrigam aos pés do altar, o rei deve expulsá-las do templo onde só pode entrar a virtude.

FR. PEDRO – Falais dos companheiros de Jesus, senhor governador?

CONDE – Falo da Ordem rebelde e ambiciosa, que, traindo o instituto do seu fundador e a santidade de sua missão, abusa da hospitalidade que lhe concederam os reis de Portugal e do poder que eles lhe conferiram em bem da religião, para conspirar contra a majestade.

FR. PEDRO – Não sois vós, senhor governador, nem os reis da terra que nos hão de julgar. Aquele que tudo vê e tudo sabe, conhece a nossa inocência.

CONDE – A sua punição vai cair sobre vossas cabeças. O convento está cercado; tenho-vos a todos em meu poder; nenhum me escapará!

FR. PEDRO – São escusadas essas precauções; nenhum dos que vedes aqui, ministros da religião, abandonará a casa do Senhor, onde o seu dever lhe manda que permaneça.

CONDE – Para guardar as riquezas que tendes acumulado nos vossos cofres!...

FR. PEDRO – A riqueza que possuímos é uma consciência tranquila.

CONDE – Faltais à verdade, Reitor. Neste convento existe um tesouro avultado, que tantas lágrimas custou aos órfãos e às viúvas de quem o extorquistes.

FR. PEDRO – Os objetos de valor que existem nesta casa são os vasos e as sagradas imagens que servem ao culto do Senhor.

CONDE – Dizei antes que servem para conspirar. Mas iludiram-se! A Providência vela sobre o trono de Portugal e sobre o ministro poderoso que o defende contra a vossa audácia. Ordeno-vos que me entregueis esse tesouro.

FR. PEDRO – É um segredo, senhor, e eu o ignoro.

CONDE – Não espereis enganar-me.

FR. PEDRO – Juro pela salvação de minha alma.

CONDE – Não creio em juramentos de quem ensina que é uma virtude mentir.

FR. PEDRO – Disse a verdade, Sr. conde.

CONDE – Se vós, reitor deste convento, não sabeis o segredo, quem o sabe então? (*A porta larga do fundo abre-se e aparece o Dr. Samuel vestido de jesuíta*)

CENA XI

SAMUEL, CONDE, FR. PEDRO e SOLDADOS.

SAMUEL – Sabe-o Deus no céu, e eu na terra, conde de Bobadela! (*Batendo no peito*) Arrancai-o daqui, se podeis.

CONDE – Ah! enfim!... Deixastes o disfarce!

SAMUEL – Venho reclamar o meu lugar, como chefe desta família, que o Senhor confiou à minha guarda.

FR. PEDRO – Quem sois, então, Samuel?

SAMUEL – Sou o vigário-geral da Companhia de Jesus no Brasil.

FR. PEDRO – Vós! Não é possível!

SAMUEL – Lede. {Dá-lhe um pergaminho.}

CONDE – Pensais iludir-me ainda com a vossa impostura?

SAMUEL – O rei de Portugal e os príncipes da cristandade falam-nos de pé e com a cabeça descoberta. Tirai o vosso chapéu, conde de Bobadela!

CONDE – Hei de humilhar a vossa arrogância; todo o poder da ordem não vos salvará. Revelai o segredo de que sois sabedor, ou entregar-vos-ei ao braço secular, como rebelde e desobediente às ordens régias.

SAMUEL – Estou habituado a ver a morte de perto! Apóstolo da milícia de Cristo, nos desertos desta América e entre os selvagens, só e sem armas, também aprendi a encarar o perigo, como vós, soldado do rei, nos campos da batalha. O martírio não me assusta. Podeis mandar preparar o suplício: mas ficai certo de que a mão do algoz tocando-me vai ferir-vos no coração!

CONDE – Nunca sentirei remorsos de haver punido os inimigos da religião; não tenho coração quando se trata de cumprir um dever.

SAMUEL (*com ironia*) – Exigis de mim um segredo, Sr. governador; eu o revelarei, mas quando estivermos sós.

CONDE (*para os soldados*) – Afastai-vos!

(*Saem os frades e os soldados*)

CENA XII

SAMUEL e CONDE DE BOBADELA.

CONDE – Falai; estamos sós.

SAMUEL – Quando aludi ao vosso coração, senhor conde, não me referia ao fidalgo, nem ao governador; mas ao pai que não pode ser indiferente à perda de uma filha.

CONDE – De uma filha!

SAMUEL – Bem vedes; este único nome vos estremece.

CONDE (*imperativo*) – O segredo?

SAMUEL – O segredo? É este. Todo o homem, ainda o mais forte, tem na sua vida um momento de fraqueza. Há dezesseis anos amastes uma donzela, Sr. conde de Bobadela; por vós traiu ela, seus deveres, abandonou sua família. Vossa indiferença depois a castigou cruelmente; o vosso desprezo a matou. Ela morreu, deixando-vos uma filha que adorais com a paixão veemente e profunda do pai que é obrigado a ocultar seu amor.

CONDE – Como soubestes este segredo?

SAMUEL – Como?... O poder da Companhia de Jesus repousa sobre a consciência, onde não penetram nem as armas dos vossos soldados, nem o braço dos vossos esbirros. Aos pés do humilde confessor, que lhe serve de trono, nenhum cortesão da realeza vem depor a torpe lisonja; todos se prostram, grandes e humildes; todos lhe abrem sua alma. O que ela ouve é a voz da verdade, o grito do coração que lhe denuncia quanto crime impune, quanta miséria dorme às vezes no passado de homens reputados bons e virtuosos.

CONDE – Ah! Abusastes do segredo da confissão! E tendes a impudência de o declarar? Vós, ministro do Senhor, traístes o seu sacramento.

SAMUEL – Usei do poder que ele me confiou para “maior glória de Deus”. Tendes uma ordem do marquês de Pombal que manda prender os jesuítas e expulsá-los do Brasil no dia quatorze de novembro. Hoje são treze; eu vos esperava, senhor governador, eu vos esperava, para dizer-vos que essa ordem não se há de cumprir.

CONDE (*com ironia*) – Quem o obstará? Vós?...

SAMUEL – A Providência, que armou o meu braço para punir-vos, se ousardes tentar contra a companhia de Jesus.

CONDE – Insolente!

SAMUEL (*aponta para o interior*) – Vede!

CONDE – Constança! (*espanto*)

SAMUEL – É vossa filha sim, que ali está adormecida. Aquele homem que a contempla apertando o cabo do punhal, é um autômato, instrumento cego de minha vontade.

CONDE – É um infame assassino, como vós que lhe armastes o braço.

SAMUEL – Prudência! Ao menor movimento, vossa filha, deixará de existir. Não vedes que uma barreira vos impede o passo, e que há maior distância entre vós e ela, do que entre o punhal e seu corpo?

CONDE (*consigo*) – Que horrível transe!

SAMUEL – Curvai-vos à fatalidade!... Fostes vencido por Deus!

CONDE (*num assomo de ira*) – Oh! Eu a salvarei! Ainda que seja preciso matar-vos com as minhas mãos, e roubar-vos ao patíbulo! (*Ergue o punhal para Samuel*)

CONSTANÇA (*dentro*) – Ah!

CONDE (*recuando*) – Constança! Ele a assassina!... O miserável!...

SAMUEL – Porque hesitais!... Podeis martirizar-me a carne; mas eu tenho fechada em minha mão a vossa alma. (*Pausa*)

CONDE – Que pedis? A liberdade?

SAMUEL – Nada peço, conde de Bobadela. Exijo que não executeis a ordem de proscricção.

CONDE (*com dignidade*) – Feriste-me no coração, sicário! Mas o coração, tu o disseste, é do pai que não está mais aqui. Esse que vedes, jesuíta, é o conde de Bobadela, governador deste Estado. Ordeno-vos que entregueis o tesouro da Companhia; e dou-vos esta noite para cumprirdes a minha ordem.

SAMUEL – Esta noite, dou-vos eu, conde de Bobadela, para refletir.

CONDE (*imperativo*) – Ao primeiro toque d'alvorada aqui estarei.

SAMUEL (*com altivez*) – Eu vos espero.

ATO IV

Sacristia do Colégio dos Jesuítas, esclarecida por uma lâmpada. Ainda ouve-se o toque da alvorada, dado pelas cometas.

CENA I

FR. PEDRO e JOSÉ BASÍLIO.

FR. PEDRO – Que se passa fora, José Basílio?

JOSÉ BASÍLIO – Nada, padre Reitor; tudo está em silêncio. O convento continua cercado de tropa.

FR. PEDRO (*indo à janela*) – Aquele vulto que ali passeia no jardim, não é o governador?

JOSÉ BASÍLIO – Assim me parece. Há duas horas seguras que percorre o mesmo espaço.

FR. PEDRO – Samuel terá razão? O Conde deixará de cumprir a ordem do marquês de Pombal?

JOSÉ BASÍLIO – O caso é, que depois da conferência que tiveram, o governador retirou-se; e notei, padre Reitor, que ia demudado.

FR. PEDRO – Parece com efeito que recuou; mas não creio nesse poder misterioso capaz de suspender a ordem de El-rei.

JOSÉ BASÍLIO – O vigário-geral da companhia de Jesus deve saber segredos importantes. Não se lembra, padre Reitor, do grito que ouviu-se?

FR. PEDRO – De quem seria? Pareceu-me de uma mulher.

JOSÉ BASÍLIO – De uma mulher? Como podia estar no convento? Por onde entrou?

FR. PEDRO – Há recantos nesta casa, José Basílio, que eu mesmo ignoro, embora viva há dez anos nela. Sabeis da tradição que fala de uma comunicação subterrânea entre este convento e um outro edifício abaixo do morro?

JOSÉ BASÍLIO – Todos repetem esse boato; mas ninguém o afirma!

FR. PEDRO – Talvez que tais segredos sejam conhecidos por esse homem incompreensível, que, depois de passar dezoito anos disfarçado em médico italiano, acaba de revelar-se de repente como a segunda autoridade da ordem.

JOSÉ BASÍLIO – E com todo esse poder veio esconder-se neste canto do mundo?

FR. PEDRO – Quem sabe que planos eram os seus!

CENA II

OS MESMOS e ESTÊVÃO.

JOSÉ BASÍLIO – Como estás?

ESTÊVÃO – Estou melhor; estou resignado!

FR. PEDRO – Sentis alguma aflição, Estêvão?

ESTÊVÃO – Agora nada sinto; há dores profundas que devastam o coração, e matam a alma, e fazem daquilo que foi um homem uma pouca de lama ou d'argila. Agora nada sinto! (*Afasta-se*)

JOSÉ BASÍLIO – Toda a noite teve delírios horríveis; receei que enlouquesses.

FR. PEDRO – O que lhe sucedeu?

JOSÉ BASÍLIO – Compreendi das suas palavras soltas e sem nexos, que sofrera uma grande decepção; amava uma menina; creio que ela o traiu.

FR. PEDRO (*indo a Estêvão*) – Não vos deixeis sucumbir, Estêvão! A desgraça é uma prova que Deus nos envia para experimentar a nossa coragem. Devemos lutar e vencê-la pela resignação.

ESTÊVÃO – Não é possível, padre Reitor; depois do que sofri não se vive.

JOSÉ BASÍLIO – Não digas isso, meu amigo.

ESTÊVÃO – Não sabes, José Basílio, que estado é este d'alma que perdeu todas as crenças, e duvida de tudo!

FR. PEDRO – Crede na misericórdia de Deus, filho!... Ele vos salvará da desesperação.

ESTÊVÃO – A santidade de vossa vida, frei Pedro, não conhece esses infortúnios para os quais não há consolo nem alívio.

FR. PEDRO – É um engano vosso; também tive uma mocidade; depois que extinguiu-se não há dia em que eu não veja na consciência dos outros os estragos que aí deixaram as paixões.

ESTÊVÃO – Mas nunca viste o que eu senti!... Amar uma menina pura e casta, respeitá-la como a Deus, ter, medo de mim mesmo, quando a via tão bela!... E no momento em que lhe suplicava que me aceitasse por seu esposo...

FR. PEDRO – Recusou?

JOSÉ BASÍLIO – Traiu-te?... Esqueceu o seu juramento?

ESTÊVÃO – Antes isso mil vezes!... Antes a visse morta a meus pés, antes me repelisse! Não sofreria como sofri, ouvindo-a propor-me um amor infame!

JOSÉ BASÍLIO – Que dizes? Constança...

ESTÊVÃO – Recusou ser minha esposa para ser... Adivinha! Eu não tenho ânimo de dizê-lo!

FR. PEDRO – Essa mulher não merecia vossa afeição, Estêvão; guardai-a para outra mais digna.

ESTÊVÃO – Não se ama duas vezes assim; depois daquela tortura só me resta uma esperança: a morte que traz o repouso e o esquecimento.

FR. PEDRO – Quereis tentar contra vossa existência?

ESTÊVÃO – Não; tive um momento essa fraqueza, mas passou.

FR. PEDRO – Ainda bem.

ESTÊVÃO – Tenho porém uma graça que pedir-vos, padre Reitor.

FR. PEDRO – Dizei qual, filho!

ESTÊVÃO – Aceitai em nome de Deus este sopro de vida que ainda me anima; dai-me o santo hábito que vos cobre, para que eu ao menos tenha o direito de morrer como um cristão.

FR. PEDRO – Desejais professar?

JOSÉ BASÍLIO – Estêvão, meu amigo!... (*Entra Samuel*)

ESTÊVÃO – Já não sirvo para coisa alguma neste mundo, senão para regar com meu sangue a cruz que vossos irmãos plantaram nesta terra.

FR. PEDRO – Fazeis bem; achareis no seio da religião a paz e a tranquilidade.

CENA III

FR. PEDRO, JOSÉ BASÍLIO, ESTÊVÃO e SAMUEL.

SAMUEL – Acharás a glória e o poder!

ESTÊVÃO (*surpreso*) – Senhor!

FR. PEDRO – Samuel!...

SAMUEL – Serei eu mesmo que aceitarei os teus votos, meu filho! (*Fr. Pedro e José Basílio remontam*)

ESTÊVÃO – Nunca! De vós nada mais quero! Nem mesmo a compaixão.

SAMUEL – Estêvão!... Não me reconheces?

ESTÊVÃO – Reconheço-vos agora! Infelizmente é tarde! Despedaçastes a minha existência; sacrificastes aos vossos planos insensatos a minha felicidade! Deixai-me o direito ao menos de esquecer-vos e morrer tranquilo!

SAMUEL – Tu não morrerás, meu filho; a tua vida começa apenas; o teu destino ainda não se cumpriu. Não lamentes a perda desses prazeres mesquinhos, que o homem superior não se abaixa para colher. A felicidade vem de Deus; não é no sorriso de uma mulher, flor de um dia, que tu a podes encontrar; procura-a na inteligência, que é imortal.

ESTÊVÃO – Esqueceis que matastes-me a alma.

SAMUEL – Eu, Estêvão?

ESTÊVÃO – Vós mesmo! A princípio não refleti! Depois compreendi tudo! Falastes a Constança antes que eu chegasse; pervertestes o seu coração! Fizestes dela, da virgem que amava-me, uma mulher perdida, um ente vil e abjeto; e de mim um homem que descrê da virtude, da honra, do amor; que duvidaria de sua mãe se a tivesse. Contemplai a vossa obra, e escarnecei de Deus e do mundo!...

SAMUEL – Não fui eu, humilde criatura, Estêvão; foi a Providência que iluminou essa menina, e lhe deu a coragem para o sacrifício que ela fazia à tua felicidade. Recusaste; porque não compreendeste a sublimidade do seu amor e a virtude de sua alma!

ESTÊVÃO – A virtude?... Não profaneis esse nome.

SAMUEL – A virtude não é um hábito, nem a simples abstinência de um prazer; é a força e o heroísmo necessário para o cumprimento de um dever. Constança cometeria um crime, aceitando a partilha de tua existência, e condenando-te à vida obscura da família. Imolou sua honra à tua glória! Cumpriu um dever!

ESTÊVÃO – Ah! foi essa moral sacrílega que a perdeu!... Sacerdote da prostituição, corrompestes com as vossas palavras sua inocência!

SAMUEL – Tu me acusas, meu filho!... Não sabes que o meu único pensamento é a tua ventura, e a realização dessa grande ideia de que serás o herdeiro! Não sabes o que eu sou?

ESTÊVÃO – Sois um louco!

SAMUEL – Estêvão!...

ESTÊVÃO – Um louco, sim! Já o confessastes, e eu quero acreditá-lo para não julgar-vos antes um demônio que se deleita com o sofrimento de suas vítimas! Concebestes um projeto extravagante, e para realizá-lo todos os meios são bons! A desgraça de um filho a quem educastes, a desonra de uma menina que não vos fez mal, o desespero de ambos; tudo vos parece virtude, tudo vos parece inspirado por Deus!...

SAMUEL – Duvidas de mim, Estêvão?...

ESTÊVÃO – E vós mesmo não duvidais?... Estás bem certo que a vossa razão gasta pelos anos, não delira?... que essa grande ideia não seja apenas uma alucinação de vossa inteligência enferma?!...

SAMUEL – Confesso, Estêvão. Às vezes interrogo a minha consciência, e pergunto-me a mim mesmo se a destruição de um obstáculo, se a morte de um homem, é um crime ou uma triste necessidade?... Mas a consciência me responde: — “Prossegue; as ideias não se governam como os homens; elas não param em sua marcha; abatem os que se opõe à sua passagem; são os rios que se precipitam para o oceano.”

ESTÊVÃO – Basta! Não quero mais ouvir-vos; porque se me convencêsseis que não sois um louco...

SAMUEL (*com ansiedade*) – Me acompanharias?

ESTÊVÃO – Vos desprezaria como um assassino.

SAMUEL – Meu filho?

ESTÊVÃO – Mas não tendes consciência do que praticais. Só mereceis a compaixão!

SAMUEL – Não me condenes, Estêvão! Ouve-me!... Não vês que eu choro, meu filho!...

ESTÊVÃO – Chorais!... Ainda bem!... Vou pedir a Deus que tenha piedade de vossa alma; e vos restitua a razão que perdestes, para um dia remirdes os erros de vossa vida. (*sai pelo fundo*)

CENA IV

SAMUEL (*só*) – Meu Deus!... Meu Deus!... Dirá ele a verdade?... Esta grande obra, construída dia por dia, instante por instante, será apenas um sonho da imaginação, uma demência do espírito?!... Serei eu um louco?... Não. A luz da razão me esclarece; a mão da Providência me guia!... Eu vejo!... A um aceno meu, um povo se ergue como um gigante e reclama o seu lugar entre as nações ilustres!... A um aceno meu... Sim! Sou apenas um homem, uma criatura fraca e mortal... Mas não foi um homem que descobriu o novo mundo?... Ele só com a sua vontade e o seu gênio?... Não foi um homem que deu asas ao pensamento e o fez rei e senhor do universo?... Oh! não!... Não sou um louco!... Estêvão há de compreender-me, e perdoar-me! É preciso!... Ainda que destrua metade do que tenho feito!... (*cogita*)

CENA V

SAMUEL e FR. PEDRO.

FR. PEDRO (*para dentro a José Basílio*) – Não o deixeis; no estado em que está pode praticar um ato de desespero. (*José Basílio recolhe-se*)

SAMUEL (*erguendo a cabeça*) – Que horas serão, frei Pedro?

FR. PEDRO – Devem ser mais de três. (*chegando-se à janela*) O oriente começa a empalidecer.

SAMUEL (*sombrio*) – É a aurora do dia 14 de novembro que vem anunciar a proscricção da companhia de Jesus. O sol que vai raiar verá nossa ruína.

FR. PEDRO – Como?... Perdestes a esperança?... Não me havíeis dito que estávamos salvos?

SAMUEL – Enganei-me, frei Pedro. Julguei que setenta e cinco anos de existência tinham reduzido a cinzas este coração, e que nada mais o podia estremecer! Enganei-me!... Eu que sorria das paixões humanas, eu que jogava com a vida de milhares de homens, eu que vi impassível morrerem um a um todos os que me amaram na terra, achei enfim uma lágrima!... O grito de dor daquele menino despertou esta alma surda às procelas do mundo!

FR. PEDRO – Mas que tem isso com a salvação que nos prometestes?

SAMUEL – Esta salvação seria comprada com a sua felicidade, e eu não quero, não posso vê-lo sofrer. Amo-o como meu filho!

FR. PEDRO – Assim, sacrificais a religião a uma afeição pessoal?

SAMUEL – Sacrifico mais ainda!

FR. PEDRO – Desconheço-vos neste momento, Samuel!

SAMUEL – Eu mesmo não me reconheço! Uma força mais poderosa do que minha vontade domina-me! (*Pausa*) O que é o homem, frei Pedro? Uma parcela de essência divina fechada em um vaso de argila. Que importa que o gênio se eleve e plaine sobre a terra, se basta um sopro para quebrar o vaso que o encerra?... Consumir cinquenta anos de existência a criar e realizar uma ideia; gastar toda a sua inteligência a preparar os elementos de uma revolução, conseguir à força de perseverança dirigir a marcha dos acontecimentos; e afinal ver tudo destruído pelo olhar de uma mulher!... Depois disto credes que haja verdade neste mundo? A ciência, a religião, a justiça, o que são? Uma mentira!... Uma ilusão que se desvanece com um sorriso de amor!... Homem, misto de orgulho e de baixeza, humilha-te!... Tu és um escárnio da Providência, que te criou para divertir-se em contemplar a tua miséria, luta insana do espírito com a matéria.

FR. PEDRO – Acalmai-vos, meu amigo. Sem querer, soltastes uma blasfêmia.

SAMUEL – Senhor, perdoai-me!... (*a frei Pedro*) Tendes razão; preciso de toda calma: resta-nos uma hora apenas.

FR. PEDRO – Então decididamente estamos perdidos?

SAMUEL – Resignemo-nos à vontade de Deus, e preparemo-nos para morrer como mártires, se assim for preciso.

FR. PEDRO – O governador vos respeitará.

SAMUEL – Por que motivo?

FR. PEDRO – O vosso carácter sagrado! Sois o vigário-geral da companhia de Jesus, que embora expulsa de Portugal, ainda pode muito na Europa?

SAMUEL – Isso de nada vale. O conde de Bobadela sabe que a minha existência é um obstáculo ao engrandecimento da monarquia portuguesa, e há de procurar remover esse obstáculo; mas estou tranquilo; aguardo a minha sorte.

CENA VI

FR. PEDRO, DANIEL, UM FRADE E UM HOMEM DE OLHOS VENDADOS.

FR. PEDRO (*ao frade*) – Chamai nossos irmãos à oração; poucos momentos nos concede o Senhor para purificarmos a alma que talvez em uma hora tenha de comparecer ante o seu trono. (*O frade sai*)

DANIEL (*a meia voz*) – Quereis fazer uma obra de misericórdia, padre Reitor?

FR. PEDRO – Não é cousa a que se recuse um servo de Deus. Que desejais?

DANIEL – Podeis absolver aquele homem? (*apontando*)

FR. PEDRO – Absolvê-lo? Por quê?

DANIEL – Porque vai morrer.

FR. PEDRO – Como?

DANIEL – Tenho ordem de aviá-lo.

FR. PEDRO – Quem vos deu semelhante ordem?

DANIEL – Aquele que a podia dar.

FR. PEDRO – O governador?

DANIEL – O governador manda nos seus soldados; não manda nesta casa.

FR. PEDRO – Samuel?

DANIEL – Sim.

FR. PEDRO – Não é possível! Que fez este homem?

DANIEL – Sabe um segredo importante.

FR. PEDRO – Mas isso não é um crime!

DANIEL – É uma desgraça, que é pior.

FR. PEDRO – Não consentirei.

DANIEL – É desnecessário o vosso consentimento.

FR. PEDRO – Não vedes que é um assassinato?

DANIEL – É o meu dever; o doutor Samuel ordenou, eu obedeço.

FR. PEDRO (*consigo*) – Que fanatismo, meu Deus!... Como aquela inteligência superior pode assim dominar esta consciência a ponto de fazer dela um instrumento cego da sua vontade!

DANIEL – Quereis absolver o homem?

FR. PEDRO – Nunca! Não serei cúmplice desse homicídio.

DANIEL – Pois bem ele morrerá impenitente, e carregareis com as suas culpas.

FR. PEDRO – Escuta; quero falar a Samuel.

DANIEL – Não posso esperar; a menor demora é um risco; este homem pode cair nas mãos do governador.

FR. PEDRO – Que mal resultaria daí?

DANIEL – Revelaria o segredo de que é sabedor.

FR. PEDRO – Mas que segredo é esse?... Quem é este desgraçado?

DANIEL – É um pedreiro.

FR. PEDRO – Que veio fazer aqui?

DANIEL – Veio levantar um muro.

FR. PEDRO – Em que lugar? Nada vi!

DANIEL – Não sei, ninguém viu; ele mesmo não o sabe.

FR. PEDRO – Que quer dizer este enigma?

DANIEL – Há oito dias que este homem foi trazido aqui com os olhos vendados; deixei-o naquela cela onde há pouco o fui encontrar. Diz que trabalhou sem descanso em uma cava onde não penetrava a luz do sol; uma lâmpada o esclarecia.

FR. PEDRO – Ah! já compreendo o mistério. Samuel quis prevenir uma traição.

DANIEL – Bem vedes que tenho razão.

FR. PEDRO – Ainda assim, não deves matar este infeliz.

DANIEL – Ei-lo aí; perguntai-lhe.

CENA VII

SAMUEL, FR. PEDRO e DANIEL.

FR. PEDRO – É verdade, meu amigo?

SAMUEL – O quê, frei Pedro?

FR. PEDRO – Destes a Daniel uma ordem severa!

SAMUEL – Sim!... Dei-a há uma hora. Felizmente ainda é tempo!... Começo a crer que não há necessidade que justifique um crime. A vida da criatura é sagrada; só a pode tirar aquele que a deu. Todo o ouro da terra não paga uma gota de sangue derramado.

FR. PEDRO (*a Daniel*) – Ouves?

SAMUEL – Daniel, há algum meio de fazer aquele homem sair são e salvo do convento?

DANIEL – Nenhum; todas as portas estão guardadas.

SAMUEL – Pois então vesti-vos ambos de irmãos leigos e esperai que amanheça; logo que tiverem presos todos os jesuítas professos, vos deixarão partir livremente. Acompanhai-o, e persuadi-o a que deixe o Brasil.

DANIEL – Correis um perigo, senhor; não devo abandonar-vos.

SAMUEL – Obrigado, Daniel; ide! (*Daniel sai*) Ordenai que preparem aquele altar, frei Pedro, e mandai-me Estêvão.

FR. PEDRO – Ele não vos quer ver, meu amigo.

SAMUEL – Não lhe faleis, em meu nome; dizei-lhe que Constança o chama. (*Entra Garcia com Constança adormecida e a deita em um confessionário*)

FR. PEDRO – Esta menina!... Aquela que ele amava?

SAMUEL – E que ainda ama!...

CENA VIII

GARCIA e SAMUEL.

SAMUEL – Garcia!

GARCIA – Senhor!

SAMUEL – A desgraça pesa sobre esta casa; mas espero que não vos tocará. Voltai ao Paraguai; e dizei a vossos irmãos que ainda não chegou o momento de reconquistarem a sua independência.

GARCIA – Por que não partis comigo? Nós vos defenderemos contra os vossos inimigos.

SAMUEL – Tenho outro dever a cumprir.

GARCIA – Posso salvar-vos ainda!

SAMUEL – É inútil, Garcia.

GARCIA – Duvidais?

SAMUEL – Não; conheço a vossa coragem; mas ela é desnecessária.

GARCIA – Quando devo partir?

SAMUEL – Logo que vos deixem passar. Aproveitai o pouco tempo que tendes para preparar-vos.

GARCIA – Não vos verei mais?

SAMUEL – Talvez no céu.

CENA IX

Samuel ficando só contempla Constança por alguns instantes, e ergue os olhos para o altar.

SAMUEL – Só tu és grande, meu Deus!... E a tua humilde criatura só consegue elevar-se do pó em que rasteja quando contempla e admira a tua grandeza!... Sublime é o teu poder!... O raio que escala as nuvens, a tormenta que revolve o oceano, os cataclismos que mudam a face da terra, não são a mais bela expressão de tua força. É no estame delicado da flor, no grão de areia, no átomo imperceptível, que tu opões com uma barreira invencível à louca vaidade do homem que eu reconheço a tua onipotência! Quem diria que um velho encanecido no trabalho, que a razão exercida no estudo e reflexão, se curvaria diante dessa menina adormecida, revelação grandiosa de tua majestade? Um minuto acaba de riscar do passado quase um século! A alma rebelde e orgulhosa que ousava ler no futuro, prostra-se a teus pés, Senhor, e adora o seu Criador. *(Ajoelha aos pés do altar; ouve-se o coro dos frades acompanhado pelo som do órgão)*

CENA X

SAMUEL, ESTÊVÃO e CONSTANÇA, adormecida.

ESTÊVÃO – De joelhos!... Ele!...

SAMUEL *(erguendo-se)* – Meu filho!

ESTÊVÃO – Eu me retiro; não está aqui quem eu procurava. Fr. Pedro enganou-me.

SAMUEL – Não te enganou, não, Estêvão. Tua esposa te espera; ela te sorri. *(Mostra-a)*

ESTÊVÃO – Ah! Mas que tem ela?

SAMUEL – Está adormecida; daqui a um instante acordará.

ESTÊVÃO – Antes não acordasse... Para falar-me como me falou! Morta, eu ainda a amaria; viva... é impossível!

SAMUEL – Constança é pura e inocente; aceitava o amor ilegítimo como um martírio, porque eu lho ordenei em nome de Deus.

ESTÊVÃO – Devia ter repellido semelhante infâmia.

SAMUEL – Depois de a convencer que a sua afeição te roubava a glória e te fazia desgraçado? Era preciso que não te amasse. Uma mulher, Estêvão, sacrifica tudo, menos o seu coração. Mas esquece o passado, e perdoa-me.

(Constança desperta surpresa e ajoelha-se aos pés do altar)

ESTÊVÃO – Quem me assegura que não me iludis ainda? Que a vossa moral jesuítica não escarnece de mim? Lembrai-vos que há quinze dias consentistes que eu a amasse; e entretanto ontem...

SAMUEL – Ontem eu não sabia que te queria mais do que a um filho! Ignorava esta paternidade d'alma, mais forte e mais violenta do que a paternidade do sangue! A tua dor ma revelou! Hoje sou outro homem; o coração dominou a razão; o revolucionário tornou-se pai!

ESTÊVÃO – Se fôsseis sincero! Mas como acreditar-vos?

SAMUEL – Ali está um altar. *(vendo Constança)* Tua noiva já despertou; ei-la de joelhos; vem; quero abençoar a vossa união.

ESTÊVÃO – Constança!

CONSTANÇA – Já não me foge, Estêvão?

ESTÊVÃO – Não; tu és minha esposa, Constança.

(Ajoelham-se aos pés do altar. Samuel une as mãos de ambos e os abençoa murmurando rapidamente as palavras do ritual: Ego conjungo vos in matrimonio. In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti. Amen)

ESTÊVÃO – Meu pai! *(abraça a Samuel)*

SAMUEL – Meu filho! Queria dar-te a glória, preferiste a felicidade.

ESTÊVÃO – Se eu não a amasse!

SAMUEL – Vamos separar-nos, talvez para sempre, meu filho. Quero levar ao menos o consolo de tua afeição.

ESTÊVÃO – Ah! Eu vos amo e admiro! Esquecei um transporte de desespero!

SAMUEL – Esquecê-lo, quando foi ele que restituiu-me a razão? (*à Constança*)
Minha filha, os instantes correm; e eu não sei o que Deus em sua sabedoria terá feito de mim antes de uma hora. Ide render-lhe graças aos pés do altar, enquanto falo a Estêvão. Com pouco o restituirei à vossa ternura. Tendes uma existência inteira para amá-lo! (*abraça-a*)

CONSTANÇA – E para venerar o nome daquele a quem devo o meu Estêvão!
(*ajoelha*)

SAMUEL – Fui um grande pecador, Estêvão; mas quero revelar-te o mistério desta existência que está próxima de seu termo. Vais ler no fundo desta alma, onde até agora só penetrou o olhar de Deus.

ESTÊVÃO – Oh! sim; desejo conhecer a vossa história; ela me ensinará a amar-vos ainda mais.

SAMUEL – Como tu, Estêvão, ignoro de quem sou filho; não tive família; não conheci meus pais; porém nasci no seio desta terra virgem, que me nutriu como mãe; o meu berço embalou-se ao sopro das brisas americanas; os meus olhos abriram-se para contemplar este céu puro e azul. Não sei que perfume de liberdade respiram as flores destes campos; que voz solene tem o eco destas florestas; que sentimento de independência excita a grandeza deste continente e a amplidão do oceano que o cinge!... Não sei!... Mas a primeira ideia que germinou em meu espírito de quinze anos foi a emancipação de minha pátria; a primeira palavra que balbuciou a minha razão foi o nome do Brasil, que resumia para mim os nomes de pai, de mãe, de irmãos, de todos esses ternos afetos que a Providência me negara!

ESTÊVÃO – Oh! eu também sentia a mesma cousa, quando contemplava esta natureza esplêndida!

SAMUEL – Não é verdade? Este sol brilhante ilumina a inteligência e dá voos ao pensamento. Aquela inspiração da mocidade tornou-se uma ideia; a razão apoderou-se dela; e eu, só, sem recursos, sem auxílios, concebi esse plano ousado e gigantesco, que às vezes me fazia duvidar de mim, e que tu chamaste uma loucura!

ESTÊVÃO – Que dizeis, senhor?... Essa revolução...

SAMUEL – Era a independência de nossa pátria!

ESTÊVÃO – Como podéis realizar semelhante projeto? Era um impossível!

SAMUEL – Houve tempo em que julguei não haver impossíveis para o homem. Era jesuíta professo nos quatro graus; conhecia o imenso poder dessa vasta associação que se estendia pelo universo, prendendo-o por uma teia de vinte mil apóstolos, como um corpo à cabeça que estava em Roma. Podia dirigi-la, se eu quisesse, e fazer dela uma alavanca para abalar o mundo. Precisava porém de estar aqui. O geral Miguel Ângelo Tamburini, a quem confiei a minha ideia, nomeou-me vigário da ordem, nomeação secreta que foi confirmada por seus sucessores. Com essa autoridade, voltei ao Brasil e continuei a trabalhar.

ESTÊVÃO – E desde então o que fizestes?

SAMUEL – Ides ver. Esta região rica e fecunda era e ainda é hoje um deserto; para fazer dela um grande império, como eu sonhei, era necessária uma população. De que maneira criá-la? Os homens não pululam como as plantas; a reprodução natural demanda séculos. Lembrei-me que havia na Europa raças vagabundas que não tinham onde assentar a sua tenda; lembrei-me também que no fundo das florestas ainda havia restos de povos selvagens. Ofereci á aqueles uma pátria; civilizei estes pela religião. Daniel, o cigano, era o elo dessa imigração que em dez anos traria ao Brasil duzentos mil boêmios; Garcia, o índio, era o representante das nações selvagens que só esperavam um sinal para declararem de novo a sua independência. Mas isto ainda não bastava; os judeus, família imensa e proscrita, corriam a abrigar-se aqui da perseguição dos cristãos; Portugal e Espanha pela intolerância, a Inglaterra pelo protestantismo, a França pelo catolicismo, lançariam metade de sua população nesta terra de liberdade e tolerância, onde toda a religião poderia erguer o seu templo, onde nenhum homem seria estrangeiro.

ESTÊVÃO – Oh! Eu vos admiro!

SAMUEL – Todos os elementos estavam dispostos; prosseguia na minha obra certo de que, se me faltasse o tempo, tu a continuarias. Em menos de vinte anos o Brasil deixaria de ser uma colônia de Portugal. Eis a missão que te destinava. Deixaste-me só, e estou velho!

ESTÊVÃO – Oh! Eu vos seguirei!

SAMUEL (*apontando para Constança*) – E ela?

(*Frei Pedro à frente da comunidade tem entrado pelo fundo e tomado posição no coro*)

CENA XI

SAMUEL, ESTÊVÃO, CONDE DE BOBADELA, CONSTANÇA, FRADES com tochas, e SOLDADOS, etc.

(Dobram os sinos)

ESTÊVÃO *(voltando-se)* – O governador!

CONDE *(a Samuel)* – Bem vedes que sou pontual.

SAMUEL – Eu vos esperava!

CONDE – Esperastes o pai; mas quem veio foi o juiz. Podeis consumir o vosso último crime; o algoz se prepara para punir-vos.

SAMUEL – Antes de resolverdes o sacrifício do vosso amor paternal tinha eu restituído a Estêvão sua esposa, como agora vos restituo vossa filha.

CONDE *(vendo Constança)* – Ah! *(recobra-se)* Não; aqui só fala o dever.

SAMUEL – Cumpri-o. Quem vos impede?

CONDE – Miguel Correia?

(Aparece o oficial; e a cena enche-se de soldados)

SAMUEL – Adeus, conde de Bobadela.

CONDE – Onde ides?

SAMUEL – Vou a Roma.

CONDE – Estais zombando!

SAMUEL – Vou a Roma, onde não chega nem o braço de vosso rei, nem a cólera de vosso ministro.

CONDE – Esperais escapar-me, rebelde, depois de terdes ousado conspirar contra o vosso rei? Esperais que vos deixe continuar livremente a forjar nas trevas o vosso plano. Oficial, apoderaí-vos deste homem!

(Estêvão quer proteger Samuel com o seu corpo quando Miguel Correia avança. Samuel porém sobe o degrau do altar)

SAMUEL – Tranquilizai-vos, meu filho; o poder de Deus me defende! *(Ao conde)* Que quereis de mim?... O frade, o jesuíta?... *(Tira o hábito e lança-lho aos pés)* Ei-lo; é um hábito? Podeis rasgá-lo; mas a ideia não morrerá, não! Ela fica

plantada no solo americano; cada homem que surgir do seio desta terra livre será um novo apóstolo da independência do Brasil!

CONDE – Impostor!

SAMUEL – Conde de Bobadela, governador do rei de Portugal, eu te emprazo para daqui a um século. À voz possante de um povo saudando a sua liberdade, a tua sombra se erguerá do túmulo para admirar esse império que a Providência reserva a altos destinos. Não vês que o gigante se ergue e quebra as cadeias que o prendem? Não vês que o velho tronco de reis-heróis, carcomido pela corrupção e pelos séculos, há de florescer de novo nesta terra virgem, e aos raios deste sol criador?... Oh! Deus me ilumina!... Eu vejo!... Além... no futuro... Ei-lo!... Brasil! Minha pátria!...

CONDE – Soldados!... Prendei-o!

CORREIA – A quem?

(Quando o Conde volta as costas e vai chamar os soldados, Estêvão e Constança correm a impedi-lo; neste momento abre-se uma porta falsa no altar e Samuel desaparece)

CONDE – À ele. Onde está?

FR. PEDRO – Deus o sabe!

FIM

A EXPIAÇÃO

PERSONAGENS

CAROLINA, 34 anos.

LINA, 16 anos.

SOFIA, 18 anos.

PAULINA, 38 anos.

D. FRANCISCA, 47 anos.

AMÉLIA, 20 anos.

HELENA, 59 anos.

MENESES, 50 anos.

LUÍS VIANA, 38 anos.

BARÃO DE CASTRO (Araújo), 54 anos.

COMENDADOR VIEIRA, 40 anos.

FERNANDO, 49 anos.

PINHEIRO, 35 anos.

TAVARES, 60 anos.

Convidados, criados, um afilhado de D. Francisca, etc.

A cena é no Rio de Janeiro, 13 anos depois do epílogo das ASAS DE UM ANJO.

DECORAÇÃO

ATO I — A cena representa um terraço; no fundo e dos lados, portas iluminadas dos salões de baile, por onde passam constantemente os pares. A esquerda, no primeiro plano, gradil do terraço com assentos para fumar; do outro lado bancos de pedra com latadas. Vasos de flores, trepadeiras, etc. A espaços ouve-se a música.

ATO II — Sala modesta. No fundo direito entrada exterior; no fundo esquerdo varanda. À direita janelas de grades; à esquerda alta sala de jantar; à esquerda baixa, interior. O piano a direita entre as janelas.

ATO III — Jardim moderno; no fundo, cortinas que ocultam a mesa de jantar sob as mangueiras. À direita, grade que divide do pátio de entrada; à esquerda, um pavilhão octógono, metade fechado em gabinete, metade aberto em varanda; da parte fechada, porta para o jardim; dessa porta desce até abaixo da cena um arvoredo que separa a varanda do jardim; a comunicação faz-se por um arco de cedros, onde se figura passar a rua tortuosa que vem do fundo.

ATO IV — A mesma cena que o segundo.

ATO I

(Em casa de Fernando. Terraço entre salões de baile)

CENA I

Meneses, Vieira, Pinheiro e Fernando.

FERNANDO — Aqui está mais fresco!

PINHEIRO — Está delicioso!... Este terraço é encantador!...

MENESES — Realmente, quem goza deste ar puro, e desta impagável liberdade em pleno baile, vendo dançar nos salões as mais bonitas mulheres, e luzir no céu as mais brilhantes estrelas, saboreando um sorvete entre duas fumaças de Havana; pode dizer afoutamente que conquistou o paraíso terrestre!

VIEIRA — É o baile mais esplêndido deste ano. Podes ter este orgulho, Fernando!

FERNANDO — Quis mostrar a certos ricos como se deve usar da riqueza!

VIEIRA — E conseguiste! Fizeste de tua casa um verdadeiro paraíso terrestre, como diz o Sr. Meneses. Nada falta, nem mesmo o fruto proibido.

MENESES — E a tentação da serpente, Sr. Vieira... Perdão... Sr. comendador Vieira!...

VIEIRA — Ora! Pode tratar-me como quiser. Não reparo nessas cousas.

MENESES — Nada! O seu a seu dono. Ninguém respeita mais os títulos do que eu.

PINHEIRO — Quando bem empregado.

MENESES — São sempre bem empregados, Sr. Pinheiro.

FERNANDO — Oh! nem sempre!

VIEIRA – O certo é que um homem sisudo faz hoje verdadeiro sacrifício aceitando alguma dessas honras que tem sido tão barateadas pelos governos estrangeiros.

MENESES – Como certas comendas!... Mas acredite-me, Sr. Fernando; o título ainda mal empregado é uma instituição utilíssima.

FERNANDO – Explique-nos a razão.

MENESES – O que são as condecorações senão um modo de publicidade? Um velhaco que passaria despercebido em sua obscuridade, não pode escapar a curiosidade pública desde que o põem em relevo.

PINHEIRO – Que epigrama!

MENESES – É um paradoxo de jornalista. Sou homem da imprensa; sustento a conveniência do anúncio e a abolição do anônimo, no salão, como no jornal. E lá vem o nosso barão que estou certo pensa como eu.

VIEIRA – O barão é suspeito nesta matéria!

CENA II

Os mesmos, e o Barão.

BARÃO – De que se trata? Do Sr.?

PINHEIRO – Tratava-se de títulos e condecorações...

MENESES – E eu dizia que se algumas vezes são cartas de recomendação, outras não passam de cartazes de botica bem necessários para se conhecer que o frasco contém veneno.

BARÃO – Dizia uma verdade. Não sou suspeito, como inculca aqui o Sr. comendador. Quando me ofereceram o título que trago por uma bagatela que dei, quis recusar; mas não tendo nome ilustre que conservar, e não me vindo daí prejuízo, aceitei. Aceitei, e confesso que por uma razão de comodidade.

VIEIRA – Pois eu julgo que não há nada mais incomodo do que as honras. Digo-o por mim: vê-se uma pessoa cercada por mil importunações.

BARÃO – Não duvido que ao senhor isso aconteça; a mim porém dá-me menos trabalho como diretor do banco assinar milhares de vezes dois nomes, do que os cinco que me deixou meu pai por herança.

VIEIRA – Então foi barão unicamente para encurtar a assinatura?

MENESES – Admira com efeito! Quando outros fazem o possível por alongar o nome, escrevendo a margem todos os seus títulos verdadeiros ou falsos!

FERNANDO (*tossindo*) – Vou me recolhendo. O sereno não me faz muito bem!

BARÃO – Mas tem passado melhor depois de sua viagem.

FERNANDO – Pouco!... Também a contradança nos chama meus senhores. A conversa está interessante; mas não devemos esquecer as senhoras.

VIEIRA – É a segunda quadrilha? Danço com D. Paulina. Ainda não te fiz meus cumprimentos. Está com um toilette deslumbrante! Os mais ricos diamantes desta noite!

MENESES – O elogio tem seu peso! O Sr. Vieira é bom juiz em matéria de joias.

BARÃO (*rindo*) – É entendido, é! Lembras bem!

VIEIRA – Nem por isso, meus senhores. Falo simplesmente como homem de gosto!

CENA III

Barão e Meneses

BARÃO – Já viste Carolina?

MENESES – Ela está aqui?

BARÃO – Chegou a pouco. A filha obrigou-a... Como resistir? Lina vai fazer dezesseis anos no dia 20; está uma moça e não tem distrações.

MENESES – Viesse com seu pai; com Luís!

BARÃO – Não achas feio estar uma menina daquela idade num baile sem a companhia de sua mãe?

MENESES – Antes disso do que expor-se a uma desfeita! E Luís consentiu em semelhante imprudência!

BARÃO – Luís me parece mudado; não é o mesmo homem. Está agora de um humor detestável; sempre contrariado e aborrecido. Para isso não valia a pena vir morar na corte!

MENESES – E não desconfias do motivo dessa mudança, Araújo?

BARÃO – Não; tenho pensado, e não sei a que atribua. Percebeste alguma cousa?

MENESES – Tive apenas uma suspeita à tempos, e não quis comunicar-te, porque ela te afligiria profundamente, como me afligiu a mim. Desconfio, Araújo, que Luís já não ama Carolina.

BARÃO – Que dizes, Meneses? É possível? A mulher por quem sacrificou seu futuro e sua existência!

MENESES – Por isso mesmo; o coração deu mais do que devia, e do que podia; a razão reclamou já tarde seus direitos.

BARÃO – Mas que motivos tens para acreditar que esse amor acabou? Depois do tantos anos de casados, é natural que se tornasse mais calmo.

MENESES – Sem contudo perder a estima, que o homem deve à mulher à quem deu seu nome! Repito, porém: é simples suspeita minha; o que vi não passa de sintomas assustadoras, que entretanto talvez nada tenham de real.

BARÃO – Deus o queira. Seria uma desgraça para toda aquela família.

MENESES – Especialmente para Carolina. Vamos vê-la; ela deve sentir neste momento a necessidade de ter junto a si seus amigos; isto lhe dará coragem.

BARÃO – Está passeando agora com o Tavares.

MENESES – Receio muito que essa imprudência não tenha más consequências.

BARÃO – Não sejas tão apreensivo também. Há treze anos que Carolina casou; tem vivido constantemente na fazenda... Já devem estar esquecidos.

MENESES – Cuidas que estas cousas esquecem?... És sempre o mesmo homem, Araújo; nem a idade, nem a riqueza, destruíram a ingenuidade de teu coração. O que esquece é o martírio de Carolina arrependida e torturada pelas recordações, sua virtude de esposa e mãe, sua caridade inteligente, o heroísmo

sublime de sua calma e aparente serenidade; todas essas lembranças de ontem, todos estes fatos de hoje, que continuarão amanhã e sempre. Mas o erro, esse não cria cabelos brancos nunca, e por mais velho que seja, remoça apenas lhe tocam. Tenho uma lembrança vaga de que a mulher de Fernando conheceu Carolina noutra tempo... Não estás certo?

BARÃO – Não me recorde. Fazem tantos anos!

MENESES – E esse Vieira?... Está fazendo a corte a D. Paulina; uma palavra basta, e ele a dirá...

BARÃO – Felizmente estamos aqui. Se houver alguma cousa, dou o braço a Carolina, e quero que a venham ofender junto de mim.

CENA IV

Os mesmos, Ribeiro, Frederico e Lina.

RIBEIRO – Sr. barão! (*saúda*) Estimo encontrá-lo, Sr. Meneses.

MENESES – Há muito que não tinha o prazer de vê-lo.

RIBEIRO – Onde está morando agora?

MENESES – Sempre no Catete, e sempre às suas ordens.

RIBEIRO – Desejo procurá-lo; e desde já o previno que é uma visita interesseira.

MENESES – Melhor; terei o prazer de servi-lo, Sr. Ribeiro. Com licença!

RIBEIRO – Perdão. Se o não incomodo, permita que lhe apresente meu filho.

LINA (*pelo braço de Frederico*) – Boa-noite, Sr. Meneses.

MENESES – Como está, Lina?

LINA – É preciso procurá-lo para ter o gosto de o ver.

MENESES – Os velhos devem passar depois dos moços. Nós formamos nos bailes, a reserva dançante.

BARÃO – Eu cá estou reformado!

LINA – Pois há de dançar hoje comigo, meu padrinho!

RIBEIRO – Frederico, ainda não conheces o Sr. Meneses, um dos nossos talentos mais brilhantes e escritor de reputação. São relações que deves cultivar; em tão boa escola aprende-se muito.

FREDERICO – Se o Sr. Meneses me quiser honrar com seus conselhos, eu me esforçarei por tornar-me digno de sua amizade.

MENESES – A minha amizade é um tanto rabugenta; pelo que não a suportam senão alguns velhos camaradas, já habituados às minhas impertinências. Isso não impede porém que faça sempre com prazer o conhecimento de uma pessoa digna de estima.

RIBEIRO – Apresento-te agora o Sr. barão de Castro! És feliz esta noite. Quem faz dois conhecimentos desta ordem, pode bem dizer que não perdeu o dia.

FREDERICO – É uma fortuna certamente, e que eu sei apreciar. Sinto que neste momento outro dever não me deixe gozar dela por mais tempo.

LINA – Mas eu não desejo que por minha causa se prive desse prazer.

FREDERICO – Oh! confesso que sou egoísta preferindo sua conversação, minha senhora; mas nenhum dos senhores me leva isto a mal.

MENESES – Decerto; as moças, sobretudo as bonitas, não costumam perdoar esses crimes contra a galanteria.

LINA – Veja lá, não me deite a perder com seus elogios.

CENA V

Meneses, Barão e Ribeiro.

BARÃO – Que idade tem seu filho, Sr. Ribeiro?

RIBEIRO – Vinte e um anos. Acaba de formar-se em medicina.

BARÃO – É mais velho do que... do que a outra?

MENESES – Supunha que a menina que o Sr. perdeu há tempos era seu primeiro filho.

RIBEIRO – Não senhor; quando a perdi, Frederico estava com sua mãe; trouxe-o para minha companhia e o tenho educado com desvelo. Quero que ele seja o contrário do pai. Há de conhecê-lo; é um moço sisudo e de princípios severos.

BARÃO – Notei-lhe com efeito uma gravidade rara em moços de sua idade.

RIBEIRO – É por ele Sr. Meneses que desejo procurá-lo, para de novo pedir-lhe sua proteção.

MENESES – Ora, Sr. Ribeiro!

RIBEIRO – Perdão, se tivesse um amigo como o senhor quando entrei no mundo, creio que a minha vida teria sido outra.

BARÃO – Nisso dou-lhe toda a razão; eu conheço esta fazenda. (*batendo no ombro de Meneses*)

RIBEIRO – Posso contar com este obséquio?

MENESES – São cousas que não se prometem, Sr. Ribeiro; vem com o tempo e com as circunstâncias. O que lhe asseguro é minha boa vontade.

RIBEIRO – Isso basta-me; obrigado.

CENA VI

Meneses, Barão.

MENESES – Queres saber que ideia extravagante me passou agora pelo espírito?

BARÃO – Uma extravagância em ti é coisa bem rara para que eu tenha curiosidade de conhecê-la.

MENESES – Nem tanto... Mas vendo-os pelo braço um do outro...

BARÃO – Antes de tudo saibamos de quem falas?

MENESES – De Lina e desse filho do Ribeiro.

BARÃO – Bem; vendo-os pelo braço...

MENESES – Lembrei-me! São moços, ambos na flor da idade, ignoram o passado. Se eles vão se amar!

BARÃO – Hem!... Dois irmãos!...

MENESES – Não fales tão alto!

BARÃO – Mais essa para a pobre Carolina!

MENESES – Confesso-te que estremecei!

BARÃO – E havia de quê.

MENESES – Mas no fim de contas não passa de uma lembrança. Há tanto moço de quem Lina pode gostar!

BARÃO – Contudo é prudente afastar o rapaz. Viram-se hoje pela primeira vez; mas ninguém sabe o que virá depois. Estes bailes são uma escola de namoro.

MENESES – Aposto que te recordaste agora da Vestal.

BARÃO (*rindo*) – É verdade! Meu tempo! Há nada que o faça esquecer! Nem riqueza, nem consideração.

MENESES – É realmente prudente evitar que Lina se encontre com esse moço; mas não basta. Convém casá-la quanto antes, e por todas as razões. Uma indiscrição, uma palavra malévola pode lhe revelar o segredo de seu nascimento; e ela sofrerá menos se tiver um protetor e um coração leal que a ame e faça feliz. É preciso que Luís trate disto.

BARÃO – Luís? Todos nós. És celibatário e eu estou viúvo e sem filhos. A família de Luís é também nossa. Temos não só o dever, mas o direito de velar em sua felicidade. Não entendes assim?

MENESES – Sempre o entendi. Ocupemo-nos todos, dizes muito bem, com o meio de assegurar sua tranquilidade; mas não lhe deixemos perceber que ela está ameaçada!

(Pequeno intervalo em que se ouve a música e vê-se a multidão dos convidados que atravessam o terraço)

CENA VII

Luís e Sofia (*de braço*)

SOFIA – Voltemos ao salão; desejo sentar-me.

LUÍS – Já?

SOFIA – Estou fatigada.

LUÍS – Quantas valsas dançou?... Nenhuma!

SOFIA – Temos passeado tanto tempo! Podem reparar.

LUÍS – Não tenha esse receio. Sou um homem casado.

SOFIA – Sr. Viana!

LUÍS – Repreenda-me, D. Sofia; repila-me com indignação e desprezo. A senhora o deve. Mas não posso, não tenho forças para recalcar este amor insensato no fundo do coração.

SOFIA – Cale-se! Eu lhe peço!

LUÍS – Tenho pensado muitas vezes que é uma loucura, um amor sem esperança, uma paixão criminosa e infame, porque trai a mulher que tem direitos sobre mim, e insulta aquela à quem amo. De que serve isto? De exasperar-me ainda mais, e torturar-me de ciúmes. Neste baile, quando um homem chega-se para a senhora, lhe fala e aperta a mão, sabe o que eu penso? Aquele é livre; ela pode amá-lo! E tenho vontade de ir-me a ele e insultá-lo...

SOFIA – Não fale tão alto; estão-nos ouvindo, Sr. Viana.

LUÍS – Que grande crime cometi eu para que Deus me punisse com este amor? Minha vida agora é um martírio. Meus amigos, fujo deles com medo que me leiam no rosto meu crime. Minha mulher... creio que lhe tenho ódio.

SOFIA – Por quê, meu Deus? Ela merece ser amada!

LUÍS – Quem é a causa de minha desgraça? Se eu fosse livre, talvez a senhora me amasse.

SOFIA – Ninguém governa seu coração. Ah! se o amor só nascesse quando se deseja!

LUÍS – Quando a senhora me conheceu, ignorando ainda quem eu era, talvez me iludisse; mas pareceu-me que seu olhar não era indiferente ao que eu sentia. Diga, não é verdade?

SOFIA – O senhor tinha salvado meu pai; era preciso que fosse ingrata.

LUÍS – Não me fale de gratidão.

SOFIA – Demais o senhor me parecia triste e infeliz...

LUÍS – E não o sou mais agora?

SOFIA – Eram motivos bastantes para me interessar pelo senhor, e ter-lhe amizade.

LUÍS – E hoje só tem motivos para desprezar-me!

SOFIA – Para desprezá-lo não; mas para fugi-lo. Creio que vão tocar uma valsa.

LUÍS – Vai dançar? Com quem?

SOFIA – Com o comendador Vieira.

LUÍS – Com esse homem! Oh! mas ele é feliz! é solteiro!

SOFIA – Não diga isso. Que loucura!

LUÍS – Quando penso que a senhora pode amar alguém, perco a razão!

SOFIA – Não pense nisto. Quer? Eu lhe prometo que não amarei a ninguém.

LUÍS – Nunca?... Oh! São promessas que não se cumprem, e nem se podem cumprir. Não disse a pouco que ninguém pode governar seu coração? Não! Seja feliz! A desgraça deve recair, unicamente sobre mim; não tenho direito à semelhante sacrifício.

SOFIA – Quem lhe diz que seja um sacrifício! Não acredita que hajam almas incapazes de amar? Sou uma delas. Viverei para a amizade e as afeições calmas da família!

LUÍS – É impossível!

SOFIA – Eu lhe provarei o contrário. Quer ser meu amigo?

(Entram Lina e Frederico; eles afastam-se passeando)

CENA VIII

Lina e Frederico.

LINA – Ainda não me disse como tem achado o baile, Sr. Frederico?

FREDERICO – Brilhante, D. Lina! E nem podia deixar de ser assim. Esperei-o com tal ansiedade!

LINA – Contava então divertir-se muito?

FREDERICO – Tinha a esperança de encontrá-la e de poder enfim falar-lhe.

LINA – Como! O senhor já me conhecia?

FREDERICO – E a Sr.a, D. Lina, não me conhecia também?

LINA – Não me lembro.

FREDERICO – Não se lembra de me ter visto? Quando estive em Santa Teresa não costumava passear todas as tardes no jardim?

LINA – Às vezes.

FREDERICO – Uma tarde o vento arrebatou seu chapéu. Não se recorda de quem o apanhou e lhe entregou por entre as grades?

LINA – Faz tanto tempo já que estive em Santa Teresa.

FREDERICO – Fazem seis meses. É muito para quem esperava; mas bem pouco para esquecer. Tinha enfeitado seu chapéu com as rosas que colhera e ficou-me uma nas mãos. Quando ia dar-lhe, a senhora fugiu. Guardei-a.

LINA – Ainda a conserva?

FREDERICO – Ainda; mas não tenha o menor receio; sei que devo restitui-la.

LINA – Não lhe pedi.

FREDERICO – Consente que eu a guarde então?

LINA – Consinto... se quiser.

FREDERICO – E desta vez não esquecerá?

LINA – Tanto como da primeira. Quando deixamos de ver alguém por muito tempo é natural esquecermo-nos dele.

FREDERICO – Não foi por minha vontade, D. Lina. Tive uma enfermidade bem grave!

LINA – Ah! meu Deus! Bem o coração me adivinhou.

FREDERICO – Que diz! Pensa algumas vezes em mim? Já não sinto o que sofri, porque foi essa doença que a fez confessar.

LINA – Não confessei coisa alguma; e não vá por isso adoecer outra vez. Onde estará mamãe?

(Um cavalheiro toma o braço de Lina)

CENA IX

Os mesmos, Luís, Sofia e Vieira.

LINA – Não valsas hoje Sofia? Tu que és tão apaixonada.

SOFIA – Estou à espera de meu par.

LINA – Aqui?... A valsa se acabará antes que te encontre.

SOFIA – Não se perde muito. Estou gozando deste fresco.

LUÍS – Que é mais agradável por certo do que uma valsa com o comendador Vieira.

FREDERICO – E a senhora não valsa?

LINA – Não senhor; mamãe não quer.

VIEIRA – A que tempo que a procuro, D. Sofia. Vai tocar a nossa valsa.

SOFIA – Estava-o esperando.

CENA X

Ribeiro e Frederico.

RIBEIRO – Não danças agora?

FREDERICO – Não senhor. Já dancei bastante.

RIBEIRO – Se queres acende teu charuto. Tens te divertido?

FREDERICO – Muito, mais do que esperava! O baile está muito animado, e a reunião é a melhor possível.

RIBEIRO – O que há de mais distinto no Rio de Janeiro. Bonitas senhoras, toilettes magníficos. Mais do que é preciso para atordoar um moço de vinte anos. Lembra-te porém do que te disse: toma cuidado com teu coração; não o desperdices nessa galanteria de salão, que torna um homem frívolo e incapaz de afeições sérias.

FREDERICO – Pode estar descansado a este respeito, meu pai. Sinto que quando amar uma vez, será por toda a minha vida.

RIBEIRO – Bem sei; conheço tua alma; por isso mesmo não a deves entregar senão à mulher que for digna de a receber.

FREDERICO – Seria a desgraça de minha vida. Mas creio que o coração tem seu instinto; se algum dia sentir uma afeição, a moça que a inspirar deve ser um anjo de pureza.

RIBEIRO – Como achaste essa moça à quem davas o braço a pouco?

FREDERICO – D. Lina Viana?

RIBEIRO – Sim. Vi-te dançar com ela.

FREDERICO – É uma linda moça! Que semblante angélico! Respira a bondade de sua alma.

RIBEIRO – É muito interessante, e tem tanto espírito como beleza.

FREDERICO – Conversei com ela pouco tempo, mas fiquei encantado. Meu pai tem relações com a família?

RIBEIRO – Conheço-a de vista apenas; mas isto não é motivo para que deixes de frequentar sua casa se te oferecerem. Quem te apresentou a ela?

FREDERICO – O Sr. Tavares. A mãe recebeu-me muito bem. É uma excelente senhora.

RIBEIRO – Dizem que não é feliz. Tem sofrido muito!

FREDERICO – Não parece! Quem a vê ao lado da filha toma-a por uma irmã mais velha. Deve ter sido muito bonita.

RIBEIRO – Nem fazes ideia! Era linda!...

FREDERICO – Ah! meu pai a conheceu quando moça?

RIBEIRO – Vi-a algumas vezes, de passagem. E o marido como te tratou?

FREDERICO – Com alguma frieza.

RIBEIRO – Não dê importância a isto! Ele é naturalmente seco!... Deves ir adquirindo relações por ti mesmo; eu vivo bastante retirado, já não tas posso dar! (*toma-lhe o braço*). Trata de frequentar essa casa.

CENA XI

Vieira e Tavares.

TAVARES – Então o que foi isto comendador? De que ri-se?

VIEIRA (*rindo*) – Uma descoberta interessante! magnífica!

TAVARES – Conte-nos isso, não seja egoísta. Alguma anedota?

VIEIRA – É cousa melhor! Mas o senhor não a conheceu, não pode achar graça.

TAVARES – Diga sempre.

VIEIRA – Ouviu falar alguma vez de uma célebre Carolina? Uma mulher que outrora foi o escândalo do Rio de Janeiro?

TAVARES – Alguma mulher da rua?

VIEIRA – Da praça pública, meu caro Sr. Tavares. Um verdadeiro demônio em carne e osso.

TAVARES – É gente que não conheço, nem mesmo de nome, comendador. Um homem sério, como eu, deve zelar sua reputação.

VIEIRA – Certamente! A gente de nossa classe não se mistura com essa ralé. Pois a tal Carolina depois de fazer mil diabruras, entre outras a de arruinar um pobre rapaz a quem a fortuna do pai fazia cócegas na algibeira, caiu na miséria.

TAVARES – Era de esperar.

VIEIRA – Supunha que ela tinha morrido. Estive alguns anos ausente do Rio de Janeiro, tratando de certos negócios, e nunca mais tive notícias dela, nem de sua companheira, uma tal Helena, uma verdadeira harpia.

TAVARES – Mas pelo que vejo, o senhor as conheceu de perto.

VIEIRA – Nada, meu amigo; apenas de reputação.

TAVARES (*rindo*) – De reputação! A palavra tem seu chiste.

VIEIRA (*ri-se*) – Veio a propósito!... De reputação unicamente. Fui sempre um homem de salão, meu caro Sr. Tavares; tirando-me disto, estou fora do meu elemento. Figure qual não seria meu espanto julgando reconhecer a pouco.

TAVARES – Quem? A tal moça?

VIEIRA – A celebre Carolina.

TAVARES – Aonde? Viu-a passar na rua?

VIEIRA – Vi-a passar na sala, nesta sala de baile.

TAVARES – Não é possível! Uma semelhante ousadia, comendador!

VIEIRA – O mais engraçado porém, não é isto. Sabe quem lhe dava o braço?

TAVARES – Algum figurão.

VIEIRA – O Pinheiro! O sujeito a quem ela depenou! O senhor não se ri?... Não acha cômico?

TAVARES – Ao contrário, comendador, se isto é verdade acho que é sumamente grave; e que os homens sisudos devem lamentar um fato desta ordem.

CENA XII

Os mesmos, o Barão e D. Paulina.

D. PAULINA – Então, meus senhores, não vão dançar? De que ri-se de tão boa vontade, comendador?

TAVARES – De uma coisa que devia excitar outro sentimento que não a hilaridade.

VIEIRA – O Sr. Tavares é um caráter severo, D. Paulina; por isso não repare. Mas a coisa é para rir!

D. PAULINA – E não se pode saber o que é. Serviremos de juízes.

VIEIRA – Se V. Ex. quer aceitar meu braço, terei dois prazeres; o de satisfazê-la, e gozar da ventura de sentir-me a seu lado.

D. PAULINA – O Sr. Barão permite? (*Vieira e Paulina afastam-se*)

TAVARES – Ainda não sabe?

BARÃO – O que meu senhor?

TAVARES – Que a moralidade pública acaba de ser enxovalhada.

BARÃO – Não me admira, Sr. Tavares; quando a moralidade pública aperta a mão a um comendador Vieira, não pode esperar outra coisa.

TAVARES – Ou V. Ex. não me entendeu; ou sou eu que não entendo a V. Ex.

BARÃO – É possível uma e outra coisa.

CENA XIII

Os mesmos, Carolina, Pinheiro e Meneses.

CAROLINA – Sentemo-nos ali. Enquanto se dança poderemos continuar a nossa conversa.

PINHEIRO – Sim, minha senhora.

TAVARES – Não tem querido dançar, D. Carolina.

CAROLINA – Já gozo desse direito, Sr. Tavares; tenho uma filha moça que faz as minhas vezes.

TAVARES – Ora isso não impede! Mas com licença... Vou-me retirando.

CAROLINA – Ainda é cedo. (*Entra Meneses*)

TAVARES – Acabo de saber uma coisa que me tira a vontade de ficar aqui. A reputação de Sofia me impõe uma grave responsabilidade. E V. Ex. também está no mesmo caso.

CAROLINA – Não o compreendo, Sr. Tavares. A reunião em que nos achamos me tranquiliza a este respeito. Demais, deposito a maior confiança em minha filha.

TAVARES – Quando a senhora souber...

MENESES – O que Sr. Tavares?

TAVARES – Boa-noite! Boa-noite! Um homem sisudo não se deve incumbir de divulgar certos escândalos!

MENESES (*ao barão*) – Velho jesuíta!

BARÃO (*a Meneses*) – Escuta.

CAROLINA (*idem*) – Meu amigo, desejava falar-lhe.

MENESES – Já lhe quis oferecer meu braço por duas vezes, mas fui prevenido.

CAROLINA – Eu o aceitarei daqui a um instante.

(*Meneses e Araújo afastam-se de um lado, Carolina e Pinheiro vão sentar-se do outro*)

BARÃO – Não sabes? o Vieirinha reconheceu Carolina!

MENESES – Quem to disse?

BARÃO – Ninguém! Suspeitei por certas palavras do Tavares.

CENA XIV

Carolina, Pinheiro, Meneses e Araújo.

CAROLINA – Repito, Sr. Pinheiro! Todo o mal que eu lhe fiz outrora não vale a punição que sofro neste momento. Ah! ninguém pode imaginar que esforço de vontade é necessário para que me anime a dar o braço ao senhor... ao senhor, que me conheceu, e sabe o que fui!

PINHEIRO – Não fale mais disto, D. Carolina; ninguém neste mundo está isento de culpa; e quem remiu a sua tão nobremente, como a senhora, tem o direito de esquecer o passado.

CAROLINA – Não posso nem devo esquecê-lo. É preciso que o tenha sempre vivo e presente para me punir e reparar o mal que fiz. Nestes treze anos, é essa esperança que me tem feito viver. Deus, no meio das torturas que sofro, me deu um supremo consolo, permitindo que eu fechasse algumas chagas que abri. Faltava uma... a miséria a que o reduzi! Mas ele compadeceu-se de mim, tirando-me este peso da consciência, e restituindo-lhe por minha mão, o que por minha mão lhe arrancou!

PINHEIRO – Que diz D. Carolina?

CAROLINA – Tenho uma amiga, filha de um rico fazendeiro; é uma moça boa e pura como um anjo, e bonita. Não lhe conviria esse casamento?

PINHEIRO – .Ora! D. Carolina! Na posição em que estou, nem um pai se animará a dar-me sua filha. Além de que essa senhora nem sabe que existo.

CAROLINA – Ela já o estima, Sr. Pinheiro. Se não me engano já lhe tem simpatia.

PINHEIRO – A mim? então já me viu?

CAROLINA – Já.

PINHEIRO – Aonde?

CAROLINA – Já o viu pelos meus olhos. O senhor não sabe que o coração puro de uma menina, é uma cera branda onde se imprime o que se deseja? Vali-me da amizade para imprimir nele uma afeição, que deve fazer a felicidade de ambos. Seus pais lhe deixam a liberdade de escolher um marido, mesmo pobre. Ainda duvida? Não aceita?

PINHEIRO – O que a senhora me diz é tão novo e estranho para mim, que não lhe sei responder, D. Carolina.

CAROLINA – Reflita, Sr. Pinheiro! Si aceitar, eu lhe apresentarei. Tive ontem notícias dela; está a chegar a corte; talvez no dia dos anos de Lina jante em minha casa.

PINHEIRO – Não posso saber seu nome?

CAROLINA – Antes do senhor decidir-se a vê-la seria uma indiscrição de minha parte. Reflita já lhe disse. Esse casamento será uma alegria para mim. Dando a ambos a felicidade, cumpro meu dever de amizade para ela, e reparo uma falta. Quando me dará a resposta?

PINHEIRO – Amanhã, se quiser.

CAROLINA – Bem; agora permita-me que o deixe. Seu. braço meu amigo.

BARÃO – Não são horas de retirar-se Carolina?

CAROLINA – Estou à espera de Luís; veja se o resolve.

CENA XV

Carolina e Meneses.

(Passeiam de um lado a outro do terraço)

MENESES – Tem-se divertido, Carolina?

CAROLINA – Essa pergunta, meu amigo, não vem do seu coração. Eu a tomaria por um sarcasmo, se não percebesse sua perturbação, vendo-me aqui no meio de um baile.

MENESES – Confesso, Carolina, que não esperava encontrá-la nesta casa.

CAROLINA – Julga que fiz mal? Diga, meu amigo; seja severo como costuma. Sabe que essa severidade é um direito da sua velha amizade; e um de seus maiores títulos à minha estima. Fiz mal, não é verdade?

MENESES – Cometeu uma imprudência; seu lugar não é aqui, Carolina. Os anjos não podem roçar nos tapetes de veludo que cobrem os salões; nem viver nesse espaço intermédio onde gravita a sociedade. Ou eles perdem as asas e caem no pó, ou soltam o voo e plainam sobre este mundo de misérias e prejuízos. No seio de sua família, na solidão de sua consciência, no mistério de sua inteligente caridade, é você uma santa, Carolina; aqui neste baile, não passa de uma mulher infeliz que a sociedade lamenta, mas condena.

CAROLINA – E a sociedade tem razão!

MENESES – Como instituição, como lei humana, decerto!

CAROLINA – Reconheço que não devia ter vindo; mas talvez que o motivo que me trouxe justifique à seus olhos essa falta.

MENESES – Luís exigiu?

CAROLINA – Não.

MENESES – Foram então as instâncias de Lina?

CAROLINA – Em parte; mas o principal motivo foi outro. Eu lhe digo. Até hoje, Meneses, tenho vivido entre-os meus, na intimidade de alguns amigos sinceros que me cercam de atenções e respeitos que não mereço. No retiro da fazenda ou mesmo aqui na corte, a reprovação do mundo se cá por fora fazia algum rumor, não penetrava naquele santuário da família e da amizade. Eu não sentia essa reprovação; e devia senti-la para expiação dos meus erros. É justo que a mulher que outrora escandalizou a sociedade e afrontou a indignação pública, de cabeça erguida e sorriso desdenhoso, se curve diante dessa mesma

sociedade, esmagada pelo desprezo público, com a fronte abatida, e as faces cuspidas dos risos e olhares de escárnio que lhe atiram passando.

MENESES – Carolina!

CAROLINA – É justo, sim! Eis o que vim fazer a este baile. Não foi a mulher infeliz, como disse há pouco; foi a vítima expiatória de um sacrifício, que arrastada pela consciência, atravessou esta noite os salões dourados presa ao braço do seu antigo amante, a quem ela arruinou! Ouvi dizer que antigamente se atavam os assassinos aos cadáveres de suas vítimas! Pois eu tive essa coragem, meu amigo! Não era preciso tanta para matar-me, acredite!

MENESES – Acredito, Carolina; esse suplício deve ser cruel, e não tinha o direito de impô-lo à sua alma. Mas basta; é tempo de retirar-se. Lembre-se que tem uma filha, um marido, e amigos sinceros. Se esta imprudência der lugar a algum fato desagradável não será a única a sofrer.

CAROLINA – Por minha vontade já me tinha retirado; há muito senti que me faltam as forças. Leve-me ao toilette. (*Saem*)

CENA XVI

Vieira e D. Paulina.

VIEIRA – Não é possível encontrá-la! Pois há pouco pareceu-me vê-la aqui?

D. PAULINA – O senhor diz que ela tem um vestido cor de café com enfeites pretos...

VIEIRA – De veludo!

D. PAULINA – Só me lembra de ter visto assim D. Carolina, a mulher do Viana.

VIEIRA – Que Viana? A tal chama-se Carolina também.

D. PAULINA – Viana...Um sujeito de Rezende.

VIEIRA – Não conheço! mas esta não pode ser casada, D. Paulina! Não há homem com semelhante coragem.

D. PAULINA – Vejamos deste lado!

VIEIRA – Mas lembre-se do que lhe disse. Todo o serviço tem sua recompensa.

D. PAULINA – O senhor assegura-me que ela foi amante de meu marido?

VIERA – Juro-lhe.

D. PAULINA – Pois bem; se for verdade, prometo-lhe que me vingarei. Está satisfeito?

VIEIRA – E eu serei o mais feliz dos mortais!

D. PAULINA – Meu marido terá o que merece!

CENA XVII

Meneses, Carolina e Fernando.

(Carolina vem de capa, pronta para retirar-se)

MENESES – Se Luís não quiser ir, eu tomo sobre mim a responsabilidade. Não deve ficar aqui mais um instante!

FERNANDO – Como! Já se retira, D. Carolina?

CAROLINA – É verdade! Desculpe-me!

MENESES – A senhora está incomodada.

FERNANDO – Ao menos quero ter a honra de dar-lhe o braço até ao seu carro.
(Meneses solta o braço de Carolina)

MENESES – Vou buscar Lina.

CAROLINA – Sim, meu amigo; e não se demore. *(Meneses sai)*

FERNANDO – Não me quis dar esta noite o prazer de dançar uma contradança comigo; e retira-se sem deixar-me se quer uma esperança!

CAROLINA – Tenha compaixão de mim, Sr. Fernando!

FERNANDO – Perdoe-me se a ofendi, D. Carolina. Não julguei que fosse hoje um crime pedir-lhe hoje um pouco da afeição que lhe mereci em outro tempo.

CAROLINA – É justamente porque me conheceu nesses tempos; porque foi testemunha da minha vergonha, que o senhor era o menos próprio para me falar em amor. Julga-me pelo que fui?

FERNANDO – Não diga isso, minha senhora.

CAROLINA – Não era sua intenção talvez; mas não se lembrou que minha consciência não podia dar outra significação às palavras que me tem dito esta noite.

FERNANDO – Estava tão longe de pensar que as tomasse nesse sentido, sabendo o respeito com que a trato!...

CAROLINA – Esse respeito eu o mereço, não pela virtude que não tenho, mas pela desgraça que pesa sobre mim. O senhor queria há pouco que eu lhe desse uma esperança criminosa; eu deixo-lhe uma melhor realidade. Dê um olhar à sua mulher; verá que D. Paulina merece mais do que outra seu amor e a sua estima.

CENA XVIII

Os mesmos, D. Paulina e Vieira.

(D. Paulina vendo o marido solta o braço de Vieira; este esquiva-se)

D. PAULINA – Senhor, isto é uma indignidade!

FERNANDO – O quê, senhora?

D. PAULINA – Receber em minha casa uma dessas mulheres à toa, que depois de ter praticado toda a casta de escândalos, tem a mania de se fingirem honesta!... Num baile!

FERNANDO – Não é possível, Paulina. Quem lhe disse? *(Perturbação de Carolina)*

D. PAULINA – Uma pessoa que a conheceu outrora afirmou-me que a tinha visto... na sala, há pouco. É uma célebre Carolina, que o senhor bem conhece!

CAROLINA – Ah!

FERNANDO – Cale-se!

D. PAULINA – Oh! Eu sei que foi sua amante; e é por isso que o senhor teve a coragem de convidá-la; mas devia saber que não levo a minha condescendência a este ponto!

FERNANDO – Não vê, senhora, que está representando uma cena ridícula? Quer que a ouçam?

D. PAULINA (*para Carolina*) – É incrível, minha amiga, o como esses senhores nos tratam, a nós suas mulheres. Não respeitam nem mesmo as conveniências! Mas que tem a senhora?

CAROLINA – Nada! Queria retirar-me! Sinto-me morrer!...

FERNANDO – Venha, minha senhora!

D. PAULINA (*a Fernando*) – Ah! pensa que isto há de ficar assim!... Está enganado! Exijo que o senhor faça já sair de minha casa sua amante!

FERNANDO – Não seja imprudente, minha mulher!

D. PAULINA – Bem! sei o que devo fazer! Vou já mandar expulsá-la pelos meus criados! (*Meneses aparece*)

CAROLINA – É justo, meu Deus (*desmaia*)

FERNANDO – Eis o que a senhora queria.

D. PAULINA – O quê? Que significa isto.

MENESES – Eu lhe digo, minha senhora! (*de parte e a meia voz*) Só a esposa honesta tem o direito de atirar a pedra à pecadora que se regenerou!...

ATO II

CENA I

Luís e Lina. (*Luís entra da rua*) LINA – Bom-dia papai.

LUÍS – Estava justamente à tua espera, para ver como te fica esta pulseira.

LINA – Ah! que linda! (*beija-o na face*) obrigada, bom papai, obrigada!...

LUÍS – Nesta cercadura há dezesseis rosas; são os teus dezesseis anos floridos!

LINA – Papai tem muito bom gosto!

LUÍS – O gosto não foi meu, porém de uma pessoa que te quer muito.

LINA – De mamãe?

LUÍS – Não! De tua maior amiga. Não adivinhas?

LINA – Sofia?

LUÍS – Ela mesma!

LINA – Ora! eu apreciaria mais se fosse o seu gosto.

LUÍS – E também foi, combinamos ambos na escolha (*pausa*). Mas vamos a saber... Como arranjaste tua festa?

LINA – Eu lhe digo. Temos um peru gordo, e um leitãozinho que vieram da fazenda. Mamãe encomendou duas gelatinas e uma pirâmide de camarões, na casa do Carceller. Meu padrinho manda as flores e as frutas da chácara. E daqui a pouco eu vou fazer um prato de creme. Mas não é só isto!... Havemos de ter sorvetes!...

LUÍS – Bem! Bem! Já se sabe que és uma excelente dona de casa.

LINA – E não diga brincando! Mamãe prometeu-me que havia de descansar da lida da casa, quando eu completasse meus dezesseis anos. Portanto de hoje em diante faça obséquio de respeitar-me!

LUÍS – Bravo! Já me estás com uns ares de matrona!

LINA – Há de ver como esta casa andarás em ordem!

LUÍS – Começando por hoje. Aposto que não sabes ainda quem são teus convidados?

LINA – Ora? Os do costume. Meu padrinho, Meneses, Sofia e o pai. Só tem de mais Amélia, a mãe e o noivo!

LUÍS – Não disse? Ainda faltam três.

LINA – Quais?

LUÍS – Depois saberás! Escreveste a Sofia?

LINA – Falei-lhe eu mesma no baile do Fernando.

LUÍS – E ela te prometeu vir sem falta?... Talvez procure algum pretexto...

LINA – Sofia!... Só estando de cama.

LUÍS – Escreve-lhe sempre.

CENA II

Os mesmos e Carolina.

LINA – Olhe mamãe, que linda pulseira papai me deu!

CAROLINA – Está realmente muito bonita e delicada.

LINA – Dezesseis rosas na cercadura... Viu mamãe? Como é mimoso!

CAROLINA – Também trago-te meu presente de anos. Não é rico e elegante, mas deve ser para ti, como foi para mim, de grande preço!

LINA – Basta vir de sua mão, boa e querida mamãe.

CAROLINA – Vês estas fitas azuis?... Estão já desbotadas! Há dezoito anos que teu pai me deu estes laços para com eles me enfeitar quando fosse à missa.

LINA – Ah! Eu quero beijá-las!

CAROLINA – Eu era então moça, alegre, inocente e bonita como tu, Lina!... Tudo passa!... Um dia caíram-me na rua os meus laços azuis... Chorei muito, muito!... Mas felizmente teu pai os achou outra vez e mos trouxe!

LUÍS – Que necessidade há de recordar o passado?

LINA – É verdade!... não vá agora ficar triste, boa mamãe.

CAROLINA – Não; neste dia devo estar contente. Restituindo-me os laços que eu perdera, Luís me disse: “São as asas de um anjo.” E pediu-me que os guardasse para minha... para nossa filha!

LINA – Querido papai!

CAROLINA – Aqui os tens, Lina. És um anjo de candura e bondade; cubram-te estas asas como um manto celeste, e à sombra delas vicem as rosas de tuas belezas.

LINA – Sou capaz de jurar que fiquei tão bonita com elas, como era mamãe. (*Vai ao espelho*)

LUÍS – Que extravagante lembrança!

CAROLINA – Por quê, Luís?

LUÍS – Há certas cousas que se devem esquecer; e quando isso não é de todo possível, acho de mau gosto fazer ostentação delas.

CAROLINA (*meia voz*) – Enganou-se na palavra; expiação é que devia dizer, Luís.

LUÍS – Não discutamos. Oponho-me a que Lina ande com estas fitas. Vai tirá-las, minha filha!

LINA – Por quê, papai? Um presente de mamãe no dia de meus anos!

LUÍS – Quem gosta dessas relíquias, pode guardá-las; mas não as anda mostrando; seria prestar-se ao ridículo. Que figura farias com umas fitas desbotadas nos cabelos e um vestido novo?

LINA – Quando souberem quem mas deu e por que estão desbotadas, hão de achá-las bem bonitas.

LUÍS – Não sejas teimosa. Vai tirá-las, já disse.

LINA – Pois tire, papai, se quiser, eu não. Mamãe aí as deitou, eu não lhes toco.

LUÍS – É justo!... Ela é tua mãe!...

CAROLINA – Luís!... Vem cá, Lina! Teu pai tem razão. Dei-te estas fitas como uma lembrança, para as conservares em memória de tua mãe. Não servem para enfeite. Pede perdão a teu pai do que lhe disseste!

LINA – Me perdoa, papai?

LUÍS – Está bem; vai cuidar dos arranjos de tua festa!

LINA – É verdade, mamãe, sabe que teremos mais três convidados?

CAROLINA – Nada sei, minha filha.

LUÍS – Convidei algumas pessoas mais.

LINA – São precisos doze talheres!... Ora o jantar chega! Vinte que fossem! Com licença, vou dar minhas ordens ao cozinheiro, e mandar Manuel pôr mais uma tábua na mesa.

CENA III

Luís e Carolina.

CAROLINA – São pessoas de cerimônia os outros convidados?

LUÍS – De cerimônia?... não; sabem que é um jantar de família. O Fernando, a mulher e o Dr. Ribeirinho.

CAROLINA – Não é possível! Meu Deus!...

LUÍS – De que provém semelhante espanto?

CAROLINA – Pois Luís, depois do que se passou!... Quer que eu receba em minha casa essa senhora que tão cruelmente me insultou?...

LUÍS – Não exagere as cousas, Carolina. O que houve foi apenas um equívoco inocente, causado por aquele intrigante do Vieira. O Fernando já me deu uma completa satisfação. Demais em princípio esses escrúpulos são infalíveis, apesar de termos vivido tanto tempo arredados da corte; é preciso pois sofrê-los com paciência e esperar que o hábito os faça cessar.

CAROLINA – Ninguém sofre com resignação maior do que eu essas e outras ainda mais duras provanças. Aceito-as como as penas de minha longa expiação; e depois que as passo, sinto dentro em mim um grande contentamento, porque me julgo melhor e mais remida da culpa. Tão corajosa, porém, sou eu para arrostar o castigo que Deus me inflige, quanto me encho de terror só de pensar que uma palavra, uma revelação cruel possa perturbar a serena inocência de minha filha!

LUÍS – Realmente não sei que prazer é este seu, Carolina, de estar sempre a repetir e fantasiar cousas desagradáveis!

CAROLINA – Custa-lhe muito aplacar os sustos de uma mãe já tão infeliz, sejam eles embora imaginários?...

LUÍS – Que havia eu de fazer?... Estou em tais relações com o Fernando, que seria uma imprudência não convidá-lo; e convidá-lo sem a mulher era pior ainda, era uma grosseria.

CAROLINA – E cuida que D. Paulina se digne descer ao ponto de vir à nossa casa?

LUÍS – Por que não? Asseguro-lhe que há de vir.

CAROLINA – Se visse que o marido daquela a quem insultou se ofendera com o seu procedimento, talvez viesse para desculpar-se. Mas estou certa que aproveitará mais essa ocasião para desfeitear-nos.

LUÍS – Veremos.

CAROLINA – E o outro seu convidado, Luís, o Dr. Ribeirinho...

LUÍS – Também a insultou?

CAROLINA – Esse me horroriza, Luís! Não tive ânimo de lhe dizer ainda. Esse moço dançou com Lina no baile do Fernando, e notei que ambos pareciam muito inclinados um ao outro. Se acabarem por se gostar!

LUÍS – Que tem isso? É um bom casamento!

CAROLINA – Casamento, Luís?... Não se lembra então? O filho do Ribeiro!

LUÍS – É verdade! nem me ocorreu, habituado como estou a considerá-la minha filha!

CAROLINA – Será por isso, ou porque anda tão alheio da família, que nem se lembra dela?

LUÍS – Temos agora recriminações?... Não é ocasião própria.

CAROLINA – Descanse; nunca as ouvirá de mim. Sei bem que não tenho direito de fazê-las. Mas Luís, eu lhe suplico, não chame esse moço para nossa casa! Se soubesse o terror que se apoderou de mim.

LUÍS – Seja razoável. Pois entre tantas moças que há neste Rio de Janeiro, o Ribeirinho havia logo de namorar-se de Lina? Não está vendo que é um despropósito?

CAROLINA – Tudo é possível para minha punição.

LUÍS – Bem; outra vez não o convidarei.

ESCRAVO – Está aí o Sr. Tavares.

CAROLINA – Tão cedo!

LUÍS – Que entre.

CAROLINA – Eu vou-me vestir antes que cheguem outras pessoas.

CENA IV

Luís e Tavares.

LUÍS – Veio só?

TAVARES – É verdade! sucedem cousas!...

LUÍS – O que foi? D. Sofia adoeceu?

TAVARES – Não, não foi isso felizmente; porém um contratempo com que não contava. De repente sem esperar chega-nos o comendador Vieira em casa, e fez-se de convidado para jantar.

LUÍS – Não me admiro. Está nos seus hábitos.

TAVARES – Pois eu confesso ao meu amigo que estranhei assaz semelhante procedimento, que não me parece de um homem grave!

LUÍS – Mas em todo o caso isso não era um obstáculo. Devia dizer ao tal senhor que estava comprometido a jantar em nossa casa.

TAVARES – Acanhei-me. Bem sabe o meu amigo que é necessário na sociedade ter certas contemplações.

LUÍS – Ora; contemplações com Vieira!

TAVARES – É amigo do Fernando a quem sou devedor de muitas finezas; demais consta-me que é uma língua terrível, e mau para inimigo. Um homem de certa posição deve zelar muito a gravidade de seu carácter.

LUÍS – Nunca esperei da sua parte semelhante cousa, Sr. Tavares. Faltar a um convite meu, para não contrariar um estranho.

TAVARES – Por isso mesmo que o meu amigo me honra com sua estima, julguei que mais facilmente me desculparia. Acredite que sinto bastante este contratempo.

LUÍS – Não aceito desculpa alguma. Escreva um bilhete ao Vieira avisando-o do compromisso que tomou e venha jantar conosco. Às três horas eu o espero.

TAVARES – Havia um meio ainda de arranjar tudo.

LUÍS – Qual? Diga!...

TAVARES – Era trazer o Vieira conosco; mas o meu amigo não gosta dele; o melhor é não pensar nisto.

LUÍS – Aquele infame em minha casa? De forma alguma!

TAVARES – Eu previa isso. Entretanto não anda ele pelas melhores casas? Pois nós é que havemos de endireitar o mundo? Repugna com efeito ao caráter de um homem sisudo ombrear com gente dessa laia, mas é preciso que hajam maus para os bons valerem de alguma cousa. Passar bem Sr. Viana. Repito ao meu amigo que muito pesar...

LUÍS – Eu o espero! Se de todo não se puder descartar do Vieira...

TAVARES – Que fazer então?

LUÍS – Nesse caso... traga-o...

TAVARES – Bem! Bem! Até logo!

LUÍS – Mas faça o possível...

TAVARES – Sim! Sim!

CENA V

Meneses e Helena.

(Meneses entra primeiro, depois Helena que para na porta)

HELENA – Não é o Sr. Meneses?

MENESES – Creio que já a vi; mas há muito tempo!

HELENA – Tão velha e acabada estou eu que não me conhece! Aposto que já nem se lembra mais da Helena?...

MENESES – Ah! Com efeito era preciso adivinhar. Como podia eu reconhecer uma borboleta em figura de barata?

HELENA – É para ver como a gente muda! Bem o senhor me dizia.

MENESES – Mas que veio você fazer a esta casa, mulher? Não sabe que sua presença aqui só pode trazer desgosto e tristeza? Se a falta de meios a obriga a pedir, tome e retire-se já!

HELENA – Não tenha susto, Sr. Meneses. Venho a esta casa porque sou chamada.

MENESES – Duvido. Quem a chamou?

HELENA – Ela mesma.

MENESES – D. Carolina?

HELENA – Eu lhe conto; é segredo; ela não quer que diga a ninguém; mas o senhor não me compromete. Não sei por que é que se há de esconder o bem que se faz!...

MENESES – Venha o tal segredo.

HELENA – Fazem dois anos que ela me viu passar na rua doente e pedindo esmola; mandou-me chamar para saber das minhas desgraças e deu-me alguma cousinha para viver e um emprego para trabalhar.

MENESES (*rindo*) – Um emprego!... Muita habilidade tem D. Carolina se descobriu em você préstimo para alguma cousa boa.

HELENA – Pois olhe! sou a caixeira dos pobres.

MENESES – Ah! Ela cuida dos pobres?

HELENA – Não pense que são os pobres que andam por aí a pedinchar pelas ruas e igrejas, como eu já andei. Nada; os nossos são os pobres que trabalham e têm vergonha de pedir quando lhes falta o necessário.

MENESES – O teu emprego de caixeira consiste então em levar-lhes a esmola.

HELENA – Pois não! Ela diz...

MENESES – Ela não, a Sr.a D. Carolina!

HELENA – A Sr.a D. Carolina diz que a esmola faz a gente preguiçosa; é preciso ajudar as tais sujeitinhas, mas obrigando-as a trabalhar.

MENESES – E como consegue ela isso?

HELENA – Faça de conta que nesta rua tem uma pobre mulher costureira, que está doente e não pode trabalhar; como não ganha nem tem quem lhe fie, lhe fica a roupa toda suja, então eu tomo-a para lavar e dou-a à lavadeira que mora noutra rua. Quando a roupa está pronta pago com o dinheiro que a senhora me dá; a costureira fica-me devendo e pensa que fui eu quem lhe lavei a roupa. Eu ponho-me em cima dela todos os dias a cobrar, grito, ralho, até que por fim ela paga de seu trabalho.

MENESES – É bonito, é; mas tenho meus receios que a caixeira não tire sua porcentagem desses empréstimos.

HELENA – Ah! Sr. Meneses!... Aí vem ela. Disfarce!

CENA VI

Os mesmos e Carolina.

CAROLINA – Não sabia que já tinha chegado.

MENESES – Como passou de ontem?

CAROLINA – Bem. Deixe-me falar a esta velha.

MENESES – Muito me surpreende, Carolina, encontrar Helena em sua casa.

CAROLINA – Você a reconheceu? Não é a mesma mulher, acredite.

MENESES – Tem certeza disso? Não a está ela enganando?

CAROLINA – Posso assegurar-lhe que seu arrependimento é sincero.

MENESES – A prova?

CAROLINA – Tenho-a incumbido às vezes de certas costuras...

MENESES – Ela tudo me confessou, Carolina. É mais uma das suas obras de beneficência. Não se envergonhe por isso!

CAROLINA – Pois bem, já que sabe, posso falar-lhe abertamente. Para experimentar, Helena, incumbi a outra pessoa de indagar do que ela fazia e nunca a achei em falta.

MENESES – Ainda assim; não gosto de ver essa mulher em sua casa, Carolina. Creio que você podia achar outro instrumento melhor para sua caridade.

CAROLINA – Neste ponto não lhe dou razão. Ela foi o instrumento do erro; Deus a destinou para instrumento da reparação.

MENESES – Não lhe dói porém o contacto dessa mulher?

CAROLINA – Por isso mesmo!

MENESES – Há exageração nessa severidade.

CAROLINA – Diz a minha consciência que não; mas quando houvesse eu não me devia esquivar a um constrangimento que salva essa pobre mulher. Estou convencida que ninguém senão eu a podia arrancar ao vício... Sabe por quê? pela razão de me ter visto outrora a par com ela.

MENESES – Não diga isto!

CAROLINA – Eu sou para esta mulher, a fé e a esperança; seja você a caridade!... Venha cá, Helena!

HELENA – Não vim mais cedo, porque só agora, chegando, recebi o recado.

CAROLINA – Mandei-a chamar para lhe dar uma nova incumbência.

HELENA – Estou pronta.

CAROLINA – Lina faz hoje dezesseis anos; quero dotar em seu nome uma moça pobre e bem procedida. Conhece alguma que esteja neste caso?

HELENA – Não; mas posso indagar.

CAROLINA – Devia ter-me lembrado disso há mais tempo para que o dote fosse dado no dia de hoje.

HELENA – Até à noite ainda se pode fazer muita cousa.

CAROLINA – Pois veja se me obtém isso!

HELENA – Vou já.

CAROLINA (*a Meneses*) – Diga-lhe uma boa palavra!

MENESES – Helena, eu sabia que a serpente tentou a mulher; vejo agora que há anjos que convertem demônios!

HELENA – É verdade!... se não fosse ela!...

CENA VII

Carolina e Meneses.

MENESES – Há quinze dias que estou para lhe fazer uma pergunta, Carolina; desde a conversa que tivemos em casa do Fernando. Aproveito, pois, esta ocasião de estarmos sós. Diga-me, o amor de Luís já a abandonou?

CAROLINA – Meu amigo!...

MENESES – Bem suspeitava eu que ia ferir em sua alma uma corda dolorosa. Se você achasse um refúgio no coração de Luís, não havia de temer tanto do mundo, nem sentir tão presente um passado já remoto. Mas ele a deixa isolada no vácuo de sua consciência, erma de esperanças, e por isso você procura a sociedade para fugir à vida íntima, embora lhe guarde ela tantos amargores!

CAROLINA – Não sei se uma mulher pode confiar ao seu maior amigo, mesmo a seu pai, o segredo da vida conjugal!...

MENESES – Lembre-se que sou responsável por seu casamento, pois consenti nele; essa responsabilidade e a afeição que tenho a ambos me dão o direito de penetrar no santuário doméstico.

CAROLINA – Tem razão. Devo confessar-lhe tudo, sim, mas por outro motivo; para que não recaia sobre Luís, a culpa que não tem.

MENESES – Ama-a ele ainda?... Responda.

CAROLINA – Não, não me ama, nem podia.

MENESES – Por quê, Carolina?

CAROLINA – Admira-lhe isso! Ouça-me. Logo depois de celebrar-se o nosso casamento, Luís me disse: “És minha esposa para o mundo, Carolina; à face de Deus serás minha irmã.” Estas palavras proferidas ainda à vista do altar foram como um voto solene, embora secreto, de nossa união. Juramos a Deus cumpri-lo.

MENESES – Voto impossível!

CAROLINA – É verdade, impossível. A luta foi longa e terrível; mas devíamos sucumbir afinal. Então começou o suplício cruel de minha vida!

MENESES – Não lhe compreendo.

CAROLINA – Nem pode compreender. Imagine uma criatura devorada por moléstia repugnante, que tenha a desgraça de amar e ser retribuída com igual paixão!... Sentindo-se imunda e repulsiva para aquele a quem adora, temerá a cada instante ver o amor afogar-se em asco, a carícia transformar-se em gesto de nojo!... Imagine qual suplício deve ser o seu! Pois esse foi o meu, talvez mais cruel!... O amor que houvera sido minha ventura, tornou-se meu incessante martírio!

MENESES – Pobre Carolina! Adivinho agora tudo.

CAROLINA – É preciso que adivinhe porque eu não sei, nem ousou dizer-lhe! Não há amor que resista às decepções que Luís sofria! Diga, pensa que seja possível amar uma mulher a quem se causa horror?... Se meu marido aproximava-se de mim gelava-se-me o coração; se me fazia uma carícia derramava-se por todo o meu ser tal angústia e espanto, que perdia a razão. Depois que essa paixão me tinha assim flagelado, deixava-me agonizando, como a vítima que fustigaram até ao sangue... Mas não era sangue, era a alma que me dilaceravam!

MENESES – E Luís não percebia? Nunca tentou desvanecer esse terror e sufocar à força de amor e ternura a lembrança implacável do passado?

CAROLINA – Muitas vezes, muitas, envolveu-me de sua ardente paixão, criou em torno de mim um outro mundo, um céu para abrigar-me nele. Mas tudo era inútil. Se afinal iludida me enchia das veementes efusões de sua alma, sabe o que sucedia?... Encontrava nele frieza e tédio, que me arrojava de novo ao passado.

MENESES – Luís tem uma alma entusiasta e veemente, capaz de grandes arrojados, mas passageiros e rápidos. Eu previ que lhe havia de faltar coragem e força para essa luta!

CAROLINA – Ninguém a teria. O suplício cruel desse amor durou anos. Luís devia amar-me muito para resistir tanto tempo. Se pois ele já não me ama, a culpa não é sua, mas somente minha, que não pude fazê-lo feliz.

MENESES – É dele, porque só no caso de sentir-se capaz de subjugar essas revoltas da consciência e da sociedade, devia ter realizado semelhante casamento. Iludiu-se; e dessa falta não se defende.

CAROLINA – Repito, Luís não tem a menor culpa. Quando eu, sua mulher, o absolvi do amor que me jurou, ninguém, creio eu, tem o direito de ser mais severo e perturbar a calma de sua consciência.

MENESES – Descanse; não lhe direi uma palavra a tal respeito.

CAROLINA – O erro desse casamento foi meu e meu só, por ter nele consentido; devia saber que estava morta para o amor. Tenho disso tal remorso, que se Luís viesse a amar outra mulher... eu sofreria horrivelmente, mas... havia de respeitar a felicidade que eu lhe não pude dar.

MENESES – A felicidade criminosa!...

CENA VIII

Os mesmos e Lina.

LINA – Está aí D. Francisca, mamãe!... Ah! Sr. Meneses!

MENESES – Bom-dia e bons anos.

LINA (*na janela*) – Vem com o Sr. Pinheiro.

MENESES (*baixo*) – O Pinheiro, Carolina?

CAROLINA – Sim, Meneses; é noivo da filha de D. Francisca, uma das minhas amigas e rica fazendeira.

MENESES – Perdão, Carolina!

LINA (*na janela*) – Que lindo vestido tem Amélia!

MENESES – É tão admirável tudo quanto faz que vou de surpresa em surpresa. Já entendi; esse casamento foi você quem o arranjou.

CAROLINA – Causei a desgraça desse moço e ele é inocente da minha!... A vergonha que sua presença me causa não devia impedir-me de reparar o mal; o cumprimento desse dever me santifica de tal modo, que lhe confesso... Parece-me que para ele sou outra mulher!

LINA – D. Francisca vem com um luxo, mamãe! E Amélia, tão envergonhada com o noivo!

CENA IX

Os mesmos, D. Francisca, Amélia e Pinheiro.

D. FRANCISCA – Dá licença, minha amiga?

CAROLINA – Entre D. Francisca! (*cumprimentos gerais*)

D. FRANCISCA – O Sr. Lopes não pode vir porque está com sua enxaqueca. Tomei então a liberdade de trazer em lugar dele este meu afilhado para me carregar o saco.

CAROLINA – Fez muito bem.

D. FRANCISCA – Tanta cousa que a gente é obrigada a trazer, o leque, o lenço, a carteira, as chavinhas, além da caixa de rapé, que eu não dispenso. O Sr. Pinheiro, este nem lhe chega o tempo para olhar Amélia. Está bem; não fiquem aí vermelhinhos. Hoje em dia já as crianças casam as bonecas. Não é assim mesmo, minha feiticeira?... Venha cá! Então aposto que lhe agrada mais a corte que a roça?... Nem se pergunta!

LINA – Gosto do lugar onde mamãe está.

D. FRANCISCA – Isso é agora. Dê cá o saco, menino.

MENESES – É a primeira vez que vem à corte, minha senhora?

D. FRANCISCA – Qual!

CAROLINA – Tem estado aqui por diversas vezes.

D. FRANCISCA – Somos conhecidas velhas, mas cada vez que volto é como se viesse pela primeira vez. O Rio de Janeiro vai ficando mais moço e mais bonito, eu mais velha e mais feia. É servido de uma pitada?

MENESES – Obrigado, minha senhora.

D. FRANCISCA – Sim, os senhores todos agora deram em fumistas; viraram canudo de chaminé, porque estamos no século do vapor. Nós, da roça, estamos ainda pela moda do dominus tecum.

MENESES – Que quer minha senhora. Era preciso que o pobre nariz da humanidade descansasse!

D. FRANCISCA – Então agora trabalha a boca? Mas nós as mulheres que não fumamos, que havemos de fazer?

MENESES – Falar, falar, enquanto os homens fumam.

D. FRANCISCA – Não está má a maneira de chamar-me tagarela. Mas eu não me zango, não. Meu marido é homem de poucas palavras, Amélia é o que o senhor vê, parece muda; então falo eu por toda a família.

CAROLINA – Sempre alegre! Que gênio feliz!

D. FRANCISCA – Ora, minha amiga, se a gente não levar essa vida assim com cara de riso, são dois purgatórios, um neste mundo e o outro lá em cima. Ah! Aqui está o nosso pensativo.

CENA X

Os mesmos, Luís e o Barão.

LUÍS – Como passou, D. Francisca? Seu marido?

D. FRANCISCA – Pois o senhor é marido e me pergunta? Não sabe da balda dos homens todos? Tem sempre uma enxaqueca à mão para não acompanharem suas mulheres.

LUÍS – Como estou em unidade, julgo mais prudente uma retirada honrosa. Que dizes? (*para Meneses apertando-lhe a mão*)

D. FRANCISCA – E o Sr. Meneses?

LUÍS – Este é solteiro ainda!

MENESES – É verdade, minha senhora. Apesar de já velho, tinha esperanças de casar-me, com alguma moça míope que não me visse a calva e os cabelos brancos! Mas depois da invenção dos balões reneguei inteiramente do matrimônio.

D. FRANCISCA – Mas por quê?

MENESES – Se eu me casasse era para viver junto de minha mulher. Ora desde que o balão tomou o lugar que eu podia ocupar de um ou de outro lado, julgo inútil casar-me! (*risos.*)

D. FRANCISCA – É engraçado o tal Sr. Meneses. Pois olhe, o meu balão é dos maiores, e nunca o Sr. Lopes reparou nisso!

LUÍS – Mas o Sr. Pinheiro não tem o mesmo receio.

PINHEIRO – Não, senhor. Enquanto não se usarem balões que cubram o coração, eu espero ter sempre o meu lugar!

D. FRANCISCA – Bravo, meu futuro genro!

LINA – Não cores, Amélia!

AMÉLIA – Eu, não!

D. FRANCISCA – Assim, defenda o nosso sexo! É seu dever.

MENESES – O Sr. Pinheiro está um pouco atrasado, D. Francisca. A moda do coração já passou como a do rapé de que falamos há pouco. A última moda agora é o charuto e o dote.

BARÃO – Este Meneses é incorrigível!

LINA – Oh! meu padrinho!... Agradeço-lhe muito as belas frutas que me mandou. E as flores! São lindas!

BARÃO – Esconda isto!... *(dá um par de bichas de diamante)*

LINA – Para mim?... Que riqueza!... Olhe mamãe!

LUÍS – Realmente é demais, Araújo.

BARÃO – O senhor não tem ingerência nisto!

D. FRANCISCA – É uma peça de gosto!

MENESES – Também trouxe-lhe meu presente de anos, Lina. É a ocasião de o receber. Cada um dá o que tem. Eu, dou-lhe um conselho.

LINA – E eu o receberei com muito prazer.

MENESES – É breve! Quando trouxer seus diamantes, Lina, lembre-se que eles tem a forma de uma lágrima!...

CAROLINA – Este presente, minha filha, é mais rico do que o outro. Os diamantes custam às vezes muitas lágrimas e bem amargas!

MENESES – Também se podem resgatar.

LINA – Então não devo usar destas joias?

ARAÚJO – Por que não?

MENESES – Deve, porém, modestamente e sem orgulho, como de uma flor e de uma fita!

FRANCISCA – É o que eu sempre digo a Amélia; riqueza não é grandeza; assim como vem, assim vai.

CAROLINA – D. Francisca, vamos nós para a varanda? É mais alegre. Aqui está muito calor!

D. FRANCISCA – Como quiser. Não faça cerimônias comigo.

LINA – Venha D. Amélia. Sr. Pinheiro!

D. FRANCISCA – Ouça, Sr. Meneses. Quero saber a sua opinião...

MENESES – Não tenho opinião, minha senhora. Opinião é uma casaca incômoda hoje em dia. Se hei de estar a virá-la a cada canto de rua, prefiro andar com o redingote da moda, que tem duas vistas.

LINA – Não vem, meu padrinho?

BARÃO – Já vou.

CENA XI

Barão e Luís.

BARÃO – Andas triste, Luís.

LUÍS – Não; incomodado.

BARÃO – Do moral?

LUÍS – Não é nada!

BARÃO – Acho eu que é muito!... Ora pois... Durante vinte anos me puseste no costume de te ver desabafar o que ia lá por dentro. Era eu assim como um borrador de loja onde assentavas tudo... E agora já não me falas de tua vida e até foges de mim! Então...

LUÍS – Desconfiança tua!

BARÃO – Pus-me cá a parafusar e disse com meus botões: Luís que já não me conta a sua vida, aqui há cousa!

LUÍS – Não tenho que contar.

BARÃO – Ou tens vergonha de confessar?

LUÍS – Vergonha por quê, Araújo?

BARÃO – Ora supõe... É uma suposição... que tu não fazes tua mulher feliz. Não terias remorso?

LUÍS – Ela se queixou?

BARÃO – Ela!... Bem sabes que morreria antes do que...

LUÍS – Eu sou o ente mais desgraçado, Araújo! Um engano fatal fez a infelicidade de Carolina e a minha. Pensei que meu amor fosse eterno, imenso, e nada valia! O coração do homem é um vil embusteiro! O meu que eu julguei se consumisse todo com aquela paixão da mocidade, aqui está ainda, o miserável, ávido e sedento de amor! Este é o meu castigo, Araújo. Tremo dentro em mim pensando que possa vir a amar outra mulher!...

BARÃO – Serás... um cobarde, se tal acontecer!

LUÍS – Um infame, bem sei!...Tu não me condenas mais severamente que eu próprio, e não obstante...

BARÃO – Cala-te desgraçado!...

CENA XII

Os mesmos, Tavares, Sofia e Lina.

TAVARES – Creio que não chegamos tarde!

LUÍS – Ah! D. Sofia!

SOFIA – Como está D. Carolina?

TAVARES – Excelentíssimo Sr. Barão!...

BARÃO – Bom-dia, meu senhor! (*vai saindo*)

LINA (*entrando à Sofia*) – Julguei que não vinhas mais. Já estava preparando uma zanga que não imaginas!

TAVARES – Está hoje um calor!...

SOFIA – Pois eu adivinhando isto trouxe-te aqui meu coração, já todo crivado de alfinetes. Não estás satisfeita, má?

LINA – Ah! É uma pregadeira!... que mimoso trabalho!

LUÍS – Esses dedos são mágicos!

SOFIA – Se o fossem, em vez de crivarem os corações, haviam de sará-los!

LINA – Olha! Vou guardá-lo aqui no meio dos outros!

SOFIA – Nada! Isso foi lembrança, o presente é este! (*dá-lhe dois beijos nas faces*)

TAVARES – O homem já chegou?

LUÍS – Quem? O Fernando?

TAVARES – O Vieira!

LUÍS – Pois ele vem?

TAVARES – Que tal? O meu amigo não me autorizou a convidá-lo?

LUÍS – É verdade; mas pensei que pudesse desembaraçar-se dele.

TAVARES – Entre gente de certa posição não é bonito...

LUÍS – Bem. (*perturbado*) Entremos!

CENA XIII

Lina, Sofia, Frederico e Luís.

SOFIA – Então, ingrata, não me agradeces?

LINA – O quê? Teu presente? Quantas vezes...

SOFIA – Não te faças desentendida! Ficaste muito admirada de vê-lo hoje em tua casa?

LINA – À quem?

SOFIA – Ora! Ao Ribeirinho!

LINA – Mas ele não está aqui.

SOFIA – Ainda não veio? Então não pode tardar.

LINA – Meu Deus!... Quem o convidou?

SOFIA – Teu pai. Eu pedi-lhe...

LINA – Sofia!...

SOFIA – Como cousa minha; nem ele suspeita. Quis fazer-te esta doce surpresa.

LINA – Oh! que belo! Mas vou ter uma vergonha!... Sinto que lhe quero muito bem, muito mesmo; e quando estou junto dele, como outro dia no baile, fico toda trêmula; minha vontade é correr para onde está mamãe.

SOFIA – Pois prepara-te que aí está ele.

LINA – Não é!... será, meu Deus?... Ah! Sofia, me esconde.

FREDERICO – Minhas senhoras!

SOFIA – Já havia quem reparasse na sua demora.

FREDERICO – Seria assim tão feliz?

LINA – Sossega, Sofia!

SOFIA – Pois estás querendo fugir!

LINA – Acho melhor irmos para a varanda onde estão os outros.

SOFIA – Que pressa é esta?

LUÍS – Sr. Dr. Ribeiro!... Queira entrar; as senhoras estão na varanda.

SOFIA (*à Lina*) – Então já não queres vir?

LINA – Agora, não; espera.

LUÍS – As outras pessoas que esperamos não podem tardar, Lina; vai dar tuas ordens para que o jantar não se demore.

LINA – Sim, papai!

SOFIA – Eu vou ajudar-te.

LINA – Eu não consinto. D. Francisca está ansiosa por ouvi-la cantar. Comprometi-me pela senhora.

SOFIA – Nesse caso não quero que falte à sua palavra.

CENA XIV

Luís, Sofia, depois Carolina e o Barão.

SOFIA – Mas o caminho do piano não é este!

LUÍS – Foi um pretexto, Sofia, para ter um momento de falar-lhe sem testemunhas. É preciso que eu aproveite estes rápidos e fugitivos instantes. Quando vou à sua casa, esconde-se de mim!

SOFIA – E não devo fazer?... Já basta o crime de ouvi-lo essas vezes em que não posso evitar.

LUÍS – Tem razão, Sofia, tem razão! É preciso que sua vontade, resista já que a minha alma não pode! Repila este cobarde, esmague-o com seu desprezo! Mas saiba! Este furor que se apodera de mim e me exaspera a ponto de inspirar ideias horríveis...

SOFIA – Eu lhe peço... deixe-me...

LUÍS – É a dúvida, essa dúvida cruel de não ser amado! Se eu soubesse que seu coração palpitava alguma vez por este infeliz, Sofia, eu repousaria desse horrível pesadelo de que a senhora possa amar outro homem e esposá-lo!... Seu amor me daria uma força heroica para vencer os arrebatamentos da paixão. Quando ouvisse ressoar dentro em minha alma uma voz celeste que me dissesse, ela te ama, me sentiria venturoso na minha desgraça!

SOFIA – O senhor ilude-se! Essa força não a deve tirar de mim, mas de sua mulher e de sua filha!...

LUÍS – Não fale desses nomes que me irritam!... Sim, porque me envergonham!... Sabe de que é capaz um homem para aplacar o remorso que o vai roendo?... Só a mão da mulher amada pode deitar bálsamo sobre esta chaga!

SOFIA – Pois bem, Sr. Viana, para sua e minha tranquilidade... (*Carolina aparece*)

LUÍS – Acabe!

SOFIA – Eu o amei antes de saber...

LUÍS – Amou!...

SOFIA – E ainda o amo... por infelicidade minha!

LUÍS – Ah! (*Carolina quer fugir, vê o Barão à porta; gesto suplicante, querendo impedi-lo de continuar*)

SOFIA – Esta palavra que o senhor arrancou de meu coração, de onde não deveria sair, foi nosso adeus eterno!

LUÍS – Que diz Sofia?

SOFIA – Não nos veremos nunca mais!...

LUÍS – É impossível! O amor nos une... (*toma-lhe as mãos*)

SOFIA – Um abismo nos separa!

LUÍS – Esse abismo... pode de um instante para outro desaparecer!...

CAROLINA – Ah! (*Querendo fugir quebra um vaso da sala*)

CENA XV

Os mesmos, Carolina e o Barão.

CAROLINA – Foi este vaso, Luís!... Que susto me causou!... (*para o Barão que a ampara*) Felizmente não me ofendeu! (*tom expressivo*) Sossegue meu amigo!... Não é nada. (*Correndo para Sofia*) Ah! D. Sofia, não a tinha visto! Como passou?... (*beija-a na face*)

SOFIA – Bem, obrigada!

CAROLINA – Não nos dará o prazer de cantar hoje alguma cousa? D. Francisca há de gostar muito de ouvi-la.

SOFIA – Quando a senhora quiser. Estou pronta.

CAROLINA – Vá buscar D. Francisca, Luís; podemos aproveitar o tempo antes de jantar. (*Luís sai*) Barão, ainda não ouviu D. Sofia cantar? Que bela voz!... (*baixo*) Silêncio, se quer que eu viva.

BARÃO – Não posso, não está em mim.

CAROLINA – E eu pude!... mate-me então!...

BARÃO – Descanse, Carolina. Nada direi... (*Sofia preludia*)

CENA XVI

Os mesmos, Luís, D. Francisca, Meneses, Amélia, Pinheiro, Frederico e Tavares.

MENESES – Que tem, Carolina!... Está de uma palidez mortal!

CAROLINA – Um susto! Sou uma medrosa.

D. FRANCISCA – Que vai cantar, D. Sofia?...

SOFIA – A Traviata, se lhe agrada, minha senhora.

FERNANDO (*à Carolina*) – Trago-lhe mil desculpas de minha mulher. Um incômodo repentino a privou do prazer de abraçá-la hoje.

CAROLINA – Sinto, que fosse este o motivo.

FERNANDO – Não podia haver outro. (*a Luís*) Vinha com receio de chegar tarde.

MENESES – Os ricos nunca chegam tarde.

CRIADO (*na porta*) – Desejo falar à senhora.

CAROLINA – A mim?

CRIADO – A Sr.a D. Paulina da Fonseca manda dizer que é escusado convidá-la mais, porque ela não porá os pés nesta casa.

CAROLINA – Eu esperava!...

FERNANDO – É impossível, minha mulher não mandou este recado!

MENESES – Está certo disto, Sr. Fernando?

BARÃO (*vai à porta*) – Mas então que significa esta insolência?

CENA XVII

Os mesmos, Vieira e Lina.

VIEIRA (*entrando*) – Fala comigo, excelentíssimo?

BARÃO – E esta!... Que pretende o senhor aqui?

VIEIRA – Jantar, meu caro Barão! E são horas; quase cinco!... (*Tirando o relógio*)

MENESES – Que fazes tu, Luís?

LUÍS – Eu...

MENESES – Sim! Que fazes que não mandas já correr de casa aquele réu de polícia?

LUÍS – Quem?

TAVARES (*a Luís*) – Aqui está o nosso comendador.

VIEIRA – Sr. Viana!... Peço desculpa de não chegar mais cedo; porém não há uma hora que recebi por meu amigo, o Sr. Tavares, seu gracioso convite. (*Cortejando*) Minhas senhoras!

MENESES (*de parte*) – Tu convidaste este ladrão, Luís?

LUÍS – Convidei-o, sim!

BARÃO (*de parte*) – Mentas!... Quero crer que mentas!...

CAROLINA (*idem*) – Luís, este homem em nossa casa, em nossa mesa!

LUÍS (*idem*) – Não está aí o Pinheiro, Carolina?

CAROLINA – Oh! Todos tinham o direito de lançar-me este insulto; meu marido, não!

LINA (*entrando*) – Mamãe, o jantar está pronto!

LUÍS – Vamos, meus senhores!

VIEIRA – D. Sofia, tenho a honra de oferecer-lhe meu braço! (*Luís se interpõe*)

LUÍS – Com licença, comendador! Dê o braço à D. Francisca.

D. FRANCISCA – Nada! Eu já tenho o do Sr. Barão.

LUÍS – Então... À minha mulher!... Faça obséquio!

VIEIRA – Com o maior prazer (*Os outros vão saindo*)

CAROLINA (*de parte a Meneses*) – Não pensava ter descido tanto, meu Deus!

VIEIRA – Minha senhora. (*Meneses interpõe-se afastando Vieira*)

MENESES (*à Carolina*) – Recuse; isto é uma indignidade!...

CAROLINA – Não! Devo tragar o fel até à última gota! Restava-me ainda esta humilhação de todas a mais cruel!... Ser atada ao pelourinho!...

MENESES – Carolina!...

CAROLINA – Seu braço, Sr. comendador?... (*pausa*)

MENESES (*só*) – Eis o mundo!...

ATO III

Casa do Barão. — Jardim e pavilhão.

CENA I

O Barão e Meneses.

MENESES – Que significa isto?... Convidas-me para jantar em tua casa com alguns amigos e venho encontrar uma festa?

BARÃO – Quis fazer uma surpresa, a ti, como aos outros.

MENESES – Uma surpresa, hem?

BARÃO – Ouve lá o programa. Temos cinquenta pessoas a jantar da primeira gente da corte; a mesa está preparada embaixo das mangueiras, oculta por aquela cortina. Quase todos os convidados já chegaram.

MENESES – Sim! Vi uma multidão de carros à porta.

BARÃO – Além disto, espero à noite mais de quinhentas pessoas.

MENESES – Temos um baile também?

BARÃO – Então?... Cuidas que dou meias festas?... Jantaremos às seis horas; de repente as salas, o jardim, as ruas das chácaras e até os ramos das mangueiras, apareceram iluminados. O baile virá buscar-nos à mesa... Que dizes?

MENESES – É um brilhante e magnífico despropósito!

BARÃO – Já queres criticar!... Anda lá, Meneses, confessa que ficaste desapontado. Tu que descobres quanta novidade há neste Rio de Janeiro não sabias que hoje se dava um grande jantar e um grande baile, aos quais devias assistir! (*rindo*) Ah! ah! ah!... Queres que eu te explique... Os meus convites foram entregues hoje ao meio-dia... O Cassino devia ser no sábado; todos os toiletes estavam preparados... Então transferência do Cassino de manhã nos jornais... Não leste no teu?

CRIADO (*entrando*) – Está aí a velha.

BARÃO – Traga-a para cá. Já foi o carro buscar a família do Sr. Viana?

CRIADO – Sim, excelentíssimo. (*sai*)

BARÃO – Mas vamos lá, continua com tua crítica. Achas que falta alguma coisa aqui?

MENESES – Acho.

BARÃO – O quê? Música, temos três. O serviço é magnífico, preparado pelo Guimarães... Ah! querias arcos...

MENESES – Não é nada disto.

BARÃO – O que é então?

MENESES – Juízo, juízo, juízo!

BARÃO (*ri-se*) – Ora!

CENA II

Os mesmos e Helena.

HELENA – V. Ex. mandou-me chamar?

BARÃO – Já te falo meu rabugento! (*Meneses afasta-se*) Mandei chamá-la sim e com empenho; quero que me faça um favor.

HELENA – Eu, Sr. Barão!

BARÃO – Por que não?... Soube por meu amigo, o Sr. Meneses, que você já se tinha emendado da má vida que teve. Incumbi aí a um sujeito de indagar disso e as informações que tive não são más. Ainda restam algumas cousinhas; mas enfim já se pode dizer que é uma mulher bem procedida.

HELENA – Não se pode fazer tudo de uma vez, Sr, Barão; bem trabalho comigo...

BARÃO – E continue a trabalhar que Deus lhe ajudará. Quanto ao favor que lhe quero pedir é ficar aqui esta noite.

HELENA – V. Ex. precisa que eu lhe faça algum serviço?...

BARÃO – Depois lhe direi; espere naquele pavilhão e feche a porta para que não a vejam.

(Helena entra na parte fechada do pavilhão)

CENA III

Barão e Meneses.

BARÃO – Com que então me achas falto de juízo por gastar alguns contos de réis? Ora adeus! É preciso que a gente descanse; ganhar sempre aborrece.

MENESES – Deita as tuas barras de ouro pela janela fora se isto te diverte; mas não as atires à cabeça de teus amigos!

BARÃO – Esta é melhor!... Mas eu não entendo.

MENESES – Quando entrei vi o carro do Fernando; ele está aí?

BARÃO *(sorrindo)* – Está, e D. Paulina também.

MENESES – Depois do que tem havido não vês que cometes uma crueldade, pondo Carolina em face daquela mulher.

BARÃO – Talvez seja uma lição!

MENESES – Eis o teu erro, Araújo, que também foi o erro de Luís.

BARÃO – Tu não sabes o que eu pretendo fazer!

MENESES – Dize-me então.

BARÃO – Nada! É meu segredo!

MENESES – Pois guarda-o; não preciso que me contem o que estou vendo.

BARÃO – Presunção!

MENESES – Em tuas salas, onde não entrei, estão neste momento além de D. Paulina e o marido, o Tavares, o Vieira, o Ribeiro, todos os que foram testemunhas do escândalo do baile, e que uma circunstância qualquer prende à vida de Carolina.

BARÃO – Simples acaso.

MENESES – Dos personagens que representaram no drama da vida de Carolina, só faltava uma que não podia entrar na sala. Helena espera naquele pavilhão.

BARÃO – Que mais?

MENESES – Aqui em torno de mim não vejo o luxo, que o deus moderno, o dinheiro, derramou com prodigalidade para ofuscar a razão e abafar-lhe os escrúpulos?

BARÃO – Afinal que concluis?

MENESES – Queres seduzir o mundo, meu Araújo!

BARÃO – E duvidas que o consiga?

MENESES – Ao contrário; acredito. Tens todas as condições para isso. És muito rico, rico de pedra e cal, e não desses ricos de papelório que andam aí a tremer com qualquer sopro. Ofereces, pois, uma garantia sólida a essa barriga chamada sociedade que vive de bailes e jantares. És honrado; a honra pouco vale hoje em dia; nos pobres ninguém a percebe; mas nos ricos é um título apreciado pela sua raridade, e difícil de obter-se. Com quaisquer contos de réis se é barão ou comendador em quinze dias; para ser honrado é preciso gastar muito milhão de coragem durante uma vida inteira! Ora desde que aparecerem em ti sintomas suspeitos, todos te excitarão. A queda de uma virtude é sempre aplaudida pelo mundo.

BARÃO – Acabaste?... Ouve agora. Não sou como tu um homem instruído, mas tenho cá as minhas ideias. Pensei comigo!... Carolina ainda pode ser feliz; mas para isso é preciso que se veja rodeada do respeito e da estima do mundo; isso destruiria a desconfiança em que vive. Ela ainda é bonita, mais do que a tal

Sofia. Luís vendo a mulher respeitada pela sociedade, esqueceria sua loucura, e se tornaria bom marido.

MENESES – É bonito de dizer; mas o fazer?...

BARÃO – Não disseste que eu levarei a minha avante?

MENESES – Tu!... O Barão de Castro alcançará um triunfo brilhante, porém a vítima e o troféu desse triunfo, o que será dela? Atada ao carro do triunfador, cada aplauso custará uma ironia, se não for um insulto, para a pobre mulher que arrastares ao teu braço.

BARÃO – Deixa-te disso! Também eu conheço o mundo.

MENESES – Tu enriqueceste nele e eu empobreci. O mundo é uma grande criança de que nós somos os bonecos. Nunca reparaste numa cousa. O menino a quem se dá um brinquedo, começa por mordê-lo, e espedaçá-lo; se o brinquedo resiste, joga-o fora; se quebra-se, então o amima e afaga.

BARÃO – Queres com isto dizer...

MENESES – Se Carolina transigisse com o passado acharia na sociedade esquecimento e prazeres; mas tu conheces a rigidez de sua consciência e a severidade com que ela se condena a si mesma!... A grande criança não gosta dessas bonecas que não quebram!...

BARÃO – Hás de ver.

MENESES – Desengana-te, Araújo; para as almas que se regeneram por uma sublime expiação, só há um refúgio: o santuário da família! Se aí Luís não se curar de sua loucura e esquecer Sofia...

BARÃO (*para fora*) – Por aqui!

CENA IV

Os mesmos, Luís, Carolina e Lina.

CAROLINA – Fez mal enganar-me, Araújo!

BARÃO – Ralhe, ralhe comigo quanto quiser! (*a Luís*) Como estás?

CAROLINA – Se eu soubesse que se tratava de uma grande reunião, decerto não tinha vindo.

BARÃO – Vejo então que fiz muito bem; não achas, Luís? E minha afilhada também está arrependida?

CAROLINA – Ela pode ficar com Luís; eu não, não posso.

MENESES – Pensa muito bem!

LUÍS – Eu te acompanho, Carolina.

LINA – Sem mamãe eu também não fico.

BARÃO – Pois hão de ficar todos!... Ora! Há tantos anos que vivo a fazer a vontade aos outros, um dia quero fazer a minha para saber que gosto tem isso. Estão todos presos; eu já previa o que acontece; mandei fechar os portões da chácara; são perto de cinco horas; não há remédio senão renderem-se à fome!

CAROLINA – Deixo a você decidir, Araújo!... Julga que eu possa estar satisfeita nesta reunião?

BARÃO – Se me tivesse amizade, e depositasse confiança no meu caráter, não faria tal pergunta.

CAROLINA – Fico! Está satisfeito?

LINA – Olhe, papai, globos para iluminar o jardim! Como há de ser bonito!...

BARÃO – Dê cá o braço Carolina. Venha, Lina, com sua mãe, tirar a capa.

CENA V

Meneses e Luís.

MENESES – Estás vendo, Luís, como o nosso Araújo vai se saindo? Que luxo! Aposto que ainda não reparaste?

LUÍS – Já.

MENESES – É uma festa esplêndida!... Nunca pensei que ele tivesse tão bom gosto! Está bem arranjado. Que dizes? Não te agrada esta riqueza?

LUÍS – Queres que te fale com franqueza, Meneses? Tudo isto já me aborrece e me assusta!... Meu desejo é voltar à roça e ali enterrar-me vivo.

MENESES – Mas isto é resolução nova?

LUÍS – De uma semana!

MENESES – Que te fez o Rio de Janeiro, então?

LUÍS – Fez de mim um covarde e ia fazendo um grande perverso! Um anjo salvou-me!... Posso confessar-te hoje que me sinto salvo!...

MENESES – Fala!... Teu silêncio me assusta!

LUÍS – Lembras-te do que me aconteceu há dois anos com o Tavares?

MENESES – Do ataque que ele teve à noite quando o encontraste na rua e o livraste da morte?

LUÍS – Justamente. Sofia mostrou-se muito agradecida; frequentei sua casa, e de repente conheci que a amava e ela me correspondia!... Foi uma infâmia, não crês?

MENESES – Sabia essa moça que tu eras casado?

LUÍS – Não! Eu era na véspera um desconhecido, no outro dia um amigo da casa; esqueci-me de falar da minha pessoa, tão alheio andava; ninguém me interrogou. Logo, porém, que Sofia mostrou-se inclinada para mim, fiz um esforço e declarei tudo. Ela empalideceu e retirou-se sem proferir uma palavra. Eu parti para a fazenda.

MENESES – E a esqueceste junto de Carolina.

LUÍS – Não, infelizmente não; não a esqueci, mas resignei-me!... Vindo segunda vez ao Rio de Janeiro, encontrei-me com Sofia uma e muitas vezes. Ela amava-me, como podia amar; em silêncio, e a seu pesar! Sucumbi; entreguei-me a essa paixão insensata que me obrigou a mudar para a corte. Inventei pretextos; o motivo era esse.

MENESES – E teu amor nunca foi aceito por Sofia?

LUÍS – Nunca! Outro dia, nos anos de Lina, aproveitei um momento de estar só com ela para arrancar-lhe a confissão. Eu estava louco, fora de mim!... Quando Sofia iludida pelo juramento que lhe dei, proferia a terrível palavra... Ouço um grito... Carolina estava na sala.

MENESES – Que fez ela?

LUÍS – Disfarçou! Teve a sublime coragem de beijar Sofia e sorrir a mim que acabava de fazer um voto ímpio!

MENESES – Qual?

LUÍS – Custa-me dizer! Poupa-me essa vergonha!

MENESES – Dize; é preciso cauterizar a consciência enferma.

LUÍS – O de sua morte!...

MENESES – O do assassinato viria depois!

LUÍS – Oh! é horrível!... Felizmente Deus salvou-me pela mão desse anjo! Sim, Meneses! O heroísmo de Carolina, sua misericórdia celeste para o meu crime, sua nobre dignidade ante o meu insulto, tudo isto a elevou tão alto em minha alma, e abaixou-me tanto em meu remorso que eu a adoro! Mas de longe, humilde, envergonhado, contrito!

MENESES – Graças a Deus, Luís! Eu tremia por ti... Ainda és o homem honesto de quem fui amigo e sou! Devias sofrer muito para chegar ao ponto de insultar tua mulher!

LUÍS – É verdade! Matá-la seria apenas um crime; insultá-la foi uma baixeza!

MENESES – Mas Carolina ainda não sabe de teu arrependimento?

LUÍS – Ainda não! Tive vergonha de confessar-lhe... e medo!

MENESES – Medo?...

LUÍS – Ela pode crer que é fingimento meu para enganá-la. É preciso que se convença por si mesma de minha sinceridade.

MENESES – Tens razão!

LUÍS – Que benefício me fez esta conversa, Meneses. À quanto tempo não conversamos?... Sinto-me contente! Agora é que vejo este jardim! É realmente encantador; vamos até aquele lago.

(Começa o passeio dos convidados pela chácara)

CENA VI

Vieira e Tavares *(no pavilhão)*.

VIEIRA – Meu caro Sr. Tavares, sentemo-nos por aqui. Tenho que falar-lhe sobre um negociozinho.

TAVARES – Agora?

VIEIRA – É urgente! Mas não se assuste; fique certo que não o hei de comprometer.

TAVARES – Bem sabe o meu amigo comendador que um homem em certa posição deve zelar os seus créditos.

VIEIRA – Pois eu não o conheço?... O caráter mais severo! Até peca pelo excesso!

TAVARES – Nestes tempos é preciso!

VIEIRA – Justamente; nestes tempos é preciso que a gente arranje alguma cousinha para manter sua independência. O senhor sabe que o Fernando está tísico!

TAVARES – Há muito tempo.

VIEIRA – Outro dia me disse o Dr. Lopes que não lhe dava seis meses. Ficaré uma viúva ainda moça e sofrivelmente apatacada. Ora, meu caro Sr. Tavares, eu creio que estou reservado para um casamento rico. Sério! três vezes tentei casar-me com moças pobres, e roeram-me a corda.

TAVARES – Pretende então propor-se à D. Paulina!

VIEIRA – Já me propus, meu caro!

TAVARES – Oh! Estranho muito um tal proceder! Ainda vivo o marido!

VIEIRA – Mas venha cá! Que pensa o senhor que há de suceder morrendo o Fernando? D. Paulina não tem parentes na corte. Cai-lhe em casa uma súcia de marrecos, advogados, procuradores, sócios e caixeiros, que irão logo tratando de arredar os amigos desinteressados e prestimosos como o Sr. Tavares; e em menos de um ano darão cabo da herança!

TAVARES – Isso é verdade!

VIEIRA – D. Paulina precisa pois de um amigo de confiança que a ampare nessa desgraça e zele seus interesses. É uma obra de caridade, meu caro Sr. Tavares; amparar a viúva!...

TAVARES – Vista a cousa por este lado... Mas ainda tenho minhas dúvidas.

VIEIRA – Não se lembra daquele nosso camarada deputado que se propôs candidato a senatoria, quando o outro ainda estava vivo?...

TAVARES – Tenho uma ideia.

VIEIRA – Pois é o mesmo; a minha senatoria é D. Paulina. As cousas iam muito bem; no último baile do Fernando julguei certa a minha conquista; mas na despedida, não sei o que houve... Cuidei que fosse algum arrufo, por ciúmes. Mas sem dúvida me intrigaram, e não passou desse tratante do Meneses, homem de minha especial birra! Ele não me gosta, porque lhe sei da crônica. Mas o caso é que a D. Paulina não me apareceu mais. Julguei que fosse ao jantar da tal Carolina e por isso meti-me em sua casa e fiz-me convidado.

TAVARES – Ah! Foi por isso?

VIEIRA – Mas a tal sujeita logrou-me a mim e a Carolina. Que tábua bem pregada, hem? Enfim, meu caro Sr. Tavares, é preciso que eu fale à D. Paulina hoje sem falta; e só vejo um meio. Ofereça-lhe o braço para dar um passeio pela chácara e traga-a para esses lados...

TAVARES – O Sr. comendador, devia conhecer a pessoa com quem fala! Não se pedem cousas desta ordem à um homem delicado e respeitável. Pela amizade que lhe tenho farei como se nada soubesse! Outro indivíduo se arrependeria...

VIEIRA – E o senhor não se arrependerá Sr. Tavares? Olhe lá!

TAVARES – Sou inabalável. Isto não quer dizer que não ofereça meu braço a D. Paulina, como costume. É uma senhora a quem muito preso. Se ela quiser vir para estes lados... é lá por sua conta; eu lavo as mãos em todo este negócio!...

VIEIRA – Cada vez o respeito mais!... Realmente é um caráter que eu admiro!... *(Sai Tavares. Vieira fica esperando com impaciência, ora sentado, ora passeando)* Que refinado patife!... Oh! oh! oh...

CENA VII

Ribeiro e Frederico *(de braço)*.

RIBEIRO – Estás hoje muito contente, Frederico? Não se pode saber por quê?

FREDERICO – É um segredo, meu pai. Depois lhe direi; agora não; estou tão comovido!

RIBEIRO – E se eu adivinhar?

FREDERICO – Duvido!

RIBEIRO – Na tua idade só os olhos da mulher que se ama produzem dessas alegrias repentinas!...

FREDERICO – E se fosse isto, ficaria zangado comigo?

RIBEIRO – Por que motivo?... Teu coração te pertence; podes dá-lo livremente; e tenho a certeza que só o darás aquela que for digna dele!...

FREDERICO – Fosse eu digno dela!... Que anjo de graça e beleza!

RIBEIRO – Lá se vai o teu segredo. Agora só falta o nome!

FREDERICO – Pois não lho direi, senão esta noite, quando voltarmos; então lhe pedirei também um consentimento...

RIBEIRO (*sorrindo*) – Que eu estou disposto a negar!...

FREDERICO – Duvido!... Vm. não há de ser tão mau!... Mas vamos para a sala... Parece-me que não a vejo há um século.

RIBEIRO – Por cá, para não nos encontrarmos com aquele homem.

FREDERICO – O Vieira? Ah! Não sabe, meu pai? A pouco estive quase à castigar-lhe a insolência. Disse cousas horríveis de D. Carolina, uma senhora tão virtuosa...

RIBEIRO – Calúnias!... Não acredites naquele traste... Foge dele!

CENA VIII

D. Francisca, Amélia, Pinheiro, Vieira, Meneses, Luís e Fernando.

VIEIRA – Que maçada!... Agora aí vem a tagarela da fazendeira!

D. FRANCISCA – Está lealmente muito bonito? Quanto custariam estes vasos?... Quero comprar seis para a fazenda. Lembra-me Amélia!

AMÉLIA – Sim, mamãe!

PINHEIRO – São muito elegantes!

D. FRANCISCA – Hão de servir mesmo para o dia. Pretendo dar um banquete igual a este. O barão já me prometeu emprestar os seus criados...

VIEIRA – Então já está marcado o dia!...

D. FRANCISCA – À 10 de agosto, se Deus quiser!

VIEIRA – Eu aproveito a ocasião para lhe dar os parabéns. Realmente o Pinheiro merece!

D. FRANCISCA – É muito boa pessoa.

VIEIRA – Sem dúvida! Somos amigos velhos; eu o conheci bem rico!... Em menos de um ano perdeu tudo, coitado!

D. FRANCISCA – Já sei disso!

VIEIRA – Mas aposto que não sabe do que ele fez quando ficou pobre? Que coragem de homem! Comprou um tálburi...

D. FRANCISCA – O senhor está enganado comigo, Sr. Vieira. Eu não sou da corte; quando as cousas não me agradam, vou dizendo; não tenho cá etiquetas. Fique sabendo que não gosto do senhor e é obséquio não me falar...

VIEIRA – Mil perdões, excelentíssima, se a ofendi! Eu queria dizer...

D. FRANCISCA – É escusado!... Nada do que o senhor disser eu acredito!

VIEIRA – Pois eu sei certas cousinhas!...

D. FRANCISCA – Ouça. Sr. Pinheiro?

PINHEIRO – O que é D. Francisca?

VIEIRA – Por delicadeza eu me retiro.

D. FRANCISCA – Pois não, vejam o tal Vieira a desfazer no senhor?

AMÉLIA – Eu tenho uma birra desse homem!

PINHEIRO – Que disse ele?

D. FRANCISCA – Que o senhor tinha sido um gastador e perdulário...

PINHEIRO – Era de esperar!

LUÍS – Não acredite em semelhante homem, D. Francisca! É um...

MENESES (*interrompendo para D. Francisca*) – Perdão. Mas não lhe contou, aposto, que o Sr. Pinheiro vendeu o que lhe restava para pagar uma dívida de honra, e reduzido à última miséria, não tendo que comer um dia, preferiu ganhar o sustento pelo trabalho, a infamar-se no crime ou enxovalhar-se mendigando de casaca e luva. Isto não lhe contou ele!

D. FRANCISCA – Eu sabia tudo isto, Sr. Meneses. D. Carolina, minha amiga, contou-me as extravagâncias aqui do senhor, antes de o apresentar. Amélia o absolveu de tudo!...

PINHEIRO – Como um anjo de bondade que é!

MENESES (*de parte a Luís*) – Não podes falar do Vieira... depois que o fizeste dar o braço à tua mulher!

LUÍS – É verdade!... Que vil homem sou eu!

D. FRANCISCA – Não sei como o barão convida um homem desta qualidade para sua casa!... E já viram como ele está escandaloso com aquela sujeita toda emproada...

PINHEIRO (*vendo Fernando*) – Olhe o marido!... Creio que ouviu!...

D. FRANCISCA – Melhor!

LUÍS (*vendo Sofia*) – Ela!... Veio!...

MENESES – Ainda te faz estremecer!...

LUÍS – De terror!...

FERNANDO – Viu minha mulher, Sr. Viana?

LUÍS – Ainda não tive este prazer.

FERNANDO – Cuidei que estivesse por aqui. (*Suspeitoso*)

CENA IX

Sofia e Lina.

(*Outras moças e cavalheiros pelo fundo*) SOFIA – Onde me levas?

LINA – Aqui onde ninguém nos ouça!

SOFIA (*rindo*) – Que horrendo mistério!

LINA – Zombas? Pois eu não te conto, má!

SOFIA – Se tua carinha está contando!

LINA – Pois dize o que é!

SOFIA – Ele te deu um heliotrópio que tu escondeste no seio, mas está aí aparecendo...

LINA – Só?

SOFIA – Heliotrópio significa “eu te amo!”. Sabias?

LINA – Ele me disse!

SOFIA – Olhem o sonso! E depois?

LINA – Jurou que seu amor seria eterno!

SOFIA – E tu?

LINA – Eu ... também jurei! Com a cabeça!

SOFIA – Estão adiantados! Nunca pensei que o tal Sr. Dr. Ribeirinho fosse tão animoso!

LINA – Se tu visses como ele estava trêmulo!...

SOFIA – E tua mãe já sabe disso?

LINA – Não tenho ânimo de lhe dizer!

SOFIA – Mas a ele tiveste ânimo?

LINA – Ele me perguntou, senão... Mas esta noite eu juro que hei de contar tudo, tudo, à mamãe.

SOFIA – Fazes muito bem!

LINA – Ainda não há muitos dias, ela me disse que hei de casar com quem for de meu gosto!

SOFIA – Então é negócio decidido!... Mas quando fizeram vocês tudo isso?

LINA – Enquanto foste tocar. Na janela...

SOFIA – Por isso eu o achei tão contente quando voltei.

LINA – Vamos, senão ele é capaz de ficar zangado por não me ver!

HELENA (*na porta do pavilhão*) – Que desgraça, meu Deus!

CENA X

Helena e Frederico.

FREDERICO (*vendo Helena*) – Ah! (*afasta-se*)

HELENA – O senhor não é filho do Sr. Ribeiro?... o Dr. Frederico!

FREDERICO – Sim, por quê?

HELENA – O senhor gosta de D. Lina?

FREDERICO – Que tem você com isto?

HELENA – Quer casar com ela? Mas isto vai matar a pobre Carolina!

FREDERICO – Que diz, mulher?... Qual é a causa desse espanto?

HELENA – Uma coisa horrível, que me faz tremer... Venha, que eu lhe digo! Aqui neste lugar para que ninguém nos ouça... Que desgraça!...

CENA XI

Meneses, Carolina, D. Paulina, Tavares, Vieira e Fernando.

CAROLINA (*ao braço de Meneses*) – Além disso, vivo tremendo por causa de Lina!

MENESES – Que tem ela?

CAROLINA – Tem mudado muito estes últimos dias. Às vezes muito contente; outras pensativa e distraída!... Tenho suspeitas horríveis de que ela já ame...

MENESES – A quem?

CAROLINA – Ao filho... do Ribeiro!

MENESES – Não se aflija! É a sua imaginação! Você precisa sair do Rio de Janeiro... Uma viagem lhe faria muito bem!

CAROLINA – Se eu não levasse a minha consciência na bagagem. (*desaparecem ao passo que outros aparecem ao lado oposto*)

TAVARES – Que remédio, D. Paulina, senão suportar! Com licença. (*Desvencilhando o braço a pretexto de tomar uma pitada*)

D. PAULINA – Pois olhe, Sr. Tavares, se não fosse meu marido ter certas letras cora o barão eu não ficava aqui um instante!

TAVARES – É o que eu sempre digo; as considerações sociais sujeitam a gente a muita cousa... (*Chega Vieira*)

D. PAULINA – Mas isto não se faz! Obrigar uma senhora a se misturar com uma mulher dessa casta! E verão que lhe há de tocar na mesa melhor lugar que a mim?

TAVARES – Será possível?

VIEIRA – Realmente toda a sociedade está indignada com o procedimento do barão! Que querem? O dinheiro dá muita cousa mas não dá educação!

D. PAULINA – Dizia, Sr. Tavares?

VIEIRA (*a Tavares*) – Ah! Sua filha está chamando-o.

TAVARES (*à D. Paulina*) – Um instante...

PAULINA – Também vou!

TAVARES – Nada; já volto!

VIEIRA – Fique, preciso lhe falar.

PAULINA – Deixe-me passar!

VIEIRA – Há de ouvir-me!

PAULINA – O senhor quer me comprometer?

VIEIRA – Quem se compromete é a senhora! Por que foge de mim, e nem ao menos me quer ouvir?

PAULINA – Porque vi o abismo em que ia cair... Já andavam falando de mim. Vá embora! Aí vem gente.

VIEIRA – Irei; mas receba esta carta que lhe escrevi receando que não lhe pudesse falar.

D. PAULINA – Não quero! (*Joga ao chão*)

VIEIRA – Se não a apanhar fica aí para quem quiser ler.

PAULINA – Que fique! (*volta-se*) Meu marido!

VIEIRA (*fugindo*) – Arranje-se agora com ele!

PAULINA – Infame! (*corre para apanhar a carta, o marido chega e lhe agarra pelo pulso; aparece Carolina e Meneses*)

FERNANDO – Dê-me esta carta!

PAULINA – Fernando!

FERNANDO – Cala-te, miserável! (*abrindo*)

MENESES (*à Carolina*) – Onde vai?

CAROLINA – Esconda-se!... (*a Fernando*) Esta carta me pertence!

FERNANDO – À senhora? Não é possível!

CAROLINA – Restitua-me, Sr. Fernando! não tem direito de a ler. (*recebe*) Pois o senhor não vê que um homem da qualidade do comendador Vieira só se animaria a escrever a uma desgraçada, como eu?... Lembra-se do que fui?...

FERNANDO – E como se achava a carta na mão de minha mulher!

CAROLINA – D. Paulina teve compaixão de mim e quis obrigar o Vieira a receber de novo esse indigno papel!

PAULINA – Envergonhe-se do conceito que faz de sua mulher!... Todos os senhores são assim; a menor coisa já suspeitam uma traição, um crime! Se me tivesse falado com brandura...

FERNANDO – É verdade o que a senhora diz, ou é um pretexto para defender?...
(à *Carolina*)

CAROLINA – Duvida!... Leia: “Se não fizer o que lhe peço se arrependerá. A senhora bem sabe que eu posso perdê-la agora mesmo e fazer sair desta casa corrida de vergonha.” — Então?...

FERNANDO – Que canalha!...

CENA XII

Os mesmos e o Barão.

BARÃO – Já estão com fome?... Pouco se demora!...

FERNANDO – Ouça barão! Para que admite o senhor em sua casa este Vieira?

BARÃO – Verá daqui a pouco!

FERNANDO – O senhor não sabe...

BARÃO – Ora!... (*aos criados*) Toque a música para chamar as pessoas que andam passeando!

PAULINA – A senhora vingou-se generosamente, salvando-me. Peço-lhe que me perdoe as ofensas que lhe fiz!

CAROLINA – Nada tenho que perdoar! O que a senhora fez outra faria!...

PAULINA – Quero que seja minha amiga... Promete?...

CAROLINA – Não sou digna... Aí vem, seu marido... Afaste-se para que ele não suspeite...

MENESES (*aparecendo*) – Carolina você é uma santa!

CAROLINA – Quer ajudar-me a salvá-la.

MENESES – Diga!

CAROLINA – O Vieira tem cartas dela e a ameaça...

MENESES – Basta! Eu as tomarei!

(Vêm chegando os convidados)

CENA XIII

Todos menos Frederico e Helena.

CAROLINA – Onde estará Luís?

MENESES – Não o vejo!

CAROLINA – Acho-o tão triste hoje! E Lina? Procure-a.

MENESES *(vendo Luís)* – Ah! Lá está ele!...

VIEIRA *(dando o braço a Sofia)* – Ora diga, D. Sofia, não é realmente mal empregada a riqueza em um labrego. Que brutalidade!... Fazer-nos jantar embaixo das árvores.

SOFIA – É mais fresco!...

TAVARES – Não é próprio de pessoas de certa posição!

MENESES *(à Lina no pavilhão)* – Que tem você, Lina?

LINA – Nada! Me deixe, Sr. Meneses.

MENESES – Por que separou-se das outras?

LINA – Fui eu?... Elas todas é que estão fugindo de mim! Até Sofia, tão minha amiga! Ainda há pouco... só me abraçando... e agora nem me fala!

MENESES – Deixe-se disto! Venha para junto de sua mãe! O jantar não tarda.

LINA – Não vou! Minha vontade é chorar!...

CRIADO *(alto)* – S. Ex. está servido!... *(correm-se as cortinas)*

BARÃO – Chamam-nos para a mesa, minhas senhoras; antes porém de nos sentarmos desejo dizer algumas palavras às pessoas que me fizeram a honra de aceitar o meu convite!

VIEIRA – Vai se dar ao desfrute!

BARÃO – Permitem?

VOZES – Ouviremos com o maior prazer!

MENESES – Seu padrinho vai fazer um discurso! Não quer ouvir? (*saindo do pavilhão para o jardim*)

LINA – Eu não! Estou zangada! (*fica no pavilhão*)

BARÃO – Meus senhores, eu sou um homem muito esquisito. Nasci pobre e até meus vinte e três anos nunca soube o gosto que tinha trazer no bolso cinquenta mil réis. De repente, tive acesso, como dizem lá no batalhão de que me fizeram comandante, fui promovido de pobre a rico. Sentei praça de caixeiro há quinze anos e já cheguei a barão. Por isso tenho ainda muito defeito da gente pobre, que ainda não pude perder!

MENESES – Prefiro estes defeitos ao teu dinheiro!

VOZES – Apoiado!

BARÃO – Ora um dos meus defeitos é gostar de ver as cousas direitas e no seu lugar. Tem-se dado nesta terra muito banquete a gente grande, políticos e ricos, mas não me consta que se tenha oferecido uma festa à virtude... Isto é, eu não pretendo dizer que aquelas pessoas não fossem virtuosas; como são também as que me fizeram a honra de vir hoje a minha casa... Mas eu quero a virtude... só, sem mais nada, de modo que... Meneses, tu bem me entendes ajuda-me a explicar isto!

MENESES – Todos nós compreendemos perfeitamente o pensamento do nosso amável barão!

VOZES – Sem dúvida!

VIEIRA (*baixo a Tavares*) – Menos eu!...

MENESES – Ele quer dizer que tencionando honrar a virtude e dedicar-lhe uma festa, de propósito escolheu a virtude pobre, obscura que depois de uma luta heroica subiu a maior altura à que pode chegar à santidade da mulher!... Buscou uma virtude singela e não adornada como a das senhoras presentes, pela posição, riqueza, formosura e outros dotes!

BARÃO – Justamente!

VOZES – Bravo! bela ideia!...

BARÃO – Aqui estão pessoas que eu muito respeito não só pelo lugar distinto que ocupam na sociedade, como pela sua inteligência e honradez! espero que

todas se unam a mim com prazer para prestarmos esta homenagem de consideração a uma digna esposa e mãe! Seu braço D. Carolina; o lugar de honra lhe pertence!

VOZES – Muito bem!... muito bem!

CAROLINA – Tenha dó de mim.

BARÃO – Aceite!

VIEIRA – Desceu, meu caro Sr. Tavares?

TAVARES – Confesso que não.

VIEIRA – O velho deu em gaitreiro!... (*rumor de conversa entre os convidados*)

MENESES – Que te disse eu? A sociedade já murmura pela boca de Vieira!

BARÃO – Do Vieira!... Então é a canalha! (*Fala a um criado o qual vai ao pavilhão buscar Helena*)

VIEIRA – Não tarda que os carroceiros feitos barões deem bailes para nos fazer dançar com as pretas da fazenda!...

BARÃO – Ainda não acabei, meus senhores. Sendo este jantar a festa da virtude é claro que não deve aqui estar a vergonha dos homens de quem se pode dizer tudo, mas eu me contento em dizer um nome! Chamam-no por zombaria o comendador Vieira!

VIEIRA – O senhor me insulta! (*Helena aparece*)

BARÃO – Eu o expulso!... Esta mulher...

VIEIRA – Helena!

BARÃO – Helena! sim, que foi sua companheira outrora e se emendou ocupará o lugar que a princípio lhe tinha reservado na mesa de meus criados, mas do qual vejo que ainda não é digno. O seu é na casa de correção.

VIEIRA – Entrego o que diz ao mais soberano desprezo. E me retiro por dignidade... própria. (*Risadas*)

BARÃO – Agora meus senhores, podemos jantar.

CAROLINA – Espere, meu amigo, não vejo Lina! (*Carolina solta-se do braço de Araújo e busca a filha entre o jardim; os convidados caminham para a mesa;*)

Meneses demora-se à espera de Lina; e o barão depois de chegar à mesa volta em busca de Carolina e chega no fim da cena em tempo. Enquanto isto correm as cenas seguintes o mais rápido possível)

CENA XIV

Lina e Frederico *(no pavilhão)*.

FREDERICO *(saindo)* – Ah!...

LINA *(sorrindo)* – Que susto me causou!...

FREDERICO *(quer fugir e volta)* – D. Lina, nunca mais a verei! Adeus e para sempre!...

LINA – Meu Deus!... Que tem o senhor...

FREDERICO – Um segredo terrível, que acabo de saber!

LINA – Que segredo!... Eu estou tremendo!...

FREDERICO – Adeus; esqueça-se deste infeliz!

LINA – Que lhe fiz eu, para me falar assim?

FREDERICO – Uma fatalidade pesa sobre nós!... Basta que eu a saiba e sofra!

LINA – E eu não sofro?... O senhor mata-me e nem me diz por quê!...

FREDERICO – Oh! sim! Devo confessar-lhe para que não me acuse... e se esqueça de mim!... Uma mulher que lhe viu nascer... ali... neste instante me contou. Nós somos, D. Lina!...

LINA – O quê? *(Carolina chega correndo)*

FREDERICO – Nós somos irmãos.

LINA – Irmãos!...

CAROLINA – Ah! *(grito pungente)*

LINA *(correndo a ela)* – Minha mãe... É verdade! Ele é...

CAROLINA *(caindo de joelhos)* – Perdão, minha filha!

CENA XV

Os mesmos e o Barão.

BARÃO (*no jardim sem vê-la*) – Carolina?

LINA – Desgraçada de mim!...

CAROLINA – Perdão!...

MENESES – Vês!

BARÃO – O quê?

MENESES – A mulher que reergueste perante a sociedade ali está rojando no pó aos pés de sua filha!...

(Lina desmaia nos braços de Frederico.)

ATO IV

Em casa de Luís. A sala do conhecido.

CENA I

Luís e Barão.

LUÍS – Imagina que noite horrível passou ela!... Agora está mais tranquila; porém ainda não quis ver a filha...

BARÃO – Maldita lembrança foi a minha de mandar a Helena para o tal pavilhão!

LUÍS – Não te aflijas, Araújo. Quando saí ontem da tua casa, vinha sucumbido; agora estou mais animado, achei o meio de remediar o mal.

BARÃO – Qual?

LUÍS – Verás; mandei chamar Lina e ela não deve tardar. Pobre menina! Seu desmaio que tanto nos assustou foi uma felicidade. Ela sabe apenas, que Frederico é seu irmão!

BARÃO – Esse pouco!...

LUÍS – É preciso porém que ela não veja mais o Frederico. A Helena contou tudo!...

BARÃO – Que tinha aquela bruxa de meter-se nisso. Há de ser ruim toda sua vida!

LUÍS – Coitada! Ficou tão fora de si ouvindo Lina falar em seu casamento com... o irmão!...

BARÃO – Viesse prevenir-me.

LUÍS – Nem tudo ocorre (*sentindo passos*) Aí vem Lina. Julgas Araújo que um médico deva mentir para salvar o doente?...

BARÃO – Homem... Se não há outro meio!

LUÍS – Então posso eu também mentir para salvar minha filha.

CENA II

Os precedentes e Lina.

BARÃO – Está melhor, Lina?

LINA – Já estou boa, meu padrinho.

BARÃO – Mas acho-a ainda tão abatida... Acabou de chorar!

LINA – Chorei à toa.

LUÍS – Minha filha, mandei te chamar para falarmos à respeito do que soubeste ontem sobre esse moço... o Frederico...

LINA – Para que papai; eu sofro tanto quando me lembro disso!... Minha vontade é esquecer tudo; mas não posso!

LUÍS – O amor de irmão é tão doce, Lina!

LINA – Oh! eu desejava bem ter um irmão; mas queria que fosse outro e não o Sr... o Sr. Ribeirinho!

LUÍS – É natural essa repugnância; com o tempo te habituarás... Mas devo-te revelar o segredo...

LINA – Não, papai! Não quero saber nada mais! Basta já o que mamãe tem sofrido! (*espanto do barão*)

LUÍS – Tua mãe se agoniza por ver sua filha triste e chorosa!

LINA – Só?... Mas eu ficarei alegre; eu prometo! Vou dizer-lhe que não estou mais triste!

BARÃO – Espere, ouça primeiro a seu pai!

LINA – Não é preciso!

LUÍS – É muito; para que me possas perdoar o desgosto que te causei!

LINA – Papai?...

LUÍS – Sim. Antes de conhecer tua mãe tive a infelicidade de amar a uma senhora... a mãe de Frederico...

LINA – Então ele é...

LUÍS – Meu filho!

LINA – E por que não tem seu nome? E não vive em nossa casa?

LUÍS – Não podia lhe dar um nome e chamá-lo para minha companhia sem fazer a desgraça de sua mãe. Resignei-me a amá-lo de longe. Como poderia eu imaginar que sucedesse...

LINA – Bom papai!... Acabou-se?... Esqueça-se disso!

LUÍS – E tu me perdoas?

LINA – Onde é que já se viu um pai pedir perdão à sua filha?

LUÍS – Quando é culpado!

LINA – Eu não sei se é, nem quero saber!

BARÃO – Bravo, minha afilhada! Muito bem! Eu já sabia que você era uma menina de muito juízo; mas agora vejo que já é uma senhora!... Ora uma senhora precisa de uma mucama para sua companhia... Faça-lhe presente da Gertrudes!...

LINA – Mas, papai!...

LUÍS – O que é?

LINA – Por que mamãe ontem também me pediu perdão de joelhos?...

BARÃO – Não admito que se fale mais disso!

LINA – Eu quero saber.... Foi de tudo o que mais me afligiu!

LUÍS – Eu te digo, Lina. Quando nos encontramos a primeira vez com Frederico e que ele dançou contigo, eu quis te confessar; tua mãe se opôs. Ontem arrependeu-se.

LINA – Ah! meu bom pai!... *(abraça-o)* Agora vou abraçar também a minha querida mamãe! Ainda hoje não a vi!

LUÍS – Ela está dormindo agora; passou mal a noite com o susto que teve do teu desmaio! Vai-te distrair; estudar a teu piano.

LINA – Hoje não tenho gosto!

LUÍS – Vai! *(leva-a para o piano e volta ao barão)* Então?

BARÃO – Muito bem!

LUÍS – Agora é necessário que o Ribeiro de seu lado nos ajude! Bem podias procurá-lo de minha parte.

BARÃO – Já, neste instante!

LUÍS – Compreendes bem? Silêncio do filho e...

BARÃO – Deixa ao meu cuidado! *(Sai — Luís vai sair)*

LINA – Olha, papai!... Eu entrarei devagarinho, para não acordar mamãe. Quero só vê-la; sairei logo!

LUÍS – Espera um momento; eu te chamarei!

CENA III

Lina e Frederico.

(Lina tira uns arpejos frouxos do piano)

FREDERICO *(entrando)* – D. Lina!...

LINA *(erguendo-se)* – Meu Deus!... Papai!

FREDERICO – Escute D. Lina! Não se assuste!

LINA – Eu não quero ver mais o senhor!

FREDERICO – Por quê?... ouça! Foi um engano daquela mulher!... Meu pai agora mesmo me contou tudo, e eu corri para lhe dar a notícia!... Veja como estou chorando de alegria.

LINA – Mas de quê? Que foi que seu pai lhe disse?

FREDERICO – Que eu não sou seu irmão, Lina!

LINA – É verdade, Sr. Frederico? Não está me enganando?

FREDERICO – Não sou capaz de lhe enganar!...

LINA – Me desculpe! Sou tão feliz, que duvido!...

FREDERICO – Eu lhe juro sobre a palavra de meu... daquele que eu amo e respeito como pai, porque é o seu D. Lina!

LINA – Que aflição, meu Deus! Não compreendo! Não posso... Meu pai agora mesmo me disse...

FREDERICO – De qual fala? Daquela que considera seu pai por ser marido de sua mãe, ou de seu verdadeiro pai, que me adotou e criou?...

LINA – Ah!...

FREDERICO – Que tem, D. Lina! Por compaixão!...

LINA – Então meu pai... o marido de minha mãe, não é meu... meu pai!... Responda, senhor!

FREDERICO – Pois não sabia? Sua mãe não lhe contou?

LINA – À mim?...

FREDERICO – A senhora não estava convencida que éramos irmãos?...

LINA – Meu pai me disse que o senhor é seu filho!

FREDERICO – Eu!...

LINA – Agora compreendo tudo!... Foi por isso que minha pobre mãe caiu de joelhos quando eu lhe perguntei, e desde ontem recusa me ver!

FREDERICO – Para que disse eu?

LINA – Não devia dizer. Nunca se diz mal de sua mãe a uma filha!

FREDERICO – Oh! me perdoe!...

LINA – Meu pai adivinhou o que eu havia de sofrer por minha mãe, sabendo... ocultou-me tudo... Disse-me que o senhor era seu filho... como eu. Acreditei na sua palavra e ainda acredito!

FREDERICO – Mas seu verdadeiro pai me assegurou...

LINA – Não o conheço!

FREDERICO – Ele não tarda!

LINA – Que vem fazer aqui?

FREDERICO – Pedir sua mão, D. Lina, para mim, seu filho adotivo.

LINA – Corra e lhe suplique de joelhos que não venha! Nós somos irmãos, filhos do mesmo pai! Ele me disse e eu creio nele como em Deus. Ele não mente!

FREDERICO – Mas pode enganar-se! Quer uma prova?...

LINA – Não! não!

FREDERICO – Leia esta carta que o Sr. Viana escreveu à seu pai na véspera de casar-se, exigindo que restituísse a senhora à sua mãe!

LINA – Não me compreendeu!... Nós somos irmãos! Assim é forçoso! Uma mãe não pode corar diante de sua filha. Eu devo esquecer e ignorar tudo quanto o senhor me disse!

FREDERICO – E nosso amor!

LINA – Seja eu desgraçada, Sr. Frederico; mas não aquela que me deu o ser.

FREDERICO – Ela não pode ser desgraçada vendo sua filha feliz!... Saiba que seu pai me adotou na esperança de casar-me com a senhora e de ter assim um dia o direito de tornar à chamá-la sua filha!...

LINA – Nunca!

FREDERICO – Não seja cruel, D. Lina!

LINA – Se esse homem que o senhor chama meu pai e que eu não conheço vier aqui e descobrir que não somos irmãos, juro-lhe que não o verei mais...

FREDERICO – D. Lina!

LINA – Não! Porque morrerei com minha mãe! (*sai*)

FREDERICO – Que fatalidade, senhor! (*sai*)

CENA IV

Sofia e Carolina.

SOFIA (*na porta e para fora*) – Sim, meu pai. Passe na volta para me levar.

CAROLINA – Adeus, D. Sofia!

SOFIA – Oh! D. Carolina, não a tinha visto. E Lina?

CAROLINA – Passou melhor; mas ainda está muito abatida e nervosa. Fez bem em vir lhe fazer companhia. Ela é muito sua amiga!

SOFIA – E eu dela!

CAROLINA – Eu sei, e tenho muito prazer com isso. Lina pode perder sua mãe de um momento para outro... talvez mais cedo do que pensa... e então sempre é um consolo para mim saber que lhe fica uma irmã.

SOFIA – Não pense nisso, D. Carolina!

CAROLINA – A senhora será uma irmã para ela, me promete?

SOFIA – Já sou; mas deixe estas ideias tristes!

CAROLINA – Se ao menos Luís se tornasse a casar, ela teria uma segunda mãe... porém ele não há de querer, talvez por consideração a mim!...

SOFIA – Que prazer acha a senhora em estar a se afligir deste modo, sem causa.

CAROLINA – Não me aflige a ideia de morrer, não, D. Sofia. Morrer é descansar... Mas quando eu já não estiver neste mundo, lembre-se desta conversa que talvez seja a última...

SOFIA – A senhora me assusta.

CAROLINA – Se Luís tiver escrúpulos de casar-se outra vez, diga-lhe o que me ouviu, — “que minha alma o abençoará do outro mundo, se ele der a minha filha uma segunda mãe boa e virtuosa, como... como a Sr.a D. Sofia!”

SOFIA – D. Carolina!...

CAROLINA – Vá ver Lina; mas não lhe fale do que sucedeu ontem; ela está muito apreensiva; procure distraí-la.

SOFIA (*saindo*) – Sim, senhora.

CENA V

Meneses e Carolina.

MENESES – Por que se ergueu da cama, Carolina?

CAROLINA – É necessário!...

MENESES – Luís não devia ter consentido!

CAROLINA – Ele não me viu; pensa que estou deitada. Obteve as cartas?...

MENESES – Aqui estão, com um retrato!

CAROLINA – Ah! obrigado meu amigo. Acenda-me uma vela!...

MENESES – O tal Vieirinha custou à desistir da hipoteca que tinha sobre a D. Paulina!...

CAROLINA – Não zombe assim da honra de uma senhora, Meneses, ao menos diante de mim!...

MENESES – Desculpe, Carolina!

CAROLINA – Mas afinal como obteve que lhe entregasse?... E entregaria todas?... É capaz de ter ficado com algumas...

MENESES – Não tenha receio. Araújo possuía um autógrafo precioso do nosso comendador, o qual apresentado à polícia bastava para mandá-lo em 24 horas para a casa de correção e em 3 meses para Fernando de Noronha... (*acende a vela*) Munido dessa arma poderosa apresentei-me em casa do Vieirinha que se dignou abrir-me todas as gavetas e cômodas. Aí no seu grande arsenal de conquistador, achei entre flores secas, anéis de cabelos, retratos e epístolas, o que procurava.

CAROLINA – Outra vez obrigada, Meneses!... Já que não pude defender a minha, salvarei a honra dessa senhora! (*Queima os papéis*)

MENESES – Custa caro à sociedade a honra de D. Paulina!

CAROLINA – Por quê?

MENESES – Demorou a punição de um tratante!

CENA VI

Os precedentes, D. Francisca e o afilhado.

D. FRANCISCA – Vou entrando, porque estou cansada de bater. (*Cortesia seca aos dois.*)

CAROLINA – Sabe que tem toda a liberdade nesta casa!

D. FRANCISCA – Preciso falar-lhe em particular, D. Carolina.

CAROLINA – Fale D. Francisca. O Meneses é nosso amigo velho e para ele não temos segredos.

D. FRANCISCA – Bem; era pela senhora! Cá por mim, pouco se me dá!

MENESES – Ia me retirar; mas como o segredo interessa à Carolina, fico. Pode falar sem susto, D. Francisca.

D. FRANCISCA – O senhor dirá se tenho razão. Ontem chegando em casa achei uma carta anônima, que eu não lhe devo mostrar porque traz cousas horríveis contra a senhora.

CAROLINA – Que mal faz? Deixe-a ver!

D. FRANCISCA – Não a trouxe, e nem lhe falaria dela se não fosse tocar em um ponto que me interessa, o futuro de minha filha. A carta diz que o Pinheiro... Não se zangue...

CAROLINA – Por que motivo? A senhora repete apenas o que leu.

D. FRANCISCA – Há certas cousas que costumam repetir, mas enfim é preciso. A carta diz que a senhora aqui há anos teve relações com o Pinheiro e o arruinou... É verdade?...

MENESES – Senhora!... Bem fiz eu em ficar!

CAROLINA – Não se altere, meu amigo!

D. FRANCISCA – Queira perdoar! Eu suspeitei logo que houvesse aí alguma intriga; mas desejava ouvir isso mesmo da senhora... para meu sossego. Vejo agora que não passa de uma miserável calúnia!

CAROLINA – Não, D. Francisca. Tudo que lhe escreveram... é verdade!

D. FRANCISCA – A senhora confessa?

MENESES – Carolina!

CAROLINA – Não sei mentir!

D. FRANCISCA (*erguendo-se*) – Então muito agradecida pela peça que me pregou! O dote de Amélia é que devia pagar ao Pinheiro a sua dívida!

CAROLINA – Quando a senhora me pediu que arranjasse um casamento para sua filha, o que me disse? “Que desejava casá-la antes de tudo com um homem de bem, embora pobre e sem posição.” Não é exato?

D. FRANCISCA – A que vem isto agora?

CAROLINA – Eu conhecia um homem de bem, que tinha lutado corajosamente contra a miséria e aprendera na desgraça...

MENESES – Um exemplo que eu admiro no meio da corrupção atual.

CAROLINA – Lembrando-me dele para marido de D. Amélia referi tudo quanto eu sabia de sua vida, ocultando somente o nome da desgraçada que o tinha reduzido à miséria. Pensei que não fosse necessário curtir essa vergonha... Enganei-me; não devia subtrair-me a ela!...

D. FRANCISCA – Bem; eu não tenho mais que fazer aqui.

CAROLINA – É justo que me ouça! Se esse moço fosse arruinado por outra mulher eu teria o direito de o proteger e recomendar; mas como eu fui a própria autora de sua desgraça, não posso, não devo reparar o mal que lhe causei!... Seria uma indignidade, uma peça...

D. FRANCISCA – Não quis lhe ofender dizendo isto...

CAROLINA – O Pinheiro é um homem de bem e digno de pertencer à sua família; a senhora o provou com a estima em que o tem, sua filha com a afeição que lhe consagra!... Que importa o ente desprezível que serviu para os reunir?... Despreze-me embora, rebaixe-me na sua estima, porém não faça a infelicidade de duas criaturas que se amam!

D. FRANCISCA – Tem muita razão! Eu é que sou de um gênio meio arrebatado; não faça caso do que disse, D. Carolina. Suponha que nada houve entre nós!...

CAROLINA – Eu lhe agradeço... por eles!

MENESES – Agora permita-me também uma palavra, D. Francisca. Desconfio que essa carta anônima seja de um célebre comendador Vieira...

D. FRANCISCA – E não é de outro!

MENESES – Desejo vê-la!

D. FRANCISCA – Vá a minha casa. Eu lhe mostrarei!

MENESES – Será a última infâmia que ele pratique impunemente.

D. FRANCISCA – Adeus, D. Carolina, não posso demorar-me... Até outra vez, Sr. Meneses. (*Sai*)

CENA VII

Carolina e Meneses.

MENESES – Em que pensa, Carolina!

CAROLINA – No meu destino, Meneses. Preciso morrer!

MENESES – Abandone, semelhante ideia, Carolina. Eu lhe ordeno em nome do dever!

CAROLINA – É o dever que me condena. Você me conhece, Meneses; eu não era capaz de afligi-lo com essa triste notícia, se ela não lhe anunciasse uma resolução inabalável!

MENESES – Bem, Carolina!... Neste caso eu assumo a autoridade que me dá o meu título de homem honesto e amigo dedicado para impedir por todos os modos que você realize semelhante ingratidão!

CAROLINA – Pensa que eu pretendo suicidar-me?

MENESES – Suas palavras...

CAROLINA – Para morrer não careço de ferro, nem de veneno! Olhe para mim! Não vê que eu já trago a morte comigo, dentro deste corpo; sou mais que uma moribunda, sou uma defunta viva! O que ainda me sustenta é a vontade; quero viver algumas horas ainda! Quando essa vontade me abandonar, terei acabado de morrer!...

MENESES – Eu a desconheço, Carolina! Você tão forte e resignada com a desgraça, sucumbe agora que chegava ao fim de seus sofrimentos!

CAROLINA – Fui e sou forte para a minha própria desgraça; mas para a desgraça daqueles que amo, sou pusilânime e fraca! Sofri resignada a expiação do meu erro, porém não posso sofrer as dores de que sou causa infeliz! Minha filha me despreza. Luís já não me ama!

MENESES – Luís ainda não lhe confessou?... Ele a ama. Ele a adora! Teve um instante de loucura, uma vertigem, mas cairá de novo à seus pés confuso e envergonhado!

CAROLINA – Não é possível, meu Deus! Se fosse... ele me teria dito!...

MENESES – Teve medo de dizer; queria provar!

CAROLINA – Oh! não é necessário!

CENA VIII

MENESES – Vem, Luís, vem dizer a Carolina que é verdade que tu a amas?...

LUÍS (*agitado*) – Para que saiu do quarto? Viu Lina?...

CAROLINA – É verdade, Luís!

LUÍS – Eu não queria confessar-lhe, Carolina, senão depois que me tornasse digno do seu perdão!... Não bastava meu arrependimento, era necessário apagar em seu espírito à força de adoração, a lembrança de um crime!

CAROLINA – Está apagada, Luís. Creio que ela nunca aí esteve; o que eu tinha no coração era sim o pesar de o fazer infeliz!

LUÍS – Minha boa Carolina!... Ainda temos de ser muito, muito felizes!

MENESES – Acredito! No seio da família que é onde está a verdadeira felicidade!

CAROLINA – Para mim não! Já não há felicidade neste mundo! Nem mesmo no berço para onde me apontaste outrora, Luís! Minha filha!... É preciso que eu morra por ela e para ela!...

LUÍS – Que desespero é esse, Carolina? Atenda!...

CAROLINA – Julga que eu possa viver, depois de confessar à Lina a minha vergonha! Porque é necessário que eu lhe confesse, que me arraste pelo chão à seus pés pedindo-lhe perdão... Seja este o maior e o último castigo, o suplício que de uma vez me acabe!...

LUÍS – Sossegue; Lina está tranquila e resignada!...

CAROLINA – Mas quando ela perguntar-me por que é irmã de...

LUÍS – Não lhe perguntará; ela já o sabe.

CAROLINA – Então!...

LUÍS – Ouça! Ela sabe que Frederico é meu filho! Eu lho disse; e o Ribeiro o confirmará. Lina está perfeitamente convencida. Quando voltei ao quarto para lhe prevenir, pareceu-me que você dormia, Carolina. E por isso me assustei encontrando-a aqui!

MENESES – Resolveste uma grave dificuldade!

CAROLINA – Mas tenho eu o direito de subtrair-me a este castigo do meu erro?

MENESES – Tem o dever de não amargurar o coração de sua filha!

CAROLINA – E se de um momento para outro ela vier a saber a verdade?...

LUÍS – Preveni tudo. Havemos de viver d'agora em diante mais encerrados na família e na verdadeira amizade; além disto amanhã voltaremos para a roça. Aí vive-se isolado do mundo, e por isso mais perto de si e dos seus!

MENESES – Antecipaste a minha lembrança.

CAROLINA – Acreditam então que ainda Deus me reserva sossego e ventura neste mundo?

MENESES – Decerto!...

LUÍS – Eu te juro, Carolina!

CAROLINA (*assustada*) – Um carro!

LUÍS – Há de ser Araújo!

MENESES (*na janela*) – É o Ribeiro!

LUÍS – Que lembrança de Araújo, trazer aqui esse homem. Não lhe faz mal sua presença, Carolina?

CAROLINA – Oh! não Luís! Trata-se de tua e minha filha! Não sei que me diz o coração!...

CENA IX

Os precedentes, Barão e Ribeiro.

BARÃO (*entrando*) – Alegrem-se!... Uma com que ninguém contava.

LUÍS – O quê?

RIBEIRO – Frederico não é meu filho!

MENESES – Nesse caso Lina?...

RIBEIRO – Não é sua irmã.

CAROLINA – Ah!...

RIBEIRO (*a Luís*) – Quando o Sr. Viana exigiu de mim o sacrifício de restituir a filha à ternura de sua mãe, eu não podia deixar de acompanhá-la de longe com o meu amor. Por esse tempo faleceu na Europa meu irmão, deixando em Campos onde residia um filho órfão de sete anos; eu o adotei e trouxe para minha companhia. Quando partiu meu irmão, ele tinha apenas dois anos; disseram-lhe que seu pai ia chegar e ele me abraçou como tal.

LUÍS – Mas o Sr. Ribeiro devia ter refletido no inconveniente deste segredo quando seu filho frequentava uma sociedade na qual Lina aparecia!

RIBEIRO – Permita que lhe confesse uma franqueza minha. Adotando esse menino por meu filho, meu desejo era uni-lo algum dia aquela de quem me separei para sempre; e reivindicar assim o direito de chamá-la minha... filha.

LUÍS – Devia ter-me prevenido e consultado.

RIBEIRO – Preparava-me para isto; tinha ontem adquirido a certeza de que Frederico amava seriamente, quando sem esperarmos...

BARÃO – Felizmente tudo acaba bem! Vou chamar minha afilhada para dar-lhe a alegre notícia!...

CAROLINA – Chame-a, sim, Araújo. Seja ela feliz, embora eu morra de vergonha a seus pés!

MENESES – Espera (*a Araújo*). Que pretende você fazer Carolina? Confessar a Lina...

CAROLINA – Tudo, tudo, e neste instante!

LUÍS – Não consinto!

CAROLINA – Mas, Luís, meu coração não pode sofrer que Lina se julgue desgraçada nem mais um momento, quando a alegria e a felicidade lhe sorriem... Ela ama Frederico e está convencida que ele é seu irmão!...

MENESES – Talvez o melhor fosse não perturbar essa convicção, pelo menos já. Estes choques frequentes para uma jovem imaginação!...

RIBEIRO – Mas, Sr. Meneses, eles se amam... tanto; e Frederico que já sabe!...

LUÍS – Há um meio de arranjar tudo. Direi a Lina que o Sr. Ribeiro desfez o engano em que estávamos. Frederico não é o menino que eu julgava meu filho.

BARÃO – Aprovo.

RIBEIRO – Muito bem!

MENESES – Tomem o meu conselho!

CAROLINA – Deus condena a mentira!... A mãe culpada deve humilhar-se em face da filha, para sua punição! Eu não quero um dia, quando ela venha à saber, porque eu mesma não tenha mais força de lhe esconder... não quero juntar à

vergonha de meu erro, a cobardia da mentira. Se até hoje meu silêncio para ela foi simples receio e pudor, daqui em diante será uma hipocrisia vil! De que serve enganá-la?... Minha filha há de ver no rubor de minhas faces, no tremor de minha voz, no remorso de minha alma a verdade terrível! Deixa-me, Luís, deixa-me ir lançar de uma vez a seus pés!...

LUÍS – Oponho-me com todas as forças!

CAROLINA – Seja ela feliz!...

CENA X

Os precedentes e Frederico.

FREDERICO (*entrando com precipitação*) – Meu pai!

RIBEIRO – Que tens, Frederico? Estás tão perturbado!

FREDERICO – Venha, não se demore! Eu lhe suplico...

RIBEIRO – Realmente tu me assustas. Não te lembras já do que me trouxe aqui?

FREDERICO – Por isso mesmo...

RIBEIRO – Estávamos justamente tratando de tua felicidade; chegaste à propósito...

FREDERICO – Todos já sabem?... E Lina também?...

RIBEIRO – Ela ainda não.

FREDERICO – Meu Deus... Estou perdido...

RIBEIRO – Por quê?

FREDERICO – Eu vinha mesmo para lhe pedir que nada dissesse... corri à casa e já não achei meu pai; soube que tinha saído com o Sr. barão... cheguei tarde... Ela não me perdoará!

CAROLINA – Ela quem?

FREDERICO – Lina!

RIBEIRO – Não te compreendo!... Lina te ama e não te perdoará quando souber que não é tua irmã, e pode ser tua esposa.

LUÍS – Realmente é incompreensível.

BARÃO – Há aqui algum mistério...

FREDERICO – Eu lhe rogo meu pai, e aos senhores, não declarem a Lina que eu não sou seu irmão. Ela morreria!... Depois, talvez!...

CAROLINA – Mas... o senhor esteve com a Lina hoje, já lhe falou?...

FREDERICO – Não sei, não me pergunte semelhante coisa.

CAROLINA – Ah!... Minha filha já sabe tudo! Ele lhe disse!...

FREDERICO – Não! não!...

MENESES – As suas reticências diante de uma mãe aflita são cruéis, senhor; diga-nos o que se passou e que debalde tenta ocultar; há no seu coração materno, como na amizade que o rodeia, bastante resignação e coragem para resistir à mais esse golpe que nos ameaça!

FREDERICO – Eu bem queria falar; mas não posso.

LUÍS – É escusado o silêncio!

CAROLINA – Meu coração já adivinhou!

MENESES – E Lina nos dirá o que aconteceu!

LUÍS – Vou chamá-la!

FREDERICO – Oh! Não a chame!... Eu contarei tudo, mas não mostrem à ela que o sabem... a senhora sobretudo!

CAROLINA – Fale por compaixão.

RIBEIRO – Eu te ordeno, Frederico!

FREDERICO – Quando meu pai declarou-me que eu não era irmão de Lina, fiquei tão fora de mim com a alegria dessa notícia, que corri até aqui para falar com o Sr. Viana! Achei Lina nesta sala...

CAROLINA – E disse-lhe tudo... tudo!...

FREDERICO – Eu pensei que ela já sabia...

CAROLINA – E minha filha... amaldiçoou-me?

FREDERICO – Ela?... Não quis acreditar-me... Seu pai lhe tinha dito que eu era seu filho, e seu pai não mentia... Devíamos ficar irmãos, para que sua mãe não sofresse!... Mandou-me que fosse lhe suplicar, meu pai, para que nada revelasse... Enfim...

CAROLINA – Acabe!...

FREDERICO – Jurou que se meu pai proferisse uma palavra, nunca mais eu a havia de ver... morreria com sua mãe!...

CAROLINA – Oh! minha filha!...

BARÃO – Ela aí vem! Quero abraçá-la!

FREDERICO – Silêncio, por piedade!...

CENA XI

Os precedentes e Lina.

LINA – Mamãe!

CAROLINA – Minha filha!... Tu sacrificavas a tua felicidade ao sossego de tua mãe!...

LINA (*voltando-se para Frederico*) – Nunca mais!... Eu o jurei!...

FREDERICO – Perdão!

CAROLINA – Ainda me amas, Lina?

LINA – Agora, mil vezes mais, porque sei quanto mamãe tem sofrido!

CAROLINA – Abençoada por minha filha!... Então posso viver, meu Deus!... Viverei para ser testemunha de tua felicidade!... Seremos agora três para te amar...

RIBEIRO – Três!...

CAROLINA – E ele também!

LUÍS – Sim!

LINA (*com terror*) – Não, mamãe. Esse homem, não!...

RIBEIRO – Meu castigo! Adeus, Frederico, sê feliz! (*sai*)

LINA (*atirando-se aos braços de Luís*) – Meu pai!...

LUÍS – Anjo!

MENESES – Anjo, sim... (*à Carolina*) de perdão para a vítima; de maldição para o culpado.

FIM

PÓS-ESCRITO

Meu pensamento escrevendo em 1858 a comédia que tem por título — As asas de um anjo—, foi esboçar a vida da Madalena moderna, a Madalena do ouro, filha da sociedade atual.

Devia percorrer essa existência tumultuária, desde o dia em que o anjo perdendo as asas cai no pó até o momento em que, depois de haver rojado, como a larva pelo chão, se transforma enfim e eleva à celeste mansão da virtude.

Havia aí duas ideias bem distintas, dois dramas, o erro e a expiação. Não seria possível incluí-las em uma só comédia; as ações eram diversas, pelo tempo, pela cena, pela revolução profunda no caráter de alguns personagens.

O drama não é como por aí o fazem às vezes, uma série de quadros ou painéis brilhantes, poeticamente dialogados, mas uma página da vida humana que a lógica inflexível das paixões não permite truncar.

Concluiu-se por isso a primeira comédia com o arrependimento, deixando no epílogo dela o prólogo e argumento da segunda. Assim viriam ambas a formar a duologia da pecadora na sociedade atual.

A Madalena do evangelho foi presa da paixão veemente; por isso no dia do arrependimento, quando abraçou com fé robusta os pés do Redentor, tudo lhe foi perdoado porque ela tinha muito amado.

A Madalena do mundo é uma vítima do ouro, abjura do amor e relapsa na cupidez; embora contrita e arrependida só remirá sua culpa quando tiver amado muito e portanto muito sofrido.

A primeira época da vida de Carolina, As Asas de um anjo, foi censurada por espíritos bem reputados em literatura. O casamento final para alguns é um monstro da imaginação do autor que fantasiou à seu bel-prazer um amor puro pela mulher só capaz de excitar o desejo sensual; outros consideraram esse casamento como uma recompensa ao arrependimento e portanto um perdão do erro.

A Expição é a resposta a estas censuras: aí está o desenvolvimento da ideia incubada no epílogo das Asas de um Anjo.

O amor de Luís que acompanha Carolina durante seu eclipse e tenta regenerá-la pelo casamento é sem dúvida um monstro; mas não do espírito do autor; é um monstro do coração humano; é a paixão indomável das organizações fortes,

crescendo com as lutas e sacrifícios, e de repente extinguindo-se, mal entram no domínio da vida real. Há n'alma, como na atmosfera, uma eletricidade que só brilha e fulmina quando rudemente agitada. Nas almas da têmpera de Luís as descargas elétricas devem de ser violentas.

Quanto à outra censura, não foi decerto para recompensar Carolina que desde o prólogo se revela o amor romanesco de Luís, amor que percorre toda a gama de paixão desde a veneração até o desprezo, desde a indignação até o heroísmo de um matrimônio, reputado vergonhoso. Não; esse casamento é a última e cruel punição do anjo decaído; é mais que a punição é a expiação do passado.

O pensamento não podia ser mais claro.

Enquanto o marido for um irmão apenas, como ele o disse, o que será essa união? Para Carolina o tantalismo de um amor partilhado e não satisfeito! Para Luís a luta de um homem só contra a sociedade inteira. Para ambos o desprezo e sarcasmo do mundo, que tolera, disfarça algumas vezes, mas não esquece.

Se mais tarde, o que é provável, o amor puro e regenerador de Luís descer a realidade do amor conjugal, Carolina achará no toro, em vez dos castos prazeres, um suplício de vergonha e abjeção. Pungida pelas recordações amargas ela se revolverá no leito de Procusto durante as longas noites de insônia, dilacerando sua alma nos espinhos da tribulação. Depois de se haver torturado assim em holocausto à paixão do marido, a vítima expiatória da sensualidade se erguerá para beber o fel do desprezo que transuda do homem torpemente saciado.

Súbito, o amor ardente do marido, se apaga como chama fugace; mas o coração vigoroso e jovem tem sede de vida. Luís ama outra mulher: a vergonha e o remorso de sua perfídia o irrita, porque ele é honesto; a paixão o esvaíra. Quem sabe? Talvez em um momento de delírio, insulte sua mulher.

E a filha!...

Se um dia a casta e inocente menina ler no sorriso de escárnio a vergonha de seu nascimento; se uma voz lhe murmurar ao ouvido que é sua própria mãe quem lhe corta em flor as mais belas esperanças e a rejeita da sociedade honesta; a filha não terá um momento de delírio, uma revolta do coração puro, um grito de indignação para acusar aquela à quem deve a vida e também o infortúnio!

Eis esboçado o pensamento da Expição. Eu a entrego à cena, da qual foi violentamente arrancada sua irmã.

Será ela mais uma vítima ao minotauro? Mais um livro sacrificado em holocausto à indiferença pública, que tantos outros tem devorado?

Habent sua fata libelli.

Este terá o seu!

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1865.

J. de Alencar